Universidade do Porto

Faculdade de Ciências do
Desporto e de Educação Física

Orientação desportiva

em crianças e jovens nas modalidades de Andebol, Basquetebol e Voleibol

Maria Luísa Dias Estriga

Outubro de 2000

M

Universidade do Porto

Faculdade de Ciências do
Desporto e de Educação Física

Orientação Desportiva

em Crianças e Jovens nas Modalidades de Andebol, Basquetebol e Voleibol

Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências do Desporto, na área de especialização em Treino de Alto Rendimento Desportivo.

Autora: Maria Luísa Dias Estriga

Orientador: Prof. Doutor José António Ribeiro Maia

Co-orientadora: Profª. Doutora Maria do Céu Taveira

Outubro de 2000

À minha mãe

Bem haja o sentimento do verdadeiro amor e da identidade espiritual.

Agradecimentos

Para que fique escrita e "autenticada" a dívida de gratidão que tenho para com aqueles que contribuíram para a concretização deste trabalho.

Ao Prof. Doutor José Maia agradeço a orientação científica, o rigor e pertinência das suas observações, a inspiração, os conselhos e a partilha da sua experiência. Hoje e amanhã, espero saber e ser capaz de reconhecer e agradecer todos os ensinamentos e a confiança em mim depositada. Agradeço a amizade.

À Profª. Doutora Maria do Céu Taveira agradeço a co-orientação, a total disponibilidade e o interesse demonstrado. As sugestões científicas e a partilha do seu conhecimento foram uma constante na sua orientação.

Agradeço a todos os docentes, treinadores/seleccionadores que graciosa e responsavelmente responderam aos questionários. Sem eles, com certeza, não existiria material apropriado ao desenvolvimento da pesquisa que pretendíamos realizar.

Agradeço à Dra. Filomena Santos e ao Dr. Carlos Jorge, da Federação Portuguesa de Andebol, o interesse, a disponibilidade para discutir os problemas da selecção de atletas, a colaboração no preenchimento dos questionários e a cedência de documentação técnica federativa.

Ao Mestre Eurico agradeço a disponibilidade para quaisquer esclarecimentos, a cedência de documentos associativos/federativos e o apoio no preenchimento dos questionários.

Ao Mestre Dimas Pinto agradeço o incansável apoio no preenchimento dos questionários e a discussão da problemática em pesquisa no Basquetebol. Agradeço a amizade.

À Profª. Doutora Isabel Mesquita agradeço a disponibilidade e o apoio no preenchimento dos questionários.

Ao Prof. Doutor Carlos Moutinho agradeço o interesse a discussão da problemática em estudo no Voleibol e o apoio no preenchimento dos questionários. Agradeço a amizade.

Ao Prof. Doutor Amândio Graça agradeço o interesse e a disponibilidade. Agradeço a amizade.

Ao Prof. Doutor António Cunha, "o meu chefe", agradeço a confiança, o incentivo e o constante apoio.

Ao Dr. José Ireneu agradeço a confiança, o constante incentivo e interesse, os conselhos, o tempo para ouvir e a amizade.

Ao Dr. José António e ao Dr. Paulo Queirós, colegas de Gabinete, agradeço o apoio quotidiano e a amizade.

Ao Prof. Doutor António Manuel agradeço o constante interesse, as sugestões e bibliografia.

Ao Prof. Doutor António Marques agradeço o interesse, incentivo, esclarecimentos e disponibilidade.

Ao Prof. Doutor Jorge Mota agradeço o interesse, o incentivo e a "provocação".

Aos Prof. Doutores Natal e Paulo Santos e aos Mestres Ana Luísa, António Ascensão, Filipe Conceição, José Magalhães e Paulo Colaço e ao Dr. Rui Garganta agradeço o interesse, o incentivo, a disponibilidade e a amizade.

Ao Prof. Doutor Vitor Lopes agradeço o interesse e a cedência de bibliografia.

Agradeço a todos quanto contribuíram para a minha formação académica.

Agradeço a todos os amigos e colegas que me incentivaram e se disponibilizaram para me ajudar.

Ao Armando Vilas-Boas agradeço a concepção gráfica da capa do trabalho e a amizade.

Agradeço à Sofia, amiga de viagem na formação académica, desportiva e da vida.

Agradeço à Linda a amizade que está sempre presente, ainda que quotidianamente afastada.

Ao Rito agradeço a companhia atenciosa neste trajecto académico.

À Filomena Antunes agradeço a ajuda num momento "crucial" e a amizade.

Ao Valentim agradeço a incondicional disponibilidade para ajudar e a amizade.

À Teresa agradeça a prontidão com que colaborou na correcção do texto em francês.

Agradeço ao Nuno que, em momentos cruciais, me fez ver a vida com outros filtros.

Ao Pedro agradeço a amizade, o apoio e a disponibilidade para estar presente nos momentos "complicados".

À Liliana e à Sandra agradeço a amizade e o apoio.

À Mestre Dalila Pina de Morais, a sempre "mãe", agradeço o seu apoio, conselhos, exemplo e disponibilidade.

Agradeço à minha família, em especial à minha irmã, em quem reconheço ter tido o apoio de que sempre precisei.

Resumo

Com esta pesquisa pretendemos contribuir para o conhecimento do processo de iniciação desportiva especializada, no quadro da formação desportiva das modalidades de Andebol, Basquetebol e Voleibol, objectivando conhecer os seus determinantes, requisitos e exigências de *performance* colocadas ao jovem atleta.

Para o efeito, adoptámos como base de trabalho a opinião dos "peritos" (docentes e treinadores/seleccionadores) (n=65); os docentes pertencem à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa e Instituto Superior da Maia (n=18); os treinadores/seleccionadores são técnicos que exercem as suas funções a nível federativo, associativo (Porto) e zona norte do país (n=47).

Aplicámos um questionário concebido para o efeito ("validado" por consenso de "peritos") do qual se destacam as seguintes dimensões: (a) actividade profissional, habilitações académicas e formação técnico-desportiva; (b) vivências desportivas enquanto praticantes, treinadores/seleccionadores; (c) iniciação desportiva especializada; (d) processo de escolha e/ou orientação desportiva; (e) processo de selecção desportiva; (f) escalão de infantis/iniciados.

Resultado da informação adquirida e discutida percorreremos, seguidamente, as conclusões mais relevantes.

A marcação de um "tempo" ideal para a iniciação especializada não é consensual entre todos os "peritos" constituintes da totalidade da amostra e de cada modalidade.

É fundamental a vivência de várias modalidades antes da tomada de decisão - iniciação desportiva especializada.

Os pré-requisitos são de natureza distinta; estes situam-se especialmente ao nível das características antropométricas, capacidades motoras e psicológicas.

As características mais importantes na "predição" de atletas de sucesso futuro estão orientadas para os factores psicológicos (em especial a motivação), constitucionais (principalmente a altura) e motores (de entre estes as capacidades coordenativas são as mais valorizadas).

Na orientação e/ou escolha de jovens atletas, com idades compreendidas entre os 9 e 12 anos, os factores mais elevados são: (a) no Andebol - coordenativos, psicológicos, sociais e antropométricos; (b) no Basquetebol - psicológicos, coordenativos, sociais e antropométricos; (c) no Voleibol - coordenativos, antropométricos, condicionais e psicológicos.

Os indicadores que emergem como mais significantes na orientação (e/ou escolha) de crianças e jovens (no intervalo etário atrás referido) são em correspondência com os factores: (a) antropométricos - altura, envergadura, diâmetro palmar e peso; (b) condicionais - velocidade, força explosiva e resistência; (c) coordenativos - agilidade/destreza; (d) psicológicos - motivação, motivação competitiva, liderança, perseverança, espírito de sacrifício, entre outros; (e) sociais - integração no grupo. É no âmbito dos indicadores referentes aos factores técnicos e/ou tácticos que se evidencia um maior distanciamento entre as modalidades.

É inequívoca a ausência de critérios explícitos e objectivos que esclareçam a forma como os "peritos" seleccionam os jovens atletas e como devem ser orientados (e/ou escolhidos) crianças e jovens, com idades compreendidas entre os 9 e 12 anos.

As exigências que o jogo coloca ao jovem atleta (escalão de infantis/iniciados) são de natureza complexa e multidimensional, sendo as principais: exigências psicológicas, cognitivas; morfo-funcionais; motoras (coordenativas e condicionais); técnico-tácticas e sociais. No quadro de cada modalidade são notadas algumas particularidades.

As competências mais relevantes que o jogo coloca são: técnicas, tácticas, aptidão física, psicológicas e/ou volitivas, cognitivas (ex.: domínio das regras da modalidade) e sociais.

Palavras chave: crianças, jovens, orientação e selecção desportiva, iniciação desportiva especializada, Andebol, Basquetebol e Voleibol.

Résumé

A travers cette recherche, nous prétendons contribuer à la connaissance du processus de l'initiation sportive spécialisée, dans le cadre de la formation sportive du Handball, du Basketball et du Voleiball, ayant pour objectif de connaître ses déterminants, les exigences de base et les exigences de performance qui se colloquent au jeune sportif.

Pour cela, nous avons adopté comme base de travail l'opinion des "experts" (professeurs universitaires et entraîneurs/détecteurs de sportifs) (n=65); les professeurs universitaires appartiennent à la Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa et Instituto Superior da Maia (n=18); les entraîneurs/détecteurs de sportifs sont des techniciens qui exercent leurs fonctions au niveau fédératif, associatif (Porto) et dans la zone nord du pays (n=47).

Nous avons appliqué un questionnaire conçu pour cet effet ("validé" par concensus "d'experts"), duquel se détachent les dimensions suivantes: (a) activité professionnelle, cursus académique et formation technico-sportive; (b) expérience sportive en tant que pratiquant, entraîneurs/détecteurs de sportifs ; (c) initiation sportive spécialisée; (d) processus du choix et/ou de l'orientation sportive; (e) processus de sélection sportive; (f) classe des initiés/enfantins.

Résultat de l'information acquise et discutée, nous allons ensuite parcourir les conclusions les plus importantes.

La marcation d'un "moment" idéal pour l'initiation spécialisée n'est pas consensuelle parmis tous les experts qui constituent la totalité de l'échantillon et de chaque modalité sportive.

Il est fondamental d'essayer plusieurs modalités sportives avant la prise de décision - initiation sportive spécialisée.

Les exigences de base sont de nature distincte; celles-ci se situent particulièrement au niveau des caractéristiques anthropométriques, capacités motrices et psychologiques.

Les caractéristiques les plus importantes dans la "prédiction" de sportifs de succès futur sont orientées vers les facteurs psychologiques (en particulier la motivation), constitutionnelles (principalement la taille) et motrices (parmis celles-ci, les capacités coordonatives sont les plus valorisées).

Dans l'orientation et/ou choix de jeunes sportifs, dont l'âge se situe entre les 9 et 12 ans, les facteurs les plus élevés sont: (a) pour le Handball, les coordonatifs, psychologiques, sociaux et anthropométriques; (b) pour le Basketball, psychologiques, coordonatifs, sociaux et anthropométriques; et (c) pour le Voleiball, coordonatifs, anthropométriques, conditionnels et psychologiques.

Absence d'indicateurs et critères explicites et inéquivoques qui éclaircissent sur la manière comme les "experts" sélectionnent les jeunes sportifs et comment doivent être orientés (et/ou choisis) les enfants et jeunes dont l'âge se situe entre les 9 et 12 ans.

Les exigences que le jeu (classe des enfantins/initiés) colloque au jeune sportif sont complexes et multidimensionnelles, à savoir que les principales sont: exigences psychologiques, cognitives; morpho-fonctionnelles, motrices (coordonatives et fonctionnelles); capacité de jeu (en particulier technico-tactiques); et sociales. Quelques particularités entre les modalités sportives étudiées ont été notées.

Les compétences que le jeu exige ont une relation positive avec les exigences que ce dernier colloque, à savoir que les plus importantes sont: techniques, tactiques, capacité physique, psychologiques et/ou volontaires, cognitives (ex. maîtrise des règles du jeu) et sociales.

Mots dés: enfants, jeunes, orientation et/ou choix sportif, initiation sportive spécialisée, Handball, Basketball et Voleiball.

Abstract

This research is meant for a knowledge contribution of the specialised sports initiation process, concerning sportive formation on Handball, Basketball and Volleyball with the solid purpose of showing its goals, requests and performance demands towards the young athlete.

To achieve this purpose, it was adopted as a work basis, expert opinions (academic teachers, coaches/national team coaches) (n=65); the academic staff belong to the Sports Sciences and Physical Education Faculty of Porto's University, Human Kinetics Faculty of the Technical University of Lisbon and the Maia's Higher Institute (n=18); the coaches/national team coaches operate on Associative (Porto) and Federative level (n=47).

It was applied a questionnaire conceived for that purpose (with the experts agreement) focused on several dimensions: (a) professional activity, academic degrees and sportive technical formation; (b) past experience as an athlete, coach and national team coach; (c) specialised sportive initiation; (d) decision process and/or sportive orientation; (e) sportive selection process; (f) junior and juvenile stages.

As a result of the acquired information the most important conclusions will be presented.

The demarcation of an "ideal" moment for the specialized initiation is not consensual among the experts.

It is essential experiencing different sports before taking the decision of start training a specific one.

The prerequisites are of different kind: anthropometric characteristics, motor and psychological capacity.

The main characteristics for the prediction of future successful athletes are: psychological aspects (motivation), constitutional aspects (height) and motor aspects (the co-ordinative capacities are the most important ones).

For the guidance and/or choice of young athletes, 9- to 12-year-old, the main factors are: (a) Handball - co-ordinative, psychological, social and anthropometric factors; (b) Basketball - psychological, co-ordinative, social and anthropometric factors; (c) Volleyball - co-ordinative, anthropometric, conditional and psychological factors.

The most important indicators for the guidance and/or choice of young athletes (above mentioned) are established according to the following factors: (a) anthropometric ones - height, arm span, hand diameter and weight; (b) conditional aspects - speed, strength and resistance; (c) co-ordinative ones - agility; (d) psychological aspects - motivation, competitive motivation, leadership, perseverance and spirit of sacrifice; (e) social ones - group integration. It is in the field of technique and/or tactics indicators that both sports get a bigger distance.

The absence of unequivocal and explicit guidelines that can explain how experts do choose and guide young athletes and how children (9- to 12-year-old) should be guided can be easily seen.

The demands that a young athlete (10- to 14-year-old) has to face when playing, are very complex and multidimensional: psychological, cognitive, morpho-funcional, motor (co-ordinative and conditional), technical/tactics and social ones. Each sport has its own particular aspects.

The qualification that a match requires is closed related to its own demands: technique, tactics, physical capacity, psychological and/or volitive aspects, cognitive (i.e. to know the rules) and social factors.

Key Words: children, young, guidance and/or sport choice, specialised sports initiation, Handball, Basketball and Volleyball.

Índice de Conteúdos

Agradecimentos *ii*
Resumo *iv*
Résumé *v*
Abstract *vi*
Índice de Conteúdos *vii*
Índice de Quadros *ix*

CAPÍTULO 1 . Introdução

I. **Introdução** 2

1. Formulação do problema: a problemática da Orientação Desportiva 4
2. Objectivos 7
3. Hipóteses de estudo 7
4. Estrutura do trabalho 7

CAPÍTULO 2 . Revisão da literatura

II. O problema da orientação desportiva em crianças e jovens 10

1. A escolha de uma modalidade no contexto da formação desportiva 10
   1.1. Introdução 10
   1.2. Estrutura da formação desportiva a longo prazo: a escolha de uma modalidade e a especialização desportiva 11
2. O problema da prontidão motoro-desportiva 22
   2.1. Conceito 22
   2.2. A determinação da prontidão na perspectiva da aquisição de habilidades motoras 25
   2.3. A prontidão motoro-desportiva na iniciação especializada numa modalidade/actividade desportiva 30
   2.4. A prontidão desportiva na perspectiva da iniciação da participação competitiva 33
3. A selecção em desporto 39
   3.1. Considerações gerais 39
   3.2. Selecção desportiva em modalidades: estrutura e tipologia 42
   3.3. Problemas da selecção desportiva centrados nos sujeitos e nos seleccionadores 48
   3.4. O problema dos indicadores de selecção e de orientação desportiva 50

CAPÍTULO 3 . **Procedimentos metodológicos**

III. Procedimentos metodológicos 56

1. Especificação da amostra 56

2. Instrumentos de medida 56

2.1. Questionário para Docentes, Treinadores/Seleccionadores de Andebol, Basquetebol e Voleibol QD(A/B/V) e QTS(A/B/V) 57

3. Recolha da informação 58

CAPÍTULO 4 . **Apresentação e discussão dos resultados**

IV. Apresentação e discussão dos resultados: questionários a docentes e treinadores/seleccionadores de Andebol, Basquetebol e Voleibol 61

1. Introdução 61

2. Caracterização dos sujeitos 61

3. Idade de início da formação desportiva especializada e os seus porquês 64

4. Pré-requisitos da iniciação desportiva especializada 74

5. Características relacionadas com uma participação desportiva futura de sucesso 78

6. Processo de escolha e/ou orientação desportiva de crianças e jovens para a prática desportiva de Andebol, Basquetebol e Voleibol 81

6.1. Importância de factores na escolha e/ou orientação de jovens praticantes, com idades compreendida entre os 9 e 12 anos de idade 81

7. Processos de escolha/selecção desportiva 88

7.1. Métodos de escolha/selecção desportiva 88

7.2. Indicadores e critérios de escolha/selecção desportiva 89

7. Estrutura da exigências do escalão de infantis/iniciados 97

7.1. Exigências do jogo 97

7.2. Competências do jovem atleta 103

CAPÍTULO 5 . **Conclusões**

V. Conclusões 109

BIBLIOGRAFIA 114

ANEXOS

Anexo n.º 1 126

Anexo n.º 2 131

Índice de quadros

Quadro 2.1. Estrutura geral dos "modelos"/propostas de preparação desportiva a longo prazo (alguns contributos). 15

Quadro 2.2. A idade de iniciação, especialização e de alcance de elevada performance em diferentes modalidades (adaptado de Bompa, 1987). 18

Quadro 2.3. Etapas de formação desportiva em Basquetebol (adaptado de Graça *et al.*, 1991). 21

Quadro 2.4. "Modelo" das fases sensíveis de treinabilidade durante a infância e a adolescência (adaptado de Martin, 1999). 29

Quadro 3.1. Especificação da estrutura da amostra. 56

Quadro 4.1. Habilitações académicas dos sujeitos. 62

Quadro 4.2. Grau/nível de treinador. 62

Quadro 4.3. Actividade profissional dos sujeitos. 63

Quadro 4.4. Prática desportiva federada (como praticantes) dos sujeitos. 63

Quadro 4.5. Prática desportiva federada (como treinadores) dos sujeitos. 64

Quadro 4.6. Idade de início da formação desportiva especializada em Andebol, Basquetebol e Voleibol. 66

Quadro 4.7. Existência de pré-requisitos à especialização em Andebol, Basquetebol e Voleibol. 75

Quadro 4.8. Grau de importância atribuído aos diferentes factores na escolha/orientação desportiva em jovens praticantes (Andebol, Basquetebol e Voleibol). 82

Quadro 4.9. Hierarquia dos factores na escolha/orientação desportiva em jovens praticantes (Andebol, Basquetebol e Voleibol). 87

Quadro 4.10. Indicadores de selecção em Andebol com base no método objectivo. 92

Quadro 4.11. Indicadores de selecção em Andebol com base no método subjectivo. 92

Quadro 4.12. Indicadores de selecção em Basquetebol com base no método objectivo. 94

Quadro 4.13. Indicadores de selecção em Basquetebol com base no método subjectivo. 94

Quadro 4.14. Indicadores de selecção em Voleibol com base no método objectivo. 96

Quadro 4.15. Indicadores de selecção em Voleibol com base no método subjectivo. 96

Capítulo 1 - *Introdução*

I. Introdução

No nosso contexto desportivo, as crianças e jovens, pese o facto de terem com os seus familiares uma relação hipotética de cumplicidade e, por vezes, de dependência, são comummente confrontados com a necessidade e interesse de se envolverem num processo de formação desportiva específico de uma modalidade/actividade. Certos de que o percurso desportivo de cada um se desenvolve no tempo, parecem existir momentos que, aliados a um conjunto de factores e motivos inerentes ao jovem praticante e à realidade desportiva envolvente, se constituem propícios à tomada de decisão - escolha de uma modalidade/actividade desportiva.

Deste ponto de vista, as decisões e as implicações do processo de escolha de uma modalidade evidenciam-se, em primeira análise, empiricamente desconhecidas. Falamos portanto de um processo de tomada de decisão que se pretende o mais apropriado possível, no sentido de garantir algum "respeito" pelo binómio - constrangimentos e exigências da modalidade escolhida e a evidência de requisitos, motivações e expectativas da criança e do jovem.

Esta ideia transporta-nos, necessariamente, para o campo do associativismo desportivo, no qual os clubes tem um protagonismo central enquanto importante via de acesso à prática desportiva, nomeadamente federada. Sem deixar de considerar, justamente, que as preocupações e responsabilidades pela prática desportiva de crianças e jovens, nas perspectivas formativas e de (alto) rendimento, são assumidas por um conjunto de instituições e agentes sociais.

É precisamente no âmbito restrito de um clube que esta temática merece as nossas melhores atenções, associadas que são a um projecto[1] de formação e orientação desportiva (designado de "Escola de Desporto") vocacionado para crianças e jovens, entre os 4 e 12 anos de idade.

Na referenciada "Escola de Desporto", a formação desportiva assenta no desenvolvimento geral de capacidades motoras e dos complexos gestuais de base à generalidade das aquisições motoras de diversas modalidades, através de uma vivência desportiva de experiências significativas e diversificadas, utilizando como valor e meio de formação um conjunto alargado de modalidades, sendo as principais: Andebol, Basquetebol, Desportos de Combate, Futebol, Ginástica, Montanhismo,

[1] No enquadramento conceptual e metodológico da "Escola de Desporto" são enunciados os seguintes objectivos: "(1) contribuir para a formação integral e harmoniosa das crianças e jovens, através de uma prática desportiva intencional, regular e sistemática, indispensável à construção dos alicerces de um estilo de vida saudável e activo; (2) proporcionar uma actividade desportiva consentânea com as características de desenvolvimento, expectativas e motivações das crianças e jovens, visando uma formação multilateral; (3) promover a aquisição de condutas e comportamentos cívico-desportivos respeitando a individualidade na formação do carácter; (4) habilitar os alunos de forma a darem resposta às exigências de prática de determinada modalidade - iniciação especializada; (6) criar condições para a escolha de uma modalidade - orientação desportiva" (Estriga, 2000, p. 15).

Natação (pura, sincronizada, polo aquático e saltos para a água), Patinagem, Ténis e Voleibol (Estriga, 2000).

Interessa sublinhar, que na lógica deste processo de formação desportiva, e de uma forma integrada, é revelada a intenção e preocupação de contribuir para a escolha de uma modalidade, a partir de um conjunto multivariado de factores que parecem combinar-se. Para tal, atribui-se à relação estabelecida entre o(a) professor(a)/treinador(a), o jovem praticante e a família um valor potencial na tomada de decisão. É com base nisto, que se apresenta a expressão "orientação desportiva", a que se associa a ideia de exploração e aconselhamento desportivo, no sentido de contribuir para uma melhor estruturação da participação futura do jovem atleta, que na base tem a escolha e decisão de iniciar um percurso de formação desportiva orientado para a especialização numa modalidade/actividade desportiva (ver Estriga, 2000). Não obstante, desconhecemos os processos e circunstancialismos em que de facto são tomadas as decisões e se são as que melhor reflectem os interesses, motivações e características destes jovens praticantes.

Todavia, falar de orientação no domínio desportivo é um exercício de elevada complexidade, considerando a exiguidade de contributos para a sua interpretação e, principalmente, operacionalização. Embora a natureza da tomada de decisão - escolha de uma modalidade/actividade desportiva - não seja redutível à interferência dos "clínicos"[2] esta é, indiscutivelmente, nuclear.

Com ou sem fundamento científico, técnico e pedagógico, treinadores e seleccionadores procuram orientar para a prática da sua modalidade as crianças e jovens nos quais vislumbram características condizentes com as exigências da *performance.* É, assim, da maior relevância entender a lógica que preside o entendimento e/ou actuação de treinadores/seleccionadores e docentes na incidência das fases da formação desportiva "críticas" para a tomada de decisão, isto é, iniciação especializada numa determinada modalidade.

Eis, então, que intuitivamente uma das "chaves" que admitimos poder contribuir, sobremaneira, para solucionar o problema da orientação desportiva em crianças e jovens, aqui traduzido, é inscrita nos agentes que pensam, estudam e interagem no contexto do treino e da competição em (alto) rendimento desportivo. A escolha de uma modalidade com vista à iniciação especializada, examinada nesta perspectiva, não percorre quaisquer expectativas de descoberta de uma fórmula ou de um algoritmo para um correcto procedimento, mas tão somente identificar e ordenar pressupostos e ferramentas importantes na orientação de uma escolha desportiva - tomada de decisão. Interessa

[2] Os clínicos são sujeitos que tomam decisões com base no método clínico (em oposição ao actuarial-estatístico), ou seja, realizam classificações e predições de forma intuitiva (ver Godoy, 1996).

realçar que se tratam de decisões de implicações futuristas, num enquadramento simultaneamente determinista e aleatório e dependente, às vezes, de circunstâncias várias.

1. Formulação do problema: A problemática da Orientação Desportiva

O fenómeno a que parece estar associada a ideia de orientação desportiva, e concretamente em crianças e jovens, não parece estar substancialmente consignado nas preocupações dos investigadores das Ciências do Desporto, nomeadamente em Portugal. Em conformidade, ainda que esta expressão tenha sido utilizada por alguns autores (e.g., Matvéiev, 1986; Lima, 1988; Filin & Volkov, 1998; Fomitchenko & Gomes, 1999), não encontramos nenhuma definição com robustez conceptual que aqui mereça ser reproduzida. Acresce notar que o contexto em que esta expressão é utilizada sugere entendimentos distintos do seu significado.

Sobre esta problemática começamos por parafrasear o contributo de Matvéiev (1986). O autor (op. cit.) reporta-se a um "sistema de provas especiais e de índices destinados a revelar os dotes do jovem atleta para esta ou aquela modalidade" (p.308), o que à data se encontrava em fase de desenvolvimento. Também, faz saber que um processo de orientação e selecção desportiva assente, exclusivamente, em pressupostos desta natureza será sempre insuficiente, porque seria um erro metodológico e pedagógico alicerçar a sua concepção numa fatídica predestinação genética em correspondência a determinada *performance* desportiva. Na lógica deste pensamento pode ler-se que a evidência de apetência para determinada *performance* desportiva é sempre resultado do todo, da personalidade, e não apenas de funções orgânicas. O autor (op. cit.) salienta, ainda, que a educação desportiva é determinante na emergência e potencialização dos pré-requisitos hereditários ajustados à *performance* desportiva.

Marques (1999a) coloca o problema do aconselhamento desportivo em crianças e jovens dos 10 aos 12 anos, na perspectiva da aptidão para a prática de determinado desporto. Este autor (op. cit.) refere mesmo que os estudos empíricos, sem no entanto fazer qualquer citação, demonstram que uma criança dotada do ponto de vista motor e desportivo está preparada para um número alargado de desportos e que é muito difícil fazer qualquer sugestão direccionada para uma modalidade em concreto.

Malina (2000) refere que o processo de identificação e selecção desportiva de jovens atletas de sucesso começa cedo, muito antes da criança ser capaz de tomar decisões acerca do seu envolvimento na actividade desportiva.

Importa sublinhar, novamente, que o problema da orientação desportiva não se esgota na forma como os "clínicos" intervêm no processo, na eventual correspondência entre as características individuais do jovem atleta e as exigências de determinada modalidade. Efectivamente, pensamos que a opção de iniciar a prática desportiva especializada, numa determinada modalidade, espelha um processo de elevada complexidade, à mercê de muitos determinantes e condicionantes. É nesta linha que interpretamos os contributos que seguir se expõem.

Personne (1987) refere-se à escolha da prática desportiva como resultado de interferências entre as tendências profundas das crianças, as suas qualidades próprias e a pressão de diferentes componentes do meio, incluindo as condições geográficas, a cultura desportiva local e os amigos.

Para Sobral (1991), a opção de iniciar a prática desportiva numa determinada modalidade e consequente investimento ou abandono em definitivo, não é um processo aleatório, mas sim dependente de diversas influências. Este autor (op. cit.) observa que essas influências poderão decorrer de circunstâncias materiais, culturais e familiares. Mais tarde, o mesmo autor (1999) esclarece que o início da actividade desportiva das crianças raramente é resultado exclusivo da sua própria vontade, e realça a importância de se conhecerem as características das crianças aquando da ocorrência do início da sua participação desportiva. Em conformidade, o autor (op. cit.) alarga a sua visão ao atribuir importância à caracterização das influências a que a criança e o jovem são expostos, como também, à natureza dos seus interesses. Assim, este autor (op. cit.) enfatiza que a mobilização desportiva (termo que parece significar iniciação) depende de diversos factores, intrínsecos e extrínsecos ao indivíduo, "como o dinamismo (...), o instinto e o património lúdico, as necessidades e as motivações, os incentivos parentais e familiares, e o ambiente sócio-cultural com especial atenção para o grupo de companheiros" (p.61).

Importa salientar, sobretudo, que nenhum dos autores anteriormente referenciados apresentou informação empírica inequívoca sobre qualquer das posição que aqui são traduzida. Tão-pouco é do nosso conhecimento a existência de uma qualquer linha de pesquisa, em Portugal, sobre esta matéria.

Na procura de directrizes e contributos para a solução do nosso problema, em certa medida, inspirámo-nos no campo da Psicologia, dado que na área da Orientação Vocacional os investigadores evidenciam considerável interesse e preocupação em torno do desenvolvimento vocacional, nomeadamente em jovens. Interessa perceber que nesta área o processo de escolha ou tomada de decisão vocacional, e a forma como o indivíduo elabora os seus projectos vocacionais, se constituem no objecto primordial de estudo (ver Super, 1990; Coimbra, 1995; Santos, 1997a; Taveira, 1997, 2000). Esta parece ser a base que se impõe à melhoria das intervenções dos profissionais da

orientação vocacional, posição particularmente extensível ao meio escolar (em especial ensino Básico e Secundário).

Na literatura da especialidade emergem várias linhas de pesquisa sobre a problemática que aqui se apresenta (ver Santos, 1997a), interessando notar que, segundo Taveira (1997), assiste-se, na última década, a um acrescido investimento conceptual na exploração vocacional. A mesma autora (op. cit.) argumenta que este é um processo chave do desenvolvimento vocacional e que ao mesmo tempo é um componente essencial da intervenção, isto é, parece existir algum consenso entre os profissionais da orientação vocacional (os designados práticos) acerca da ideia de que o processo de decisão e de desenvolvimento vocacional da pessoa são beneficiados com o envolvimento na exploração vocacional (que no campo do desporto atrevemo-nos a traduzir em exploração desportiva - vivência de várias modalidades/actividades desportivas).

Neste domínio literário específico pensamos residir um interessante interface de pensamento e reflexão sobre a problemática da escolha de uma modalidade desportiva, nomeadamente na construção de um percurso/carreira desportiva; o que acreditamos poder, futuramente, constituir-se numa importante área de valorização da problemática em estudo, particularmente se deslocarmos o campo de pesquisa para a forma como os jovens atletas fazem as suas escolhas e se comprometem com as exigências da *performance* de (alto) rendimento.

Por exemplo, como refere Coimbra (1995), quando se fala em Orientação é comum a sua associação aos denominados "testes vocacionais" ou psicotécnicos; ou seja, parece existir um discurso social alicerçado na ideia de descoberta da "vocação certa", bastando, portanto, descobri-la através de testes. Isto como se "as preferências, as capacidades, os valores e outras características pessoais tivessem nascido com a pessoa e existissem de uma forma estável e não fossem – como efectivamente são – atributos em permanente mudança no quadro de um processo – lento – de construção e de desenvolvimento" (Coimbra, 1995, p.6). Assim, transpondo a essência deste problema para o campo do desporto, não será esta ideia de "descoberta" que tem presidido à questão da detecção de talentos desportivos? Não existe aqui um fundo de reflexão que ajude a aperceber o tão "preocupante" abandono desportivo precoce, por falta de interesse, motivação e até incompetência dos jovens atletas?

Regressando ao fulcro do nosso problema, a realização desta pesquisa é então consubstanciada em três inquietações fundamentais:

(A) Que factores estão subjacentes ao processo de escolha e/ou orientação desportiva de crianças e jovens, em Andebol, Basquetebol ou Voleibol?

(B) A iniciação desportiva especializada nas modalidade em pesquisa assenta na evidência de pré--requisitos?

(C) De que forma a estrutura das exigências de cada modalidade condiciona as escolhas dos jovens praticantes?

2. Objectivos

O presente estudo pretende contribuir para o entendimento do processo e dos conteúdos na escolha e/ou orientação desportiva de crianças e adolescentes, com vista a uma formação desportiva especializada em Andebol, Basquetebol ou Voleibol. Para o efeito, adoptamos como base de trabalho a opinião dos "peritos" (treinadores/seleccionadores e docentes).

Mais especificamente, pretendemos concorrer para o conhecimento do processo de iniciação desportiva especializada nas modalidades em pesquisa, objectivando conhecer os seus determinantes, requisitos e estrutura das exigências colocadas aos jovens atletas "candidatos".

3. Hipóteses de estudo

(A) No âmbito da decisão de iniciar a prática desportiva especializada, do ponto de vista dos jovens candidatos, evidenciam-se diferenças significativas entre os "peritos" sobre a idade "óptima", pré-requisitos e características relacionadas com o sucesso futuro.

(B) O entendimento de docentes, treinadores/seleccionadores[3] acerca das decisões clínicas[4] na escolha e/ou orientação desportiva de jovens praticantes assenta numa hierarquia de factores e indicadores que diverge em função da modalidade eleita.

(C) A estrutura das exigências colocadas ao jovem praticante (infantil/iniciado) varia em função das modalidades em estudo.

4. Estrutura do trabalho

No Capítulo I apresentamos o problema da Orientação Desportiva (no sentido da escolha de uma modalidade/actividade desportiva).

No Capítulo II abordamos a problemática da Orientação Desportiva no quadro da formação desportiva a longo prazo, no domínio da prontidão motoro-desportiva e da selecção em desporto.

---

[3] Optámos por não discriminar e categorizar estes dois tipos de funções porque, quase sempre, são desempenhadas em simultâneo e complementarmente.

[4] As decisões clinicas são baseadas no julgamento e prognóstico do perito, sendo a informação recolhida e tratada com base na sua competência.

No Capítulo III precisamos os procedimentos metodológicos: definimos a mostra; descrevemos o questionário por nós concebido; e reportamo-nos aos procedimentos de recolha da informação utilizada.

Os resultados são apresentados e interpretados no Capítulo IV.

Por fim, no Capítulo V, são apresentadas as principais conclusões e sugerimos algumas linhas de desenvolvimento de estudos futuros acerca da problemática da orientação desportiva.

Capítulo 2 - *Revisão da Literatura*

I. O problema da orientação desportiva em crianças e jovens

1. A escolha de uma modalidade por crianças e jovens no contexto da formação desportiva

1.1. Introdução

O envolvimento de crianças e jovens na prática desportiva no contexto escolar e associativo (ex.: clube), particularmente, em idade cada vez mais precoces é um dado adquirido. Acresce que ao longo do percurso desportivo desta população específica evidenciam-se comportamentos e atitudes de iniciação, interrupção, abandono e mudança de modalidades/actividades desportivas. Porém, esta é uma observação de natureza intuitiva e subjectiva, considerando que não possuímos qualquer fundamento empírico e substantivo acerca da frequência e natureza destas alterações.

A questão do término da prática desportiva por crianças e jovens tem sido estudada, estritamente, na perspectiva do abandono desportivo precoce. O pensamento "fechado" acerca deste assunto parece-nos ser, particularmente, resgatado por aqueles que se ocupam e preocupam com o (alto) rendimento desportivo. Sem deixar de considerar esta orientação, julgamos que a questão deve ser colocada no sentido de aferir se aquilo que é oferecido à criança e ao adolescente corresponde às suas características e interesses, e em que medida devemos ou não ficar preocupados com o abandono. Ou seja, falamos de várias hipóteses: falamos de uma eventual necessidade de exploração desportiva de várias modalidades antes de decidir, antes de se comprometer com uma formação desportiva específica; falamos de um ser que em idades mais baixas é particularmente sensível a "brinquedos" novos, à procura do prazer e do lúdico, e que é também ele cada vez mais exigente; como falamos de alguém que, por vezes, se envolve em determinada actividade aos 4, 6 anos, por razões que não são as suas, e que eventualmente aos 12 anos descobre que afinal até existem outras modalidades pelas quais se sente mais atraído, ou que até prefere praticar a modalidade que os(as) seus(suas) amigos(as) praticam, etc.. Mas se formos ainda mais longe somos particularmente "atingidos" pela possibilidade do abandono desportivo ser motivado pela nossa incompetência e incapacidade de proporcionar uma prática desportiva significante, residindo neste factor a justificação para outras opções de vida.

Interessando em primeiro lugar aos adultos, é indiscutível que o advento da oferta de programas desportivos para crianças relaciona-se com um discurso construído e difundido na necessidade de detectar, seleccionar e preparar o mais cedo possível jovens atletas de sucesso, com vista ao máximo rendimento desportivo. Não obstante, têm vindo a afirmar-se linhas de pensamento mais humanistas

e, de alguma forma, distinguem o sentido pedagógico da prática desportiva dos jovens atletas de sucesso. Por exemplo, ainda que Marques tenha sido, em Portugal, um percursor de referência das questões da detecção e selecção de talentos originárias da ex-RDA (ver Marques, 1991b), na actualidade, este autor (1999b) questiona "como apoiar os mais jovens no seu percurso para o alto rendimento sem comprometer a sua educação, limitar a sua personalidade, hipotecar a sua saúde?" (p. 17). Com isto, o autor (op. cit.) pretende significar que a formação desportiva em crianças e adolescentes deve situar-se num quadro estreito de respeito pela sua educação e formação. Comungando desta visão, pensamos que o desafio responsabiliza e compromete técnicos desportivos, professores de Educação Física, investigadores, pais e dirigentes, na orientação e acompanhamento do percurso desportivo dos jovens atletas, particularmente quando nestes se vislumbra a excelência desportiva futura.

Assim, num vasto campo de preocupações, pensar a estruturação e modelação da formação desportiva de crianças e jovens, reforçando a atenção para as fases iniciais, implica compreender: (1) como deve ser equacionada a participação desportiva de crianças e jovens no quadro das exigências do desporto de competição; (2) quando e em que moldes deve a criança iniciar o seu envolvimento num processo de formação desportiva; (3) e, em que momento/fase deve ser iniciado o processo de formação desportiva especializada e participação competitiva numa modalidade/actividade desportiva.

1.2. Estrutura da Formação Desportiva a Longo Prazo: a escolha de uma modalidade e a especialização desportiva

Parece ser consensual que só uma preparação desportiva apropriada e a longo prazo possibilitará que, no auge da sua carreira e ao mais alto nível de competição, o atleta obtenha resultados de elevada expressão (e.g., Weineck, 1986; Grosser *et al.*,1989; Matvéiev, 1990; Marques, 1993; Araújo,1995; Filin, 1996; Mesquita, 1997b; Platonov, 1997; Bompa, 1999). Neste postulado pode ler-se que só uma adequada formação desportiva das crianças e jovens serve os interesses do desporto de (alto) rendimento.

A formação desportiva em crianças e jovens é, indiscutivelmente, um assunto central nas Ciências do Desporto e de Educação Física. Porém, verifica-se que poucos foram os autores que apresentaram definições que circunscrevessem o conceito, a processologia e, acima de tudo, apresentaram estudos empíricos de natureza longitudinal que nos mostrassem a justeza, clareza e robustez de tais

metodologias. Tudo parece passar-se como se a formação desportiva tivesse um sentido de tal modo inequívoco que não merecesse, por parte dos investigadores, qualquer esforço de explicitação do seu significado. Contudo, alguns contributos acabaram por emergir.

Bento (1989), Knappe e Hummel (1991) apresentam um conceito de *formação desportivo-corporal de base* na lógica da prática desportiva orientada para o meio escolar. Nesta concepção, o processo de formação é conduzido por um pensamento pedagógico-didáctico que integra o desenvolvimento motor-desportivo do(a) aluno(a) a longo prazo (Knappe & Hummel, 1991)[5]. Bento traduz o conceito "numa sólida competência desportiva, numa manifesta disponibilidade para o empenhamento na procura do rendimento, e em resultados bem palpáveis de desenvolvimento motor e corporal" (1989, p.65). Em conformidade, o autor (op. cit.) apresenta três etapas de formação na estruturação e construção progressiva do rendimento desportivo: (a) formação geral (6/7-9/10 anos); treino das bases do rendimento (9/10-11/12 anos); e, treino estruturado do rendimento (12/13 anos). Sobre estas ideias, interessa perceber que este autor é um pedagogo por natureza e formação, e que na fase em causa apresenta um discurso marcado pelas correntes teóricas e filosóficas emergentes dos países da *Europa de Leste*. Numa apresentação posterior da sua visão, Bento (1991) estabelece uma relação de complementaridade entre a escola e clube, e atribui-lhes a função comum de formar desportivamente crianças e jovens. Este último trabalho de Bento vem, para esta faixa etária, reforçar um discurso de ensino-aprendizagem cujo processo é sustentado nos conteúdos das diversas modalidades, o que parece ser sinónimo da necessidade de dar à actividade desportiva na escola e no clube um sentido cultural e social.

Lima (1988) considera que a abordagem da formação desportiva das crianças e jovens é tarefa difícil, tanto mais cada um tende a ver este processo sob prismas diferentes, em função do produto final objectivado. Na perspectiva do autor, a formação desportiva das crianças e jovens tem, antes de mais, que perseguir objectivos pedagógicos, sublinhando que as actividades físico-desportivas devem constituir-se, de facto, num meio de educar e formar como pessoas esta população específica. A partir desta célula base, Lima (op. cit.) apresenta uma série de postulados acerca do processo e dos conteúdos que esta deve perseguir, que enfermam de uma actualidade inabalável. Numa visão mais recente, o autor (1999) reforça a importância da formação desportiva para o desenvolvimento equilibrado e integral da juventude e, enfatiza um conceito de formação desportiva com um alcance em muito superior à visão redutora da produção de atletas de eleição. Sobre este autor exige-se

[5] Os autores fundamentam a concepção da "formação desportiva-corporal de base" numa síntese construtiva e integrada de diferentes correntes e linhas de desenvolvimento do desporto escolar.

revelar o seu perfil, enquanto referência que é, desde há muitos anos, como treinador que foi e pensador que ainda é da formação desportiva.

A ideia de que a formação desportiva deve cumprir não só com objectivos de rendimento mas também sociais e pedagógicos, parece ser hoje recuperada e revalorizada por vários autores (e.g., Bompa, 1999; Marques, 1999a).

Sobral (1994) alerta para o facto do processo de formação desportiva de crianças e jovens ser tendencialmente balizado por ideias e acções decorrentes de estereótipos do treino dos atletas ao mais alto nível. É nesta visão que o autor (op. cit.) tece críticas acerca da implementação de uma concepção mais quantitativa das cargas de treino, que produz efeitos nefastos na criança ou no jovem que se defronta com as primeiras exigências do processo de preparação desportiva. Ainda que esta observação seja, do ponto de vista intuitivo, muito interessante, é exigível uma abordagem empírica da maior seriedade possível. Porém, não temos conhecimento de qualquer linha de investigação sobre este assunto.

No quadro conceptual do desporto para crianças e jovens, verificamos que os termos preparação e formação desportiva são, com frequência, utilizados indistinta e sinonimamente (e.g., Graça *et al.*, 1991; Marques, 1991a, 1993; Sobral , 1994; Araújo, 1995a; Mesquita, 1997b). A este propósito, ainda que a literatura não apresente clareza conceptual, se se considerar que a preparação desportiva é um processo que decorre desde as fases mais iniciais de prática desportiva até ao término da carreira do desportista, então este processo integra a (macro) fase da formação desportiva.

Na nossa perspectiva, ainda que a utilização do termo preparação desportiva em crianças e jovens seja válida, esta remete-nos para um contexto de prática desportiva, prioritariamente, orientado para a aquisição de comportamentos e competências coerentes com exigências do treino de (alto) rendimento desportivo. Assim, admitindo que a prática desportiva tem para esta população específica, pelo menos até determinado patamar de desenvolvimento, um valor em muito superior a esta visão, consideramos que é mais apropriada a utilização da expressão formação desportiva. Esta nossa interpretação parece encontrar legitimidade no discurso de Lima (1999), que dá projecção à prioridade do desenvolvimento de uma formação desportiva sólida, alicerçada em "valores culturais e sociais, cívicos e morais" e que deve cumprir com o "ensinar primeiro e treinar depois" (p.72).

Interessa realçar que discordamos de Bompa (1999) ao perspectivar a formação desportiva como uma etapa "fechada", subsequente ao treino específico de iniciação numa modalidade, e na qual se pretende desenvolver progressivamente os talentos desportivos.

Como facilmente se compreenderá, a modelação da formação desportiva não é tarefa simples e acabada. Ainda que um qualquer modelo venha a oferecer consenso, estamos em crer que a diversidade de factores envolvidos e a influência de todo um contexto desportivo e cultural subordinado à lei da mudança, obrigam a uma constante actualização e reformulação.

É importante esclarecer, ainda que a utilização da expressão "modelo" de formação e/ou preparação desportiva a longo prazo se apresente como um comportamento perfeitamente vulgarizado por vários autores, os mesmos não esboçam qualquer tentativa de esclarecer a natureza dos modelos apresentados. Com efeito, quando nos confrontamos com a perspectiva de Maia (1993), a propósito de modelos de selecção de talentos desportivos, baseada em Keeves (1990), notamos que a construção dos referidos modelos deve decorrer de um conjunto de requisitos fundamentais, apresentados sob a forma de 4 grandes postulados, "sem os quais a sua robustez conceptual, metodológica e analítica fica seriamente comprometida" (p.19-20)[6].

Não sendo difícil argumentar e questionar sobre a adequabilidade da designação de "modelo" de preparação/formação desportiva, dada a evidencia de uma série de insuficiências conceptuais e operativas, agravadas pelo desconhecimento de uma definição objectiva, estamos em crer que, num quadro de tipo semântico, a sua utilização pode ser considerada aceitável.

No contexto dos "modelos"/propostas observadas, verificamos que, por norma, o processo de preparação desportiva a longo prazo é referenciado por etapas/fases (ver quadro n.º 2.1). No entanto, não encontramos nos vários contributos apresentados unidade e coerência na estruturação do processo de preparação desportiva, o que se reflecte nas divergências encontradas no domínio da terminologia utilizada, nas fases/etapas identificadas, nos momentos de ocorrência e, de alguma forma, nos conteúdos e princípios inerentes ao processo.

[6] Resumidamente: "(1º) o modelo deve conter relações estruturais e não exclusivamente associativas...; (2º) o modelo deve conduzir a uma prognose de consequências que possam ser verificáveis pela observação...; (3º) a estrutura do modelo deve revelar alguns dos mecanismos causais que envolvam o assunto em questão; e (4º) como meio de explicação, o modelo deve ser um auxiliar precioso na formulação de novos conceito e novas relações..." (1993, p. 20).

Quadro n.º 2.1: Estrutura geral dos "modelos"/propostas de preparação desportiva a longo prazo (alguns contributos).

Autores	Etapas/Fases				
Harre (1982) *Para modalidades como Patinagem Artística; Ginástica; Salto com vara; trampolim; Salto para a água.*	Iniciação desportiva (4 - 6 anos)	Treino avançado (dos 8/11 até 16 anos)	Treino competitivo		
Filin (1983)	Etapa de preparação preliminar (dos 6/7 aos 10/12 anos)	Etapa de preparação desportiva especializada (Início: Fem.- 10/13 anos; masc. - 11/14 anos)	Aperfeiçoamento e preparação aprofundada na especialização Escolhida (Fem.: 13/14 aos 16/17) (Mas.: 15/15 aos 17/18)	Idade de máxima prestação (idades superior a 18 anos)	
Matvéiev (1986)	Preparação de base (subfases): (a) preparação desportiva preliminar; (b) especialização inicial.	Máxima concretização das possibilidades desportivas (subfases): (a) "pré-culminação; (b) resultados máximos individuais.	Longevidade desportiva (subfases): (a) conservação; (b) manutenção.		
Weineck (1986)	Treino de esperanças (a) iniciados (treino de base); (b) avançados (treino de construção).	Treino de elevado rendimento			
Bompa (1987)	Preparação física multilateral	Especialização	Elevada *performance*		
Lima (1988)	Iniciação desportiva: (a) pré-etapa; (b) etapa de transição. (dos 8 aos 12 anos)	Orientação desportiva (dos 11/12 anos 15/16 anos)	Especialização desportiva (dos 17/18 anos 35/40 anos)		
Hahn (1988)	Treino básico	Treino de desenvolvimento	Treino de rendimento	Treino de alto rendimento	
Bento (1989)	Formação geral (6/7-9/10 anos)	Treino das bases de rendimento (9/10-11/12 anos)	Treino estruturado do rendimento (12/13 anos)		
Marques (1991a)	Preparação Preliminar	Especialização inicial	Especialização profunda		
Zakharov (1992)	Preparação preliminar	Especialização inicial	Especialização aprofundada	Resultados elevados	Manutenção dos resultados
Platonov (1997)	Preparação inicial	Preparação preliminar de base	Preparação especializada de base	Realização dos resultados máximos individuais	Manutenção do nível alcançado
Martin (1999)	Treino geral	Treino fundamental	Treino de construção	Treino de ligação	

A indagação sobre os modelos apresentados leva-nos, em primeiro lugar, a concluir que a sua construção está alicerçada num processo de desenvolvimento do atleta estreitamente orientado para o (alto) rendimento numa modalidade. Consequentemente, somos induzidos a afirmar que o contexto particular de cada modalidade (ou grupos de modalidades), características individuais de cada atleta e circunstâncias diversas determinará processos e conteúdos completamente distintos.

Na opinião de Zakharov (1992), o processo de preparação desportiva a longo prazo deve obedecer a uma lógica racional de estruturação, obrigando a uma sequência criteriosa na selecção das tarefas de preparação em função dos seguintes condicionalismos: (1) particularidades biológicas do desenvolvimento do organismo humano; (2) princípios orientadores da formação desportiva de cada modalidade; (3) eficiência dos meios de treino; (4) eficácia dos métodos de preparação, entre outros.

Na perspectiva de Platonov (1997), tanto a estruturação como a duração da preparação a longo prazo dependem de vários factores, a saber: (1) estrutura da actividade competitiva da modalidade/disciplina e nível de preparação desportiva dos atletas; (2) formação e desenvolvimento sistemático e regular das componentes que determinam o rendimento ao mais alto nível em determinada modalidade; (3) características individuais e inerentes ao género dos atletas, e aspectos do ritmo de maturação biológica de cada indivíduo relacionados com o ritmo de desenvolvimento da excelência desportiva na modalidade em causa. O referido autor (1994) salienta que uma adequada planificação deve ter em linha de conta a identificação precisa das fracções de idade óptima, nomeadamente: o período dos primeiros resultados; o período de rendimento óptimo; e a manutenção de elevados resultados competitivos. Acresce ser fundamental que os treinadores procurem que o atleta atinja o seu resultado máximo na idade óptima, que varia necessariamente em função do sexo e da modalidade/disciplina de especialização (Platonov, 1997). Ademais, este autor (op. cit.) sublinha que outros factores devem igualmente ser considerados enquanto potenciais influenciadores do processo de preparação a longo prazo, que no caso são a idade de início da actividade desportiva geral e a idade de início da sua forma especializada, e o processo de treino e outros meios que reforçam a capacidade de desempenho desportivo.

Com base em Martin (1999), a estrutura da preparação desportiva a longo prazo está inscrita nas suas diferentes etapas/fases, e em cada uma destas devem ser consubstanciados conteúdos e meios ajustados às características e possibilidades das crianças e adolescentes, objectivando o aumento de pré-requisitos individuais de rendimento e a aquisição progressiva dos elementos da modalidade. É curiosa a analogia que este autor estabelece com o sistema educativo; porém, salientamos que, salvo raras excepções, verificamos que a escolha de uma carreira profissional ocorre num tempo muito mais

tardio que no desporto. Assim, no âmbito do treino em (alto) rendimento desportivo as exigências de especialização, treino e rendimento são, com certeza, muito mais precoces.

Nos modelos observados, a diversidade de factores e condicionalismos passíveis de interferir e determinar o processo de preparação desportiva a longo prazo, parecem justificar a ausência de pressupostos e critérios objectivos de "evolução" (mudança de fase), ainda que alguns autores apontem a idade cronológica como indicador base. Porém, a subida de patamar parece estar essencialmente circunscrita à evidência do rendimento. Acresce em toda a identificação do processo uma evidente falta de suporte empírico.

Na opinião de Matweiev (1991), o início e término de cada etapa dependem: (a) da idade do atleta; (b) das suas capacidades inatas; (c) das particularidades do seu desenvolvimento; (d) do seu passado de treino e (e) das condições de organização da actividade desportiva.

O problema concreto da iniciação desportiva geral e/ou numa modalidade é retratado de forma distinta em várias propostas de estruturação do processo global da formação/preparação desportiva (e.g., Harre, 1982; Wieneck, 1986; Bompa, 1987; Hahn, 1988; Lima, 1988; Matvéiev, 1990; Graça *et al.*,1991; Bento, 1991; Marques, 1993; Platonov, 1997; Martin, 1999).

Matvéiev (1986) apresenta, na fase do treino de base, uma sub-fase na qual a criança vivencia várias modalidades no sentido de, posteriormente, optar por uma especialização. No entanto, o autor não faz referência a qualquer metodologia de escolha de uma modalidade com vista à especialização, tão-
-pouco apresenta critérios objectivos para a mudança desta fase. Realçamos, também, a importância dada a uma especialização inicial ("especialização introdutória") de carácter pluridisciplinar (ex.: no caso da natação a aprendizagem de todos os estilos deve preceder a especialização propriamente dita num estilo e numa prova).

Similarmente, Lima (1981) pressupõe a existência de uma primeira etapa vocacionada para a escola, que o autor denomina de animação desportiva. Esta primeira etapa objectiva, principalmente, motivar as crianças e jovens para a prática desportiva. Segue-se-lhe a etapa da iniciação desportiva (vocacionada para idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos), que deverá proporcionar um programa diversificado e adequado às características das crianças, na qual é sugerida a utilização de diferentes modalidades e diferentes formas de actividade. Nesta perspectiva, a iniciação desportiva deverá compreender um programa de actividades pluridesportivas adequadas a cada idade, devidamente organizadas e articuladas em função de objectivos educativos e formativos. Ademais, o autor (op. cit.) entende que as particularidades das características das crianças e jovens motivam a adopção destas directrizes para qualquer meio que promova práticas desportivas para esta população

específica (caso do clube e da escola). Na continuidade deste processo, o autor prevê a ocorrência de uma etapa de orientação desportiva em que as crianças com maior maturidade e os adolescentes optam por determinada modalidade desportiva em função das suas preferências, e nas quais comprovam possuir capacidades e aptidões. Ou seja, como refere o autor (1988), esta escolha depende por um lado da vontade e interesse da criança e jovem e por outro de habilidades adquiridas e vivências anteriores.

No caso dos outros autores (e.g., Harre, 1982; Filin, 1983; Weineck, 1986; Bompa, 1987; Hahn, 1988; Zakharov, 1992; Platanov, 1997; Martin, 1999) não foi encontrada qualquer referência ao processo de escolha de uma modalidade; o que nos induz a concluir que, provavelmente, os motivos ou a forma como a criança escolhe determinada modalidade são considerados irrelevantes para o processo que a seguir se desenvolve, ou então os autores assumem que o processo é preliminar e correcto.

Porém, interessa sublinhar que, de uma forma geral, no *design* das várias propostas é verificável a alusão a um qualquer tipo de preparação que antecede a especialização numa modalidade, ou seja, a ocorrência de uma (sub)fase preliminar à especialização desportiva parece servir os propósitos da criação dos necessários pré-requisitos.

Bompa (1987) considera a existência de uma fase de preparação que deve possuir conteúdos e meios de treino que promovam um desenvolvimento multilateral, no sentido de desenvolver as bases de ordem técnica, táctica e psicológicas necessárias à especialização. Importa referir que o autor (op. cit.) enuncia ser na idade de 12 anos que o treino deve assumir uma natureza mais especializada. No quadro 2.2 são dadas a conhecer as idades de referência, apresentadas pelo autor (*Ibidem*), para a iniciação desportiva e sua forma especializada.

Quadro n.º 2.2: A idade de iniciação, especialização e de alcance de elevada performance em diferentes modalidades (adaptado de Bompa, 1987).

Modalidades	Início da prática desportiva	Idade de especialização	Idade de elevada performance
Atletismo	10-12	13-14	18-23
Basquetebol	7-8	10-12	20-25
Ciclismo	14-15	16-17	21-24
Futebol	10-12	11-13	18-24
Ginástica (fem.)	6-7	10-11	14-18
Ginástica (masc.)	6-7	12-14	18-24
Natacão	3-7	10-12	16-18
Ténis	6-8	12-14	22-25
Voleibol	11-12	14-15	20-25

Platonov (1984) enfatiza que a etapa de preparação inicial serve os objectivos de uma preparação física global, de reforço da saúde das crianças e de orientação para o aperfeiçoamento técnico na modalidade escolhida. Posteriormente, o autor (1997) acrescenta que os exercícios de preparação técnica devem ser particularmente diversificados promovendo uma preparação técnica multilateral. Neste processo, Platonov (op. cit.) faz também referência ao uso de uma grande diversidade de meios e métodos, sugerindo uma elevada utilização de exercícios de várias modalidades desportivas e jogos ao ar livre, fazendo uso prioritário do método lúdico. Na etapa seguinte (preparação prévia de base) é dada uma maior atenção ao aperfeiçoamento técnico visando a especialização.

Na perspectiva de Weineck (1986), o treino de base deve servir os propósitos de uma formação de base polivalente que possibilite diferentes orientações desportivas (no desempenho específico de determinadas tarefas/posição no jogo ou especialidade/disciplina). Com efeito, o autor preconiza: (a) a utilização de meios e métodos de treino variados e de efeito geral; (b) a aquisição de técnicas de base de forma a que a criança adquira um largo leque de habilidades motoras básicas. Numa forma mais avançada, o treino de construção tem os seguintes propósitos: (a) prossecução do desenvolvimento das bases estabelecidas no treino de iniciados; (b) orientação mais precisa do treino segundo as particularidades da modalidade escolhida; (c) aumento progressivo da especificidade dos meios e métodos de treino; (d) criação de condições que permitam a transição para o treino de elevado rendimento e (f) aumento do volume e intensidade de treino levando em linha de conta as capacidades psicológicas para suportar tais cargas de treino. O autor (op. cit.) dá particular importância à qualidade da preparação efectuada na primeira etapa enquanto determinante fulcral das *performances* futuras.

Marques (1991a) apresenta uma etapa de preparação preliminar que objectiva o desenvolvimento de uma formação motoro-desportiva multilateral da criança. Na prossecução dos propósitos desta etapa, o autor (op. cit.) refere que a periodização do treino e a competição se confundem. Os objectivos da etapa seguinte (especialização inicial) centram-se na orientação da criança para uma prática desportiva regular e consequente para o desenvolvimento dos fundamentos dessa mesma prática (modalidade ou especialidade desportiva). Esta etapa é marcada pelo início da participação em competições formais o que justifica, em sentido estrito, o início da periodização do treino. Em tempos mais recentes, este mesmo autor (1999b) nota que a construção do pressupostos do rendimento desportivo deverá ser feita "no quadro de uma formação motora e desportiva não especializada, assente nos princípios da diversidade da actividade e da formação multilateral que do ponto de vista corporal, motor e desportivo constituem o suporte das cargas unilaterais e da capacidade desportiva especializada" (p.21).

Zakharov (1992) apresenta, também, uma etapa de preparação preliminar que antecede a especialização desportiva inicial.

Na proposta de Martin (1999), a etapa de treino geral consagra exercícios e movimentos multilaterais e lúdicos e situações de aprendizagem motora. Sendo que os conteúdos dos exercícios da actividade motora-desportiva devem estar direccionados para o desenvolvimento das capacidades coordenativas. Esta etapa é ainda orientada no sentido de motivar as crianças para o desporto, e serve ao mesmo tempo os propósitos da base da selecção de "talentos"; deste modo, esta etapa parece afirmar-se como forma de preparação para a etapa de treino fundamental. Nesta última, objectiva-se a aquisição de habilidades motoras específicas das modalidades (técnicas), o que nos leva a pressupor que se trata de uma fase de formação orientada para a especialização, ou seja, para uma determinada modalidade. Não obstante, pretende-se de igual modo desenvolver as componentes coordenativas multilaterais, visando o aperfeiçoamento dos pré-requisitos psico-cognitivos e neuromusculares da *performance*. É também distinguida a importância de conteúdos relativos à capacidade de velocidade cíclica e acíclica. Os pré-requisitos energético-orgânicos só são evidenciados pelo autor (op. cit.) na etapa subsequente - treino em construção.

Em forma de conclusão, os modelos apresentados evidenciam um carácter fundamentalmente generalista, o que não lhes retira valor referencial, ainda que alguns dos autores apontem directrizes no sentido da sua validação para as várias modalidades, a sua adequação conceptual e aplicabilidade prática às várias modalidades não é evidente.

O modo como as questões da formação desportiva são pensadas no contexto particular de cada modalidade reflectem-se, em primeira análise, na organização dos escalões de formação e na estrutura dos respectivos quadros competitivos (assunto que retomaremos mais à frente).

Na literatura dos Jogos Desportivos Colectivos a abordagem conceptual e operativa da formação desportiva, no âmbito de cada modalidade, centra-se na definição de etapas e respectivos conteúdos com vista a desenvolver habilidades e capacidades específicas necessárias ao atleta de excelência desportiva (de nível nacional e internacional). É também relevante a observância de muitas propostas orientadas para o processo de ensino/aprendizagem dos jogos, particularmente centrados nos seus procedimentos metodológicos e conteúdos (caso dos aspectos da técnica-táctica individual, táctica de grupo e táctica colectiva) (e.g., Andebol: Cunha *et al.*, 1995; Oliveira, 1995; Torrescusa, 1998; Basquetebol: Oliveira & Amândio, 1995; Futebol: Garganta & Pinto, 1995; Voleibol: Mesquita, 1995; Moutinho, 1995).

Contudo, Graça *et al.* (1991) afirmam que a maioria dos treinadores apontam que os atletas que atingem o escalão máximo, quer em quantidade quer em qualidade, é francamente insuficiente, o que se constitui num importante indicador relativamente à ineficácia do sistema.

Os autores (op. cit.) são protagonistas de uma proposta de preparação desportiva a longo prazo para a modalidade de Basquetebol, na qual é perceptível a influência da estrutura e tipologia observada nos modelos atrás apresentados. Realçamos este contributo pelo facto de se constituir numa excepção no quadro da literatura dos Jogos Desportivos Colectivos (na exposição que a seguir se apresenta estão consignadas apenas as duas primeiras etapas por motivos de relevância para este estudo).

Quadro n.º 2.3: Etapas de formação desportiva em Basquetebol (adaptado de Graça *et al.*, 1991).

Idades	Etapas	Objectivos	Direcção metodológica
8-11 anos	Preparação Preliminar	- Criação dos pressupostos do rendimento. - Desenvolvimento das capacidades coordenativas e das capacidades condicionais básicas. - Aprendizagem dos elementos técnicos básicos.	- Formação multilateral. - Desenvolvimento das capacidades básicas assente no trabalho de duração e utilizando o jogo ou formas de jogo como meios fundamentais.
11-16 anos	Preparação Inicial	- Desenvolvimento e aperfeiçoamento dos pressupostos do rendimento. - Desenvolvimento dos fundamentos da técnica individual, formação, estabilização das estruturas tácticas fundamentais. - Início da actividade competitiva. - Aperfeiçoamento das capacidades coordenativas e desenvolvimento das capacidades condicionais que influenciam a técnica e a táctica.	- Desenvolvimento das capacidades motoras gerais. - Início do desenvolvimento do rendimento específico utilizando meios de treino dirigidos e especiais, quer para o treino físico, quer para o treino técnico e táctico. - Incremento progressivo do volume e da intensidade do treino.

2. O problema de prontidão motoro-desportiva

2.1. Conceito

O termo prontidão é usado sobretudo por especialistas do desenvolvimento humano e expressa, genericamente, que a pessoa chegou a um determinado ponto do seu desenvolvimento (Seefeldt, 1996). Segundo o autor (op. cit.), no caso da aprendizagem, prontidão pressupõe a existência de uma acumulação de acontecimentos ou experiências que colocam a pessoa em condições de adquirir informação adicional, habilidades ou valores.

Seefeldt (1996), baseando-se em vários autores (e.g., Wild, 1938; Gesell, 1946; Thelen & Adolph, 1992), concluiu que, na primeira metade do século XX, a maturação biológica era considerada a base de determinação da capacidade da criança e do jovem para aprender e realizar habilidades motoras finas e grosseiras. Porém, posteriormente, esta ideia sofre importantes alterações com as posições teóricas de Piaget que concebe o desenvolvimento da criança e do jovem com base na dinâmica de funcionamento de factores internos (maturacionais) e externos, numa lógica de participação activa do próprio indivíduo (Lopes, 1997). Ademais, Seefeldt (1996) aponta que neste domínio os resultados da investigação empírica (e.g., Connolly, 1970; Kugler, *et al.*, 1982; Smith & Thelen, 1993) evidenciaram que o envolvimento tem uma contribuição significativa nas aprendizagens realizadas pelas crianças.

Também, Bruner (1965) é citado, nas revisões de Seefeltd (1988,1996), pelo facto de apresentar uma perspectiva de prontidão que remove a ideia da existência de pré-requisitos da maturação biológica como condição para a ocorrência de aprendizagem, e aponta a importância de avaliar o estado de desenvolvimento e provisão de experiências anteriores. A definição de Bruner (op. cit.) sugere que a criança está sempre pronta para algum tipo de experiência, mas a selecção e provisão do estímulo que provoca a resposta desejada é da responsabilidade do professor/treinador (Seefeltd, 1988, 1996). Estamos de acordo com Seefeltd (1996), que lê no contributo de Bruner a extensão do conceito de prontidão, até então exclusivamente centrado no estado maturacional, às experiências de aprendizagem anteriores e à sua natureza apropriada.

A aplicação deste conceito ao domínio das Ciências do Desporto deve-se ao contributo de vários autores (e.g., Seefeldt ,1982, 1988, 1996; Magill & Anderson, 1996; Malina,1986, 1990; Maia, 1993; Sobral, 1994; Marques, 1996; Smoll & Smith, 1996; Lopes,1997; Lopes & Maia, 2000) que, em função da especificidade das suas preocupações, o traduziram com contornos distintos.

No caso de Smoll e Smith (1996), os autores comparam a discussão do conceito de prontidão no campo do desporto com outros campos da sociedade em geral, e referem que tendencialmente muitos dos eventos significativos para a vida da pessoa são particularmente organizados em função de marcos cronológicos (por exemplo, a idade de início da escolaridade obrigatória está perfeitamente instituída). Porém, este indicador é considerado insuficiente quando remetido para fases muito dinâmicas do desenvolvimento, nomeadamente em idades compreendidas entre os 10 os 16 anos.

Apesar de se atribuir ao processo biológico um papel de primazia na determinação da prontidão motoro-desportiva, o desenvolvimento social, emocional e cognitivo são factores que devem igualmente ser considerados (*Ibidem).* Ademais, sendo aceite que as crianças e jovens diferem, substancialmente, quanto ao seu nível de maturação física, interesses, motivação e habilidades, determinar uma idade universal para a iniciação desportiva, que seja aplicável todas as crianças e jovens, e a cada modalidade/actividade desportiva, é tarefa impossível. Com efeito, Smoll e Smith (op. cit.) defendem que o momento de prontidão para a iniciação especializada numa determinada modalidade depende das características da criança, das tarefas do desporto/actividade e da natureza do programa (exigências particulares).

Na interpretação da prontidão de Seefeldt (1996) é discutido o papel de comportamentos sugeridos na predição da prontidão para adquirir habilidades específicas, centrando-se na compreensão da ordem e sequência do desenvolvimento motor, e na necessária aquisição de comportamentos antecedentes. Nas suas formulações, o autor (op. cit.) releva a necessidade de uma base fundamental para se reconhecer quando uma habilidade motora deve ser introduzida à criança e ao jovem, e quando deve ser iniciado o processo de formação desportiva em determinada modalidade desportiva.

Os autores Magill e Anderson (1996) propõem um modelo de trabalho que envolve componentes vitais na determinação de quando a criança está optimamente pronta para participar no desporto. O seu modelo multidimensional considera o nível maturacional, a evidência de pré-requisitos de habilidades e motivação para aprender. Os autores integram também a noção dos períodos sensíveis como intervalos de tempo, durante os quais a pessoa está mais pré-disponível para a aquisição de habilidades particulares. Assim, a prontidão óptima ocorre quando as características da pessoa e as experiências relacionadas com as três dimensões do modelo são apropriadas para aprender habilidades.

O discurso de Passer (1996) está centrado na questão da idade base das crianças e jovens relacionada com a prontidão para praticar desporto. Para estabelecer orientações acerca da idade, o autor faz aplicação de três noções psicológicas: prontidão motivacional, prontidão cognitiva e

consequências potencialmente prejudiciais. A prontidão motivacional é vista como um aspecto do desenvolvimento de uma orientação alicerçada na comparação social. Esta é entendida como um processo dinâmico que habilita os jovens no sentido de avaliarem a sua capacidade de desempenho comparativamente aos seus pares. A discussão da prontidão cognitiva centra-se na capacidade de processamento de informação da criança, na capacidade para atribuir causalidade à sua *performance* e na capacidade de interpretar papéis. Em relação as procedimentos, o autor destaca as consequências prejudiciais que podem resultar de lacunas de motivação e/ou prontidão cognitiva. Baseado neste critério chave, Passer (op. cit.) apresenta, também, algumas linhas orientadoras gerais relativas à idade de iniciação da participação desportiva.

Os autores Maia (1993), Malina (1986; 1990) e Sobral (1994) notam que o conceito de prontidão motoro-desportiva enfatiza a relação de equilíbrio entre as capacidades actuais de resposta da criança e do jovem e as exigências de determinada tarefa motoro-desportiva. Especificamente, para Malina (1986) a ausência de prontidão verte numa supremacia das exigências sobre a capacidade de resposta da criança e do adolescente.

Segundo Marques (1996), os especialistas do treino de crianças e jovens têm vindo a desenvolver formulações a respeito da idade de início da preparação especializada em determinada modalidade/disciplina desportiva e consequente envoltura na competição, com base numa conjuntura de factores e indicadores, que a seguir se distinguem: "o desenvolvimento físico, motor, psicológico e social do indivíduo nas fases evolutivas"; "a reacção do organismo às cargas de treino"; "as exigências do rendimento em cada desporto"; "as implicações do desporto em termos de segurança"; "a idade, a partir de estudos retrospectivos, em que os atletas de alto nível iniciaram a sua preparação especializada" (p.33).

Na abrangência conceptual do conceito, encontramos enfoques que, apesar de distintos, não são mutuamente exclusivos, mas antes complementares (Smoll & Smith,1996). Assim, seguidamente, iremos analisar, com maior propriedade, a aplicação deste conceito à aprendizagem das habilidades motoro-desportivas, propriamente ditas, à questão da prontidão para o envolvimento de crianças e jovens na prática de determinada modalidade particularizando, também, a prontidão para a competição.

2.2. A determinação da prontidão motoro-desportiva na perspectiva da aquisição de habilidades motoras

Numa primeira revisão do problema, relembramos a visão multidimensional de Magill e Anderson (1996) que advoga a importância de se considerar três factores na determinação do momento em que a pessoa está optimamente pronta para aprender a habilidade: maturação, pré-requisitos das habilidades e motivação. A relativa importância de qualquer um destes factores é determinante para iniciar um período óptimo, que varia de habilidade para habilidade para a mesma pessoa, e irá variar de pessoa para pessoa para uma mesma habilidade (*Ibidem*).

Com efeito, os autores (op. cit.) defendem que, nem a maturação nem os pré-requisitos das habilidades podem, isoladamente, determinar um período óptimo de prontidão para a aprendizagem. Ou seja, uma criança que se maturou cedo para aprender as habilidades, mas que não adquiriu os pré-requisitos das habilidades, irá ter dificuldades em aprender essas mesmas habilidades. Similarmente, a criança que têm os pré-requisitos das habilidades, pode ter pouca maturidade física e mental para aprender as habilidades. Na verdade, esta posição é eminentemente teórica e que não evidencia ser apoiada em quaisquer estudos de natureza empírica, o que a torna permeável à dúvida sobre a sua robustez conceptual e operativa.

Seefeldt (1996) realça a importância das variáveis antecedentes como factores influenciadores da aquisição de habilidades motoras, sendo perfeitamente possível que a criança esteja biológica e mentalmente pronta para aprender determinadas habilidades motoras, mas não as executa, por não ter ainda sido exposta a qualquer tipo de tentativa de realização dessas tarefas específicas, dado que alguns dos componentes necessários para o sucesso não estão disponíveis no seu ambiente.

Ademais, o autor (op.cit), com base em Connolly (1970), revela que os estilos de aprendizagem e as funções cognitivas podem influenciar a aprendizagem de habilidades motoras.

A observância de uma tardia incorporação da informação cognitiva, na teoria e prática da aquisição de habilidades motoras, parece relacionar-se, na primeira metade do século, com a forte influência dos biólogos neste campo. Porém, na opinião de Seefelft (1996), vários autores têm contribuído para identificar e incorporar a hierarquia da estrutura cognitiva, em situações que envolvem a aprendizagem de habilidades motoras (e.g., Schmidt, 1975; Kelso & Clark, 1982; Kugler *et al.*, 1982; Smith & Thelen, 1993).

Bruner (1969, citado por Seefelt, 1988, 1996) enfatiza a interdependência entre o processo de desenvolvimento motor e cognitivo, que confirma através de um estudo com crianças de 6 meses de

idade. Este autor (*Ibidem*) nota que a capacidade de resolução de problemas que requerem uma resposta motora é um processo que se inicia logo após o nascimento.

Magill e Anderson (1996) relacionam a prontidão da criança para aprender habilidades motoro-
-desportivas com os designados períodos sensíveis para a aprendizagem. Esta é uma expressão que tem sido mal interpretada, e incorrectamente utilizada, o que parece justificar-se pela falta de consistência da definição, e pouca objectividade nos determinantes do início e duração dos períodos sensíveis.

Porém, os autores (op. cit.) referem que a sua existência parece ser consensual, pelo menos, para três aspectos distintos do desenvolvimento, a saber: emocional, social e aprendizagem. A perspectiva destes autores está consignada na problemática dos períodos sensíveis na aprendizagem, com incidência no envolvimento das crianças e jovens no desporto.

A ideia dos períodos sensíveis parece emergir com Myrtle McGraw (1935, citada por vários autores: Magill & Anderson, 1996; Becerro,1996; Lopes, 1997), autora do clássico estudo dos gémeos Jimmy e Johnny. É com base neste estudo que a autora (op. cit.) conclui que existem períodos sensíveis na aprendizagem, sendo que estes variam em função de cada actividade, ao mesmo tempo que sugere que existem períodos óptimos para que a aprendizagem de cada habilidade motora se dê de uma forma mais rápida e eficiente. Ainda que este estudo seja uma referência para a maioria dos autores, tal como refere Lopes (1997), a validade das suas generalizações afigura-se-nos questionável considerando que teve por base apenas dois indivíduos.

Outros teóricos (e.g., Hall, 1921; Gesell, 1928) deram, também, importantes contributos para a promoção do modelo de desenvolvimento designado (em inglês) de *growth-readiness model* (ver revisão feita por Magill, 1988).

As experiências de Gesell e Thompson (1929) foram reconhecidas pela evidência de suporte para o modelo de aprendizagem centrado na maturação (Magill, 1988). Basicamente, estes autores (op. cit.) submeteram um gémeo, de 46 meses de vida, a um treino especial de subida de escadas; decorridas sete semanas o gémeo treinado subia melhor que o não treinado. Seguidamente, submeterem ambos os gémeos a duas semanas de treino, sendo que após este período o gémeo inicialmente não treinado superou o treinado no desempenho desta habilidade específica. Com base nestes resultados, os autores concluíram que o treino promove uma aprendizagem mais eficiente, quando o nível maturacional da criança estiver adequado para a iniciação da aprendizagem da habilidade.

Em tempos mais recentes, o conceito de maturação é expandido por investigadores do desenvolvimento motor e emerge um modelo que propõe a interacção de múltiplos sub-sistemas relacionados com o movimento humano, determinantes para o início de um novo comportamento motor (Magill & Anderson, 1996).

Neste domínio, evidenciam-se outros contributos que, para além da maturação (determinante principal pelo início dos períodos sensíveis de aprendizagem), atribuem à interacção com o ambiente uma importância fulcral (e.g., Piaget, 1952, 1969). Daí que o autor (op. cit.) tenha proposto que o desenvolvimento ocorre em resultado da adaptação da criança às demandas do seu envolvimento e intelectualização desse ajustamento. Neste modelo, a intelectualização é interpretada como critica para o desenvolvimento cognitivo que, por sua vez, é determinante para a aquisição de capacidades de movimento. Nesta perspectiva, Piaget (op. cit.) defende que o processo de desenvolvimento ocorre ao longo de dois estádios designados de assimilação e acomodação. A assimilação pressupõe que a criança procura interpretar novas experiências, na dependência do seu estádio de desenvolvimento. A acomodação envolve ajustamento, no processo para lidar com essas novas experiências; isto é, a criança procura acomodar a nova experiência na sua forma de ver o mundo. Com efeito, a forma como a qualquer momento a criança percepciona o mundo depende do seu estádio de desenvolvimento. Os estádios em causa relacionam as capacidades cognitivas da criança durante a pré-adolescência: fase sensório-motora (nascimento até 2 anos); estádio pré-operacional (dos 2 aos 7 anos); estádio operacional concreto (7 aos 11 anos) e o estádio operacional-formal (dos 12 em diante). Em conformidade, o autor (op. cit.) refere que o desempenho evidenciado pela criança na resolução das tarefas depende do estádio de desenvolvimento em que esta se encontra. Assim, considerando que novas experiências provocam constantes mudanças na criança, no sentido desta realizar adaptações apropriadas ao envolvimento, o aparecimento de um novo estádio de desenvolvimento pode ser facilitado, a determinados limites, por interacções apropriadas do envolvimento (*Ibidem*).

Outro ponto de vista importante expõe a interacção entre a maturação e o envolvimento como determinantes primários dos períodos sensíveis (Gagné, 1968, 1970). O autor (op. cit.) argumenta que a aprendizagem tem, na realidade, um papel mais importante no desenvolvimento que aquele que Piaget propôs. Assim, no modelo cumulativo deste autor considera-se que "criança progride de um ponto para outro do seu desenvolvimento (...) porque ela aprende num conjunto ordenado de capacidades que constrói em cada um de forma progressiva através do processo de diferenciação, recordação e transfere de aprendizagem" (1968, p.181, *original em inglês*). De acordo com esta noção, a habilidade é classificada numa categorização particular de aprendizagem, no caso conexão estímulo-resposta, discriminação múltipla, conceito e regras. Assim, para que o sucesso na

aprendizagem seja alcançado, as categorias devem estar hierarquicamente organizadas, por forma a que categorias de baixo nível se constituam nas aquisições preliminares às de alto nível (Magill & Anderson, 1996).

Apesar da proposta de Gagné (1968, 1970) ter sido concebida para representar a aprendizagem de habilidades cognitivas, o autor considerou-a igualmente aplicável às habilidades motoras, colocando ênfase no transfere da aprendizagem. A mesmo autor, em 1968, declara que "qualquer capacidade aprendida, em qualquer estádio da sequência de aprendizagem, pode operar como mediador para outra aprendizagem para a qual não foi deliberadamente ensinado" (p.168, *original em inglês).* Esta abordagem tem, na perspectiva de Magill e Anderson (1996), um significado particular para a interpretação do estudo de Gesell e Thompson (1929), dado que coloca em hipótese a possibilidade do gémeo não treinado ter adquirido determinados pré-requisitos durante o período de treino do outro gémeo. Assim, o gémeo treinado teve, durante esse período, que aprender não só as habilidades mas também os pré-requisitos para as habilidades (estes últimos desenvolvem-se na sua actividade normal).

Neste enquadramento, não existem evidências conclusivas para suportar qualquer das anteriores conjunturas, considerando que os dados empíricos são susceptíveis de interpretações distintas.

Scott (1962) sugeriu que o período sensível deve ser visto como um momento em que as características críticas mentais, fisiológicas, perceptuais e motivacionais para a *performance* estão presentes. Neste ponto de vista, discute-se que nenhum factor deve ser considerado como determinante base do período sensível. Ao invés, maturação, interacções ambientais e aprendizagem devem ser vistas como factores multidimensionais (Magill & Anderson, 1996). Com efeito, os autores (op. cit.) consideram que cada factor deve ser avaliado individualmente, mas que é pertença de um agregado de factores que estabelecem o início do período sensível.

A propósito da *performance* motoro-desportiva em crianças e jovens, Martin (1999) assinala que na dependência da idade as várias componentes ou capacidades não são igualmente treináveis nem expressam a mesma "taxa" de evolução. Nesta conformidade, o autor (op. cit.) refere que "durante as fases do desenvolvimento físico, psicológico e motor, há períodos de tempo em que determinadas capacidades do complexo da *performance* revelam uma particular treinabilidade" (p. 54). Assim, segundo este mesmo autor (op. cit.) a identificação de um período sensível passa pela observância de níveis superiores de *performance,* de adaptação e/ou de resultados de aprendizagem comparativamente a um outro qualquer período (ver quadro n.º 2.4).

Quadro n.º 2.4: "Modelo" das fases sensíveis de treinabilidade durante a infância e a adolescência (adaptado de Martin, 1999)

Capacidades	Crianças		Jovens	
	6/7 - 9/10	10/12 - 12/13	13/13 - 14/15	14/15 - 16/18
Aprendizagem das Técnicas da Modalidade	+++	++++	-	-
Reacção	++++	-	-	-
Ritmo	++++	++++	-	-
Equilíbrio	++++	++++	-	-
Orientação	+++	-	+++	+++
Diferenciação	++++	++++	-	-
Velocidade	++++	++++	-	-
Força Máxima	-	-	++++	++++
Força Explosiva	+++	++++	-	-
Resistência Aeróbia	+++	++++	+++	+++
Resistência Anaeróbia	-	++++	+++	++++

Ainda de acordo com o ponto de vista de Magill & Anderson (1996), a aplicação da noção dos períodos sensíveis ao desporto tem em linha de conta o nível maturacional da criança, o meio e as experiências de aprendizagem. Na abordagem dos autores (op. cit.), é perceptível que os períodos sensíveis de aprendizagem não devem ser interpretados como um tempo em que a aprendizagem deve em absoluto ser realizada. Ao invés, esses períodos devem ser vistos como períodos durante os quais a criança está optimamente pronta para iniciar a aprendizagem da habilidade. Isto significa que é mais apropriado considerar os períodos sensíveis, quando referenciados às habilidades de aprendizagens, como os períodos de prontidão óptima.

Martin (1999) apresenta a seguinte definição de fases[7] sensíveis: "são períodos limitados de tempo na vida dos indivíduos, em que eles respondem de forma mais intensa do que noutros períodos, a determinados estímulos do ambiente exterior" (p.55).

Na perspectiva de Magill & Anderson (1996), os períodos sensíveis traduzem que a criança está num nível de maturação apropriado para aprender determinada habilidade, o que significa que adquiriu os pré-requisitos necessários para a aprender, e que também está adequadamente motivada. Neste sentido, quando a aprendizagem da habilidade é realizada durante um período óptimo de prontidão, a aprendizagem ocorre com maior efectividade e eficiência, que em qualquer outro momento da vida da criança.

Ainda que intuitivamente interessantes, estas suposições carecem de suporte empírico consistente.

[7] A utilização das expressão fase por Martin (1999), na nossa interpretação, possui o mesmo significado de período, o que é perceptível na própria definição que o autor faz saber.

2.3. A prontidão motoro-desportiva na perspectiva da iniciação especializada numa modalidade/actividade desportiva

No ponto anterior, a abordagem do conceito de prontidão incidiu na perspectiva do ensino-aprendizagem das habilidades motoras, cuja essência é passível de ser interpretada à luz de todo um percurso de formação desportiva da criança e jovem. No entanto, no enfoque particular das exigências que o envolvimento, numa modalidade desportiva, coloca à criança e jovem emerge um outro interface do problema. Ou seja, por exemplo, é frequente formularem-se questões, nomeadamente por pais e técnicos do desporto, sobre a idade mais adequada para a iniciação especializada numa modalidade/actividade desportiva, particularmente se se quer ser bem sucedido; ademais, será decisivo que se envolva em idades muito precoces? Questiona-se, também, que determinantes devem ser considerados por forma a identificar o momento óptimo para a referida iniciação.

No caso da idade apropriada para o início da formação desportiva especializada, em determinada modalidade, não temos conhecimento de estudos empíricos de referência. Ainda assim, sabemos que alguns atletas de sucesso se envolveram na prática da sua modalidade muito cedo, outros fizeram-no tardiamente (Magill & Anderson, 1996). Então, parece não existirem garantias de que o início precoce é condição *sine qua non* para se atingir o mais alto nível do rendimento desportivo, ainda que se possam estabelecer diferenças para algumas modalidades (a exemplo da Ginástica e, eventualmente, da Natação). Em qualquer dos casos, existem factores contextuais desportivos e inerentes à própria criança e jovem que concorrem para que a decisão seja tomada; então, importa que o processo de tomada de decisão seja o mais optimizado possível.

No curso desta discussão, os autores (op. cit.) focam o problema nas características passíveis de observação no sentido de proverem alguma perspicácia na determinação de quando a criança ou jovem atingem o estado óptimo para se envolverem num determinado desporto. É claro que esta é uma relação bilateral, dado que o processo de treino e a estrutura competitiva moldam, sobremaneira, o quadro de exigências e constrangimentos colocados ao jovem "candidato".

Na lógica da discussão que formulámos acerca da prontidão para aprender as habilidades motoras, parece-nos que na essência o problema é idêntico, considerando que a prática de determinada modalidade é, em si mesma, uma habilidade, muito embora difira na natureza e dinâmica dos conteúdos. Acresce, que nos parece plausível e relevante, estabelecer um paralelo acerca da possibilidade de existirem períodos sensíveis para que a criança e jovem se envolva na prática e determinada modalidade que, por inerência, é também um processo de aprendizagem e de desenvolvimento de competências.

Mas, quando se infere acerca da participação desportiva da criança e do jovem, é inevitável que se procure não só avaliar a sua capacidade de resposta actual, como se tomem decisões baseadas na previsão do seu desenvolvimento. Assim, Seefeldt (1996) refere que para se conhecer o potencial motor do indivíduo, devemos: "(a) identificar as variáveis antecedentes que prevêem o estado de prontidão para tarefas específicas; (b) reconhecer os comportamentos que predizem a prontidão de aprendizagem para situações específicas de aprendizagem de habilidades e (c) criar condições de envolvimento apropriadas, que irão permitir ou persuadir a aprendizagem para avançar para o próximo nível de aquisição de habilidades" (p. 50, *original em inglês*).

Do ponto de vista da análise da aplicabilidade funcional do conceito de prontidão motoro-desportiva é-lhe atribuída uma natureza individualizada (e.g., Malina,1993; Sobral,1994; Lopes,1997), em que as diferenças individuais, na forma e momento de aquisição de competências motoro-desportivas, são a norma e não a excepção (Lopes, 1997).

É na observância da indiscutível mutabilidade de algumas das características da criança e do jovem, e no carácter particular de cada momento de envolvimento desportivo, que nos parece que Malina (1993) e Sobral (1994) suportam a atribuição de características temporárias e dinâmicas ao estado de prontidão motoro-desportiva.

Na perspectiva do desenvolvimento do percurso desportivo de cada indivíduo, em nossa opinião, empreendem-se constantes estados de prontidão motoro-desportiva, suportados na capacidade de adaptação à natureza das exigências das tarefas, defrontadas em momentos precisos e a intensidades distintas, que talvez justifiquem o carácter permanente da prontidão motoro-desportiva, defendido por Malina (1993).

Para Lopes (1996) e Seefeldt (1988) ela é também específica, ou seja, a sua avaliação deve inferir das tarefas motoras relevantes e exigências de envolvimento próprias de determinada modalidade/actividade desportiva.

Lopes (1997) apresenta, a partir da visão teórica de Seefeldt (1988), a ideia de que qualquer avaliação do estado de prontidão, para além de dever considerar o estado de crescimento e maturação biológica, pressupõe a avaliação do nível de execução das habilidades adequado às tarefas motoras do desporto em causa, e o perfil psicológico do ponto de vista emocional e cognitivo.

Acresce que Seefeltd (1988) e Magill (1988) realçam a importância de se considerarem as experiências anteriores e o potencial de aprendizagem e de desenvolvimento.

No âmbito desta problemática, Sobral (1994), a partir da noção de *performance,* afirma que a prontidão desportiva é o estado de aptidão do indivíduo para obter a *performance,* expressão mais fiel da capacidade de rendimento circunscrito a condições técnicas, tácticas e regulamentares específicas de cada modalidade. Esta acepção só nos parece provida de validade e de sentido quando devidamente suportada no conhecimento da própria estrutura da *performance* (assunto que mais tarde retomaremos).

Se por um lado o conceito de prontidão desportiva transmite uma visão facilmente apropriada por treinadores e investigadores, na verdade, a literatura da especialidade não apresenta uma estrutura clara de identificação da dinâmica dos factores determinantes da prontidão desportiva, tão-pouco uma metodologia de avaliação inequívoca. Interessa que os contributos acerca desta problemática são limitadas na profundidade da abordagem conceptual e carecem de suporte empírico.

Na realidade, os esforços na procura do ajustamento das características do jovem praticante às exigências da prática desportiva têm-se pautado, preferencialmente, pela aferição das dimensões corporais, do estado de crescimento e estatuto maturacional, a partir da avaliação de elementos biológicos (Sobral, 1994).

Não parece suscitar quaisquer dúvidas a importância da criança estar matura suficiente para aprender determinada habilidade. Os clássicos resultados experimentais discutidos anteriormente, de McGraw (1935) e Gesell e Thompson (1929), sublinham isto mesmo (ver Magill, 1988). Acresce que proporcionar instrução ou treino antes da criança alcançar um nível de maturação suficiente (físico e cognitivo) não beneficia a aprendizagem de habilidades ou eventual nível de *performance* da habilidade (Magill & Anderson, 1996). Assim sendo, os autores (op. cit.) defendem que encorajar a criança a participar numa actividade (daqui depreendemos uma modalidade), antes desta estar matura suficiente para uma aprendizagem apropriada da(s) habilidade(s), pode ter influências negativas, nomeadamente ao nível motivacional.

Uma característica importante do processo maturacional é que a criança matura em diferentes níveis, quer do vista cognitivo quer físico (*Ibidem*). Estas proporções evidenciam ser mais pronunciadas com o início da puberdade. Nesta evidência, somos da opinião que o nível maturacional da criança ou jovem deve ser particularmente observado e aferida a sua influência sobre o desempenho motor-desportivo observado na actualidade. Assim sendo, isto é tanto mais importante quando daí resulta a decisão de escolher um atleta em prol de outro e quando a estrutura das oportunidades, condições de prática e de competição são, igualmente, suportadas na observância de sucesso desportivo e na idade cronológica.

2.4. Prontidão motoro-desportiva na perspectiva da iniciação da participação competitiva

Na lógica do processo de iniciação desportiva especializada numa modalidade/actividade desportiva com vista ao (alto)rendimento, o problema do envolvimento da criança e do jovem na competição, nomeadamente do ponto de vista formal, é ainda mais enfatizado. É certo que o jovem atleta, principalmente em idades mais baixas, difere subtancialmente do atleta sénior, não só em tamanho, composição corporal e resposta fisiológica ao exercício físico, como na capacidade de aprendizagem e de compreensão de regras, técnicas, tácticas e estratégias inerentes do treino e à competição (Becerro, 1996). Talvez seja nesta conformidade que Baxter-Jones (1995) questiona em que momento/fase está pronta e habilitada a criança e jovem para competir? Com efeito, podemos encontrar dois tipos extremos de preocupações acerca desta temática; ou seja, por um lado a questão centra-se na determinação do momento e forma mais adequada para envolver o jovem praticante na competição, com vista à optimização da formação desportiva para a *performance* que se deseja futuramente alcançar; por outro lado, numa perspectiva mais humanista, emerge todo um discurso orientado por preocupações envoltas em eventuais consequências, com prejuízos físicos e psicológicos, quando esta participação é mal equacionada. Porém, relembramos que, na literatura, vários autores argumentam que a prática desportiva competitiva, quando adequadamente equacionada, pode constituir-se num meio, por excelência, de aprendizagem de comportamentos e de socialização (e.g., Coakley, 1986; Marques, 1996; Gonçalves, 1999). Ou seja, as virtudes ou as imperfeições do envolvimento desportivo das crianças e adolescentes dependem fundamentalmente da qualidade da prática (Weiss & Gould, 1986).

Regra geral, a prontidão para a competição depende de vários factores: características físicas, psicológicas, desenvolvimento social, tarefas de determinado desporto, prontidão familiar, e factores sociais e culturais mais abrangentes (ver revisões realizadas por Coakley, 1986; Malina, 1986; Sharkey, 1986; Seefeltd, 1996). Ademais, Becerro (1996) nota que a criança e o jovem devem possuir os necessários requisitos energéticos e nutricionais para que se envolvam na competição desportiva de forma adequada.

Em primeira análise, importa realçar que nos parece existir uma relação muito estreita entre, por um lado, a capacidade de aprendizagem (ver Martin,1999) e de domínio das tarefas motora-desportivas e, por outro, a evidência de prontidão para a competição.

Certamente não suscitaremos grandes dúvidas se dissermos que as federações desportivas e inerentes corpos técnicos directivos têm, sobre a matéria da organização da prática desportiva para

crianças e jovens praticantes, grandes responsabilidades e competências. Este é um domínio que temos como decisivo pelas imposições e directrizes reflectidas na definição dos escalões, estrutura competitiva instituída, formas de selecção e de treino de jovens atletas de sucesso com vista à elevação da *performance* competitiva.

Marques (1999b) reconhece no sistema de competições "a essência diferenciadora entre o desporto de alto rendimento e o dos mais jovens" (p.26). Em nossa interpretação, o facto da competição formal ter início em determinada idade induz, porventura, à necessidade de envolver a criança ou o jovem num processo de treino que o prepare para competição. Dito desta forma, o dar resposta às exigências da competição poderá motivar o início da especialização. Para Marques (op. cit.) o sistema de competições nos jovens tem-se orientado em demasia para as prestações específicas, promotor de uma especialização muito rápida, quando o quadro de referência da formação desportiva de crianças e adolescentes deve consubstanciar a competição como uma extensão e complemento do treino.

Segundo o mesmo autor (1996), não existe, ainda, "uma teoria das competições no sistema de preparação desportiva" (p. 3). É inequívoco que, nesta população específica, se justifica uma maior diferenciação da lógica da competição do alto rendimento desportivo (*Ibidem*).

No âmbito do nosso país, Sobral (1994, p. 18) apresenta, para várias modalidades, as idades de início da competição formal[8] (reportadas a 1992), dentre destas para o Andebol - 14 anos e para o Basquetebol - 11 anos.

Marques (1996), com base em Matweiev e Nowikov (1982), referencia as idades recomendadas para o início da participação em competições na ex-URSS, das quais destacamos para o Andebol 13, 14 anos e para o Basquetebol e Voleibol 11, 12 anos.

Andrade (1995) constatou que nas idades correspondestes ao escalão de infantis, e para as modalidades aqui em referenciadas, existem competições de âmbito nacional, ainda que revestidas por objectivos e formas de organização distintas dos escalões de competição superiores. No Andebol observou os denominados Encontros Nacionais, no Basquetebol os Torneios Inter-Selecções e no Voleibol o Encontro Nacional de Minivoleibol.

Sem proceder a uma análise pormenorizada da estrutura orgânica formativa e competitiva em vigor no nosso País, notamos diferenças entre as modalidades alvo desta pesquisa. Este é um domínio que

[8] O autor (op. cit.) distingue a competição formal como "aquela que é regulamentada por uma federação desportiva, que se integra num quadro organizativo escalonado por idades e categorias de praticantes, perseguindo objectivos de excelência, culminando na atribuição de títulos de expressão nacional ou regional e susceptíveis de articulação com a orgânica competitiva de âmbito internacional" (p. 17)

temos como crucial para futuros estudos sobre esta matéria. Com base em informações adquiridas junto de técnicos federativos e associativos, observámos que ao nível dos escalões de formação, e para as mesmas idades, estes nem sempre têm a mesmas designações, como por vezes diferem nos anos de nascimento que os balizam (com possibilidades de ocorrência de reformulações de ano para ano). Além disso, são perceptíveis diferenças na organização dos quadros competitivos. Por exemplo, para as idades de 10, 12 anos a competição no Andebol, ainda que com adaptações regulamentares especiais, é baseada no 7X7 e no Basquetebol e Voleibol promove-se, respectivamente, o Minibasquetebol e Minivoleibol; a competição tem expressão, fundamentalmente, a nível regional, sob a forma de "jornadas concentradas"; porém, ainda que seja evidente a ocorrência de um qualquer tipo de competições a nível nacional, é necessário, reconhecemo-lo, analisar com rigor a sua natureza para então tecer quaisquer conjecturas.

Passer (1996) apresenta três directrizes base na determinação da prontidão da criança e do jovem para a participação competitiva formal: prontidão motivacional, prontidão cognitiva e potenciais consequências prejudiciais. Destas, o autor (op. cit.) destaca a prontidão motivacional como o ponto de partida das directrizes acerca da idade de iniciação desportiva.

No desporto, como em outros domínios, a competição é um meio, por excelência, segundo o qual o jovem praticante tem a oportunidade directa de testar e avaliar as suas habilidades e/ou competências comparativamente aos outros jovens (Horn & Hasbrook, 1986; Passer, 1996; Scalan, 1996; Marques, 1996).

A auto-avaliação das nossas características e capacidades através do processo de comparação com os outros tem a denominação de comparação social (Festinger, 1954, citado por Passer, 1996). A partir do ponto de vista da comparação social, a prontidão motivacional para a competição ocorre quando a criança se torna atraída para tal, procura e tira proveito das oportunidades de comparação das suas habilidades físico-motoras com os seus pares (Passer, 1996).

Por outras palavras, só quando a criança desenvolve a motivação para comparar as suas habilidades com os seus pares a participação na competição começa a servir funções psicológicas significativas. Vários investigadores enfatizaram que crianças muito jovens não podem e não competem, basicamente, por incapacidade ou desinteresse pela comparação social (Roberts, 1980; Passer, 1996; Scalan, 1996).

Concordamos com Passer (1996) que defende que as crianças muito novas podem, certamente, participar em actividades motoro-desportivas competitivas, e daí retirarem prazer, aprenderem

habilidades, atingirem metas e obterem *feedbacks* sobre o seu desempenho; mas isto, por si só, não justifica a construção de uma estrutura formal da competição para esta população específica.

Suportado na revisão da investigação realizada no pré-escolar, o autor (op. cit.) sugere que as crianças (tipicamente de 4 anos), quando colocadas em situação de competição, envolvem-se de forma espontânea em actividades de comparação das suas habilidades com as dos outros; no entanto, não existe uma clara e consistente evidência de que as crianças nesta faixa etária se orientem por comparação social, com o propósito de avaliarem as suas habilidades. Ao invés, neste período etário predomina a motivação individualista e de realização autónoma (Passer, 1996). Este autor apoia-se em Veroff (1969) para revelar que a comparação espontânea com os seus pares, no sentido de julgar as suas competências, não ocorre antes dos 5,6 anos. Passer cita, também, as conclusões do trabalho de Rowen (1973) e indica que só por volta dos 6 ou 7 anos a criança começa a interessar-se e a utilizar as situação competitivas, com o intuito de determinar quem é melhor. Deste modo, as ilações de diversas linhas de investigação remetem-nos para a ideia de que a competição não deve ser introduzida antes dos 7 anos de idade, pois só a partir desta idade a criança está motivada, interessada e preparada para utilizar a informação resultante da comparação de competências com os seus pares.

A ideia de prontidão cognitiva pretende significar que a participação desportiva, em desportos organizados, requer um conjunto de competências e capacidades cognitivas. Um conjunto muito importante de factores cognitivos diz respeito às capacidades de processamento de informação (Gomes, 1997). É evidente que a participação desportiva competitiva infere na aptidão de memorização, recordação e utilização de considerável quantidade de informação (tais como: regras da competição, habilidades técnicas, estratégias e instruções específicas dadas pelos treinadores, entre outros aspectos). No caso de crianças com idades inferiores a 4 anos, a sua capacidade de atenção é de "pequena duração", sendo facilmente distraída por outras quaisquer actividades aleatórias (Ruff & Lawson, 1990; Shaffer, 1993). A partir desta idade, a capacidade de atenção aumenta em duração e torna-se mais capaz de procurar informação relevante para a execução das tarefas (Gomes, 1997). No final da infância, e durante a adolescência, a capacidade de processamento de informação vai aumentando (Bee, 1992; Kail, 1991; Shaffer, 1993). Ou seja, é a partir do 11 anos que a criança começa a desenvolver o pensamento abstracto (Gomes, 1997), o que reconhecemos como essencial para um adequado entendimento dos factores de envolvência da competição e do sucesso-insucesso.

Deste modo, a capacidade para entender as relações causais é uma competência cognitiva extremamente relevante para o processo de competição. Como notamos anteriormente, a criança

procura a competição porque lhe provê informação de comparação social, como contributo para a avaliação da sua competência. Assim, a competência não pode ser julgada com precisão enquanto não estivermos habilitados para perceber como os factores causais interactivos (tais como: capacidades físicas, capacidade de execução técnica, estratégia, preparação, esforço, oposição do adversário, dificuldades, sorte, entre outros) contribuem para os resultados da *performance*.

A este propósito, Passer (1996) cita a revisão de Roberts (1986) acerca de uma investigação com jovens praticantes de desporto entre os 9 e os 14 anos, na qual constatou que as crianças com idades inferior a 12 anos não estavam capacitadas para diferenciar qual a contribuição relativa do esforço e da capacidade na determinação do sucesso e/ou insucesso. Por outro lado, os estudos de Walling (apresentados em comunicação oral em Abril, 1994) sustentam que só aos 11-13 anos é clara a diferenciação entre os conceitos de esforço e de capacidade (Passer, 1996). Então, será de esperar que só por volta dos 12,13 anos o jovem atleta possua a capacidade de diferenciação causal entre as suas competências mais estáveis e o esforço específico despendido na execução das tarefas motoro-desportivas, por forma interpretar mais adequadamente o seu desempenho e, correspondentemente, a percepção das suas competências específicas.

Em conformidade com a perspectiva do autor (op. cit.), o desenvolvimento do raciocínio causal influencia não apenas como a criança de diferentes idades irá avaliar a sua competência, baseada na *performance* dos resultados, mas também como irá responder emocionalmente a esses resultados; sendo que as suas aspirações de *performance* futuras e expectativas de sucesso estão, também, muito relacionadas com a aprovação ou não do seu desempenho pelos seus pares.

Muitas outras competências cognitivas podem ser equacionadas durante a competição desportiva que se repercutem, no caso dos Jogos Desportivos Colectivos, na capacidade de diferenciar e interpretar as situações de jogo (ataque-defesa) e os papéis a estas inerentes (caso dos colegas e dos adversários). Apesar de se apontar que é entre os 8 e os 10 anos de idade que a capacidade de interpretação de papeis pela criança está suficientemente desenvolvida, para que consigam entender e aceitar os pontos de vista dos outros, só entre os 10 e 12 anos desenvolvem a capacidade de compreender, mais justamente, o ponto de vista dos outros e está apta para adoptar a perspectiva grupal (Coakley, 1986).

O terceiro critério fundamental, apontado por Passer (1996), para a determinação da prontidão para a competição decorre da evidência de consequências físicas e psicológicas consideradas potencialmente negativas para o jovem praticante. Este é um assunto particularmente sensível, o qual tem sido motivo de muitas discussões e críticas na opinião pública, médica e psicológica.

Do ponto de vista das consequências psicológicas negativas, o autor (op. cit.) evidencia que podem ocorrer prejuízos na auto-percepção de competências e na auto-estima, assim como podem aumentar os riscos de elevação da ansiedade competitiva, a curto ou longo prazo (ver Gomes, 1997).

Outra questão particularmente importante, decorre do facto da criança se envolver na competição por pressões de pessoas significativas e não por motivação intrínseca. Ao invés, as investigações sugerem que a criança que percepciona que a decisão de competir não é sua, provavelmente, não se sentirá muito satisfeita com a sua experiência desportiva e, consequentemente, mais facilmente abandonará a sua participação desportiva (McGuire & Cook, 1983, citado por Passer, 1996). As crianças que analisam a sua participação desportiva como forma de, fundamentalmente, agradar aos pais foram, também, identificadas como portadoras de maior *stress* competitivo (Scanlan & Lewthwaite, 1984, citados por Passer, 1996).

Como notado anteriormente, as crianças não estando aptas para entender as complexas relações causais da sua prestação cingem-se ao sucesso-insucesso vivenciado (*Ibidem*). Sendo que nestas a correlação entre a competência percepcionada e a actual é baixa (ver Roberts, 1986, citado por Passer, 1996); percepções incorrectas da competência podem, subsequentemente, motivar a que criança desenvolva metas/expectativas desadequadas (Passer, 1996).

Assim, na opinião do autor (op. cit.), a evidência de dificuldades, pela criança, em avaliar a sua competência, e auferir sobre as causas dos resultados da sua *performance,* fazem aumentar a dependência dos *feedbacks* dados pelos adultos, aos quais são particularmente sensíveis.

O autor (op. cit.) sugere que a participação desportiva precoce é, também, potencialmente perigosa, quando, por limitações na capacidade linguística e imaturidade de outras habilidades cognitivas, a criança não entende de forma apropriada a informação dada pelos adultos; assim, esta situação pode provocar frustrações e *stress,* não apenas na criança mas, também, nos pais e treinadores que sentem que comunicam claramente mas o jovem atleta não absorve as instruções (Passer, 1996). A este propósito, Malina (1986) apresenta a noção de prontidão dos pais e técnicos para lidarem correctamente com a envolvência da criança e jovem na prática desportiva.

3. Selecção em desporto

3.1. Considerações gerais

Num enquadramento contextualizado por determinantes históricas e situacionais particulares, o impacto dos resultados desportivos conduziu, inevitavelmente, ao desenvolvimento de preocupações e acções que procuram estabelecer metodologias e condições de treino favoráveis à emergência da excelência desportiva.

Com efeito, o reconhecimento inequívoco da importância do envolvimento de crianças e jovens neste processo determinou uma convergência de interesses e perspectivas na possibilidade de prognosticar[9] e formar jovens atletas promissores de excelência desportiva. Não é por acaso, como refere Marques (1993), que os designados países da Europa de Leste foram os grandes promotores do significado e possibilidades de detecção e selecção de talentos desportivos (domínio em que ex-RDA foi pioneira, no início dos anos 50).

A primeira tarefa que se nos impõe, ao pretendermos discorrer acerca da forma como a selecção desportiva opera no domínio da prática desportiva de crianças e jovens, é precisamente entender o que este conceito pretende significar.

O termo selecção enferma de imediato no acto ou efeito de seleccionar, o que em rigor significa escolha criteriosa e fundamentada, sendo que a sua utilização em associação a variados domínios da actividade humana lhe confere significados particulares e ajustados[10].

No contexto particular do desporto a ideia de seleccionar atletas é, comummente, atribuída à escolha daqueles que oferecem maiores garantias de sucesso desportivo. Na realidade, pensamos que não será descabido afirmar que o efeito de seleccionar é passível de ser observado ao longo de toda uma carreira desportiva, ainda que com diferentes intenções e sob várias formas. Esta nossa conjectura é revelada nos exemplos que a seguir se apresentam, centrados nos Jogos Desportivos Colectivos: (a) escolha dos atletas que constituem um grupo de trabalho; (b) escolha dos jogadores para cada jogo e

---

[9] Maia (1993), baseando-se em Wolf (1990), atribui à prognose a ideia de tentar descrever o futuro com base em informação prévia relevante.

[10] Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (8ª edição, Porto Editora, 1999, p.1487), selecção significa: no "Desporto, conjunto dos melhores atletas, em qualquer modalidade, geralmente representando um país; em Biologia - *artificial,* melhoramento de uma raça pela escolha dos reprodutores; em Biologia - *natural,* a sobrevivência dos mais aptos pela vida, principal causa de evolução das espécies, segundo a teoria darwinista; Escolar/profissional - determinação, mediante processos metódicos e principalmente psicotécnicos, dos indivíduos que, numa população, são mais aptos para certos estudos ou certas profissões"; entre outros domínios.

respectivos titulares; (c) tomada de decisão na opção da especialização dos atletas por funções/postos específicos; (d) finalmente, todo processo de planeamento, realização das sessões de treino e oportunidades de competição decorrem de expectativas e percepções de sucesso futuro relativamente a cada atleta.

Contudo, os especialistas da selecção desportiva têm centrado, sistematicamente, as suas preocupações na questão dos denominados "talentos" desportivos. Esta constatação parece alicerça-se num conjunto de vantagens atribuídas ao processo de detecção e selecção de "talentos" que, segundo Bompa (1987), são as seguintes: (1) redução substancial do tempo médio necessário para alcançar o alto rendimento, dado que se selecciona exclusivamente os atletas que estão mais aptos para determinado desporto; (2) diminuição da carga de trabalho do treinador, que passa a dispensar tempo apenas com os talentos; (3) aumento da competitividade e do número de atletas com ambições, permitindo um nível de desempenho mais elevado e consequentemente as condições para se formarem equipas nacionais; (4) aumento da segurança, confiança do atletas, considerando que sabe do seu potencial; (5) finalmente, de forma indirecta, favorece a aplicação de métodos científicos de treino.

No estudo da problemática, o primeiro grande obstáculo com que nos deparámos decorre da sua complexidade conceptual e operativa. É certamente por motivo que Maia (1993) observa a existência de uma multiplicidade de termos e expressões (como a procura, identificação, detecção, selecção, promoção e prospecção de "talentos" desportivos) que nem sempre apresentam clareza conceptual e analítica, ademais são frequentemente utilizados de forma indiferenciada e sinónima. Contudo, vários autores defendem a existência de um empreendimento de ideias e conceitos distintos que coexistem e se integram (e.g., Salmela e Régnier, 1983; Régnier, 1987; Sobral,1988; Maia, 1993).

Neste contexto, é particularmente revelador que, apesar de terem emergido alguns contributos para o entendimento do significado de "talento" desportivo (e.g., Harre,1982; Nadori,1983; Hahn,1987; Zatsiorski, 1989)[11], este não apresenta, no plano conceptual e operativo, sustentação válida e consistente (Maia, 1993). Esta mesma evidência é notada por Maia (op. cit.), a propósito da ideia de existência de talento motor como condição base e primeira à emergência de um "talento" desportivo (Hahn, 1987; Marques *et al.*, 1991; Sobral, 1991).

---

[11] O entendimento do conceito de talento desportivo não tem sido pacífico. Numa primeira análise, talento é um "antigo peso e moeda de ouro dos Gregos e Romanos" (Dicionário da Língua Portuguesa, 8ª edição, Porto Editora, 1999, p. 1560), e é neste significado que Maia (1993, p. 13) encontra justificação para a evolução semântica desta palavra "para algo que é muito valioso e raro". Com aplicação a diferentes domínios do comportamento humano, o talento expressa a possibilidade da obtenção da excelência, no sentido de uma ocorrência atípica, que se distingue da normalidade (Maia, 1993).

Na discussão da adequabilidade do termo "talento" desportivo aos jovens atletas (particularmente em escalões etários baixos, 10-14 anos), Malina (1988a, citado por Maia, 1993; 1988b) apresenta em sua substituição a ideia de jovem atleta de sucesso, posteriormente alargada a outros autores (e.g., Maia,1993; Beunen,1995). Com efeito, a definição do jovem atleta de sucesso é normalmente entendida em termos de sucesso relativo ao nível competitivo regional, nacional e internacional (Malina, 2000) e ao seu escalão etário.

Mas, se parece ser indiscutível que a evidência de elevadas *performances* desportivas ao mais alto nível são sinónimo do um talento confirmado, particularmente difícil parece ser a possibilidade da sua prognose enquanto crianças/jovens. De facto, a prognose de talentos desportivos tem sido um dos maiores desafios enfrentados pelos investigadores das Ciências do Desporto (Matsudo, 1996). Como refere Araújo (1995b), apesar de toda a produção teórica e prática, nos dias de hoje, ainda ninguém intelectualmente sério se atreve a garantir que o atleta hoje identificado de promissor de excelência desportiva se venha, futuramente, a confirmar talento ao mais alto nível da competição desportiva.

Todavia, apesar do risco que encerra o acto de seleccionar, que implica, necessariamente, decidir acerca dos melhores e dos piores dos mais aptos e menos aptos (Janeira, 1995), da evidência ou não de potencial para o sucesso na competição desportiva (Malina, 2000), vários países apresentaram e desenvolveram programas e modelos no sentido de dar resposta ao problema, particularmente nos anos 80 e 90 (ver revisão de Maia 1993).

Apesar de todas as críticas e inconsistências verificadas acerca dos programas de selecção e detecção de talentos, nos dias de hoje, a sua apologia é ainda evidente. Por exemplo, na actualidade, países como a Espanha (Garnelo, 2000) e Austrália[12] (Hoare[13], 2000) apresentam planos e programas nacionais orientados para a identificação, selecção e desenvolvimento de talentos. Se bem que este facto não deixe de ser curioso, pensamos que estas acções se constituem numa mais valia, por serem motivo de construção de uma série de condições de acesso e de formação desportiva dos jovens atletas de sucesso. Ademais, os autores referidos suportam o sucesso do trabalho realizado numa série de resultados de expressão ao mais alto nível de competição (Jogos Olímpicos). Neste capítulo, segundo Chauveau (2000), na actualidade, a França alicerça - depois de passar por vários processos e metodologias que nem sempre produziram os resultados desejados - a prática desportiva extra-escolar vocacionada para crianças e jovens: no clube, enquanto território de formação do atleta; no

[12] O programa teve início em 1994 com denominação de Pesquisa de Talentos - Programa Nacional de Identificação e Desenvolvimento de Talentos para os Jogos Olímpicos de Sydney 2000 (ver Hoare, 2000).

[13] Deborah Hoare é Coordenadora Nacional da Pesquisa de Talentos - Instituto Australiano do Desporto.

município, enquanto promotor da melhoria das instalações e de condições de acesso e nos pais, dado que estes suportam, em cerca de 60%, as despesas desportivas globais. O investimento (financeiro) do estado é então canalizado para as designadas *pôles*[14]; estas *pôles* são estruturas de apoio aos atletas de alto nível (pôles France) ou atletas "esperanças" (*pôles Espoir*) (Chauveau, 2000). Paralelamente, o autor (op. cit.) realça que foram criadas várias disposições (algumas já regulamentadas) facilitadoras do desenvolvimento da carreira do atleta, designadamente facilidades da formação, ajudas financeiras, convenções de inserção profissional, entre outras.

Segundo Hoare (2000), os programas de identificação e desenvolvimento de "talentos" na Austrália foram, primeiramente, implementados pelo Dr. Allan Hahn e colaboradores (1988). Na actualidade a sua prevalência é considerável, sendo traduzida numa substancial involvência de recursos humanos e materiais, na natureza e dimensão do programa (1994-2000) e num "forte" investimento financeiro concretizado[15].

3.2. Selecção desportiva em modalidades: estrutura e tipologia

O recurso a modelos como forma de explicar, prognosticar e balizar o fenómeno da selecção em desporto é um dado inquestionável.

A observância da literatura da especialidade conduz-nos a uma infinidade de modelos e de contributos que, quase sempre, apresentam como núcleo teórico central a detecção e selecção de "talentos" (ver revisão feita por Maia, 1993). Regra geral, os modelos apontam para fases/etapas de um processo com incidência a curto (ver Silva, 1992) e/ou a longo prazo (e.g., Teodorescu, 1977; Yessis, 1981; Bompa, 1987). Porém, somos induzimos a concluir que este processo se desenvolve em simultâneo e complementarmente ao processo de preparação desportiva a longo prazo. Não obstante, esta relação é pouco enfatizada pelos autores.

---

[14] As *pôles* (polos) vêem substituir os CPEF, que eram centros implantados em estabelecimentos do Ministério da Juventude e dos Desportos, ou estavam ligados a grandes clubes desportivos instalados em cidades com importância significativa.

[15] A autora (op. cit.) refere no Fórum - Alta Competição, Que Modelos? (organizado pelo Centros de Estudos e Formação Desportiva) que a criação deste programa teve como pressupostos de base seleccionar jovens atletas de sucesso com idades compreendidas entre os 14,16 anos, considerando o limite temporal para a realização do Jogos Olímpicos no seu pais.

Atendendo a que qualquer modelo de selecção desportiva só nos parece provido de sentido e validade quando remetido para o contexto particular de cada modalidade, como aponta Araújo (1995b), então só faz sentido detectar e seleccionar quando existem objectivos concretos quanto ao "para quê (?)".

A abordagem da selecção desportiva, em qualquer modalidade, pressupõe o imediato reconhecimento de regras e princípios básicos em que esta deve assentar. Na procura de uma estrutura base que desse corpo à metodologia de intervenção na selecção em várias modalidades, verificámos que, nesta matéria, as propostas centradas em crianças e jovens apresentam divergências nas directrizes conceptuais e operacionais. Ainda que a literatura aponte para um consenso, relativamente generalizado, sobre a ocorrência de três fases/fases (Sobral, 1994) alguns "modelos" apontam para duas (e.g., Harre, 1982), ou até quatro fases (e.g., Fomitchenko e Gomes,1999). Em seguida, percorremos alguns contributos, segundo uma lógica de evolução das respectivas fases.

No quadro dos postulados de Harre (1982), na primeira etapa (geral) procura-se identificar as crianças que possuem uma "habilidade motora genérica" elevada.

Araújo (1985), ao apresentar o modelo de detecção e selecção de "talentos" checoslovaco, identifica uma etapa fundamental, de 1º grau (6,7anos) e 2º grau (10 anos), na qual propõe a observação de um estado de saúde adequado, cumprimento de normas prescritas na base de provas motoras (considerando o estado de desenvolvimento biológico), conhecer e considerar a atitude dos pais face às exigências da prática desportiva e de, alguma forma, o nível de apropriação das habilidades motoras.

Segundo Bompa (1987), a primeira fase decorre entre os 3 e os 8 anos e tem por objectivos: revelar qualquer problema de ordem física ou orgânica; determinar o nível de desempenho físico através da análise da relação peso/altura; prognosticar dominantes genéticas (ex.: altura) que mais tarde possam influenciar a escolha de um desporto.

Na perspectiva de Nadori (1989), a primeira etapa (geral) centra-se na avaliação das capacidades físicas (caso: força dinâmica e estática, coordenação, resistência, velocidade, flexibilidade, estrutura corporal, etc.).

Para Sobral (1994), existe uma fase primária que se estende entre os 3 e os 8 anos, na qual propõe a avaliação do estado geral de saúde, do desenvolvimento corporal e das coordenações motoras de base. Para o autor é também relevante a obtenção de dados familiares, nomeadamente acerca da dominância genética de certos atributos (ex.: altura) e sobre as atitudes e incentivos à prática desportiva da criança.

Segundo os autores Fomitchenko e Gomes (1999), na etapa de selecção preliminar (ou primária) deve determinar-se as principais capacidades da criança, por forma a evoluir desportivamente, e o grau de actividade motora. É, também, realçada a importância de se considerar a opinião dos familiares relativamente à prática desportiva.

Em resumo, a opinião dos vários autores parece-nos consentânea com as preocupações e orientações base de todos aqueles que assumem uma atitude responsável na formação desportiva dos mais novos, quer seja no âmbito de um clube ou da escola. Além do mais, os autores não apresentam dados empíricos, e muito menos éticos ou pedagógicos, que justifiquem a ocorrência de selecção nestas idades, principalmente, no sentido da valorização de um grupo especial de crianças promissoras da excelência desportiva e por consequência uma eventual discriminação dos não seleccionados. Sendo que, nesta fase, segundo Marques (1993), não é possível detectar, com rigor, crianças com talento para uma modalidade/especialidade desportiva.

Haverá, então, motivos conceptuais, educativos e desportivos que justifiquem que se fale e proceda a processos de selecção desportiva, nomeadamente de talentos, em idades muito baixas, como sugerem os modelos? Para além da literatura não prover suporte conceptual e empírico consistente, do pondo de vista do senso comum este é um assunto que se assume cada vez mais polémico e dúbio.

Porém, a literatura conduz à identificação de uma fase posterior (caso concreto dos modelos anteriores), que prima pela importância dada aos factores críticos da *performance* enquanto orientadores de todo o processo inerente.

Segundo Harre (1982), a emergência de uma segunda etapa (específica) pressupõe a identificação das habilidades específicas para modalidades ou classes de modalidades, tendo em conta as capacidades actuais da criança e as suas potencialidades.

Araújo (1985) aponta a existência de uma selecção especializada de primeiro grau (12 anos), destinada a seleccionar jovens para "Centros de Treino de Juventude Dotada". Nesta etapa, para além dos desígnios da fase precedente, acresce a observância da evolução do rendimento relativo e dos pressupostos (somáticos fundamentais e especiais) à especialização numa modalidade.

Nadori (1989) sugere que a segunda etapa (semi-específica) decorre no período pubertário, propondo o uso de testes de capacidades motoras.

Bompa (1987) refere que a segunda etapa aplica-se a crianças e jovens que estão envolvidos no processo de treino, e decorre dos 10 aos 17 anos, sugerindo um conjunto de exames e testes de ordem biométrica e funcional.

Para Sobral (1994) a fase secundária situa-se no período que antecede a puberdade e durante a mesma (no caso da ginástica, natação e patinagem artística esta fase tem um início mais precoce). A avaliação incide no estado geral de saúde, no desenvolvimento morfológico e no estado fisiológico e motor.

Na perspectiva de Fomitchenko e Gomes (1999), na segunda etapa de selecção (secundária) pretende-se comprovar o ajustamento das crianças preliminarmente seleccionadas com as exigências da modalidade. Com efeito, os autores (op. cit.) notam que a observância de qualidades e capacidades especiais, e um nível de preparação desportiva médio, permitem determinar o grau de dotação desportiva da criança para a modalidade escolhida. Assim, para o caso concreto das escolas desportivas infanto-juvenis, estes autores referem que num período de 3 a 6 meses o treinador de uma modalidade específica, a partir de observações pedagógicas, diálogos e testes de controlo, procura aferir as potencialidades dos atletas. Neste processo é particularmente enfatizada a determinação da estabilidade dos interesses desportivos da criança e o tipo de resposta ao processo de aprendizagem.

Na leitura das abordagens anteriores é perceptível que a metodologia aplicada intenta seleccionar jovens atletas de sucesso na orientação de determinada modalidade. É, exactamente, neste ponto que elevamos as nossas atenções, porque os pressupostos teóricos e operacionais parecem constituir-se no reconhecimento de um momento/fase em que é possível encontrar indícios capazes de diagnosticar a modalidade a que a criança e o jovem mais se ajusta, na intercepção com a prognose de *performances* elevadas.

Finalmente, o processo de selecção desportiva em crianças e jovens parece culminar na sua afirmação de atleta de sucesso desportivo, ao mais alto nível de competição. O momento em que a terceira fase/etapa tem lugar varia de modalidade para modalidade, conforme os pontos médios de máxima *performance* (Sobral, 1994). Na opinião deste autor, a última fase (complementar) corresponde à fase de aperfeiçoamento desportivo e de exigências máximas de competição.

Araújo (1985) faz referência uma etapa de selecção especializada de segundo grau (15,16 anos), realizada em "Centros de Treino", que objectiva seleccionar atletas para os "Centros de Treino de Preparação de Alta Competição". Nesta etapa a selecção é mais rigorosa e exigente; de entre várias condições é considerado o rendimento evidenciado na modalidade de especialização escolhida, o rendimento relativo em provas gerais e específicas, os resultados em provas funcionais, o tipo

somático e perfil psicológico ajustado às exigências da modalidade de especialização. Para a mesma etapa, este autor sugere um terceiro grau (18,19 anos) que se desenvolve num quadro idêntico ao anterior, mas no intento de uma previsão de excelente evolução de *performance*.

Nadori (1989) sugere que na terceira etapa procura desenvolver-se as qualidades específicas requeridas para a desporto escolhido, centradas no treino e na competição.

Segundo Bompa (1987), a terceira fase culmina na selecção dos atletas com vista à sua integração na selecção nacional. Entre os principais factores a avaliar estão a saúde, a adaptação fisiológica ao treino e à competição, resistência à fadiga e, principalmente, a capacidade de melhorar.

Fomitchenko e Gomes (1999) atribuem à terceira fase a denominação de orientação desportiva, desenvolvida ao longo de vários anos. Nesta, cabe ao treinador no período (longo) de observação minuciosa dos jovens atletas determinar qual é modalidade mais ajustada e quais as potencialidades do atleta. Numa quarta etapa são perseguidos objectivos concretos de constituição de selecções (ex.: regionais e nacionais).

A última fase da selecção é explicitamente remetida para o contexto desportivo de cada modalidade, e para fases mais tardias do processo de preparação desportiva a longo prazo, sendo obviamente aquela que menos se relaciona com o âmbito deste trabalho.

Situamos, agora, a análise da selecção no programa implementado na Austrália (Hoare, 2000). Esta perspectiva difere das anteriores, razão pela qual a expomos de forma individualizada. Apesar deste programa constar, igualmente, de três fases, estas não têm correspondência com as faixas etárias dos "modelos" anteriores. Segunda a autora (op. cit.), as fases são consignadas como a seguir se faz saber. A primeira fase é realizada ao nível escolar (14 anos), conduzida por professores de Educação Física e sob a orientação de coordenadores. Nesta fase são realizadas medidas antropométricas básicas e aplicados testes de aptidão física genérica. Os resultados incorporam uma base nacional de dados, a partir da qual se identificam os alunos convidando-os a participar na segunda fase do processo. A segunda fase - triagem avançada - consta de avaliações antropométricas e de aptidão física mais elaboradas e de testes específicos de cada modalidade. Com base nos resultados desta fase, procura-se identificar os estudantes com talento para determinada modalidade, os quais são convidados a participar num programa de formação desportiva específico para atletas "talentos". A terceira fase do programa é, exclusivamente, consignada ao desenvolvimento dos "talentos" - no caso preparação desportiva para as Olimpíadas de Sydney.

Nos "modelos" anteriormente apresentados é inequívoco um carácter conceptual e operacional fundamentalmente genérico; como vimos, é basicamente a partir da segunda etapa que a selecção de jovens atletas de sucesso é orientada no sentido de uma qualquer modalidade. Porém, quando deslocamos o campo de análise para as modalidades em estudo, exíguas são as proposta que promovem um processo faseado e a longo prazo, e muito menos alicerçadas na hipótese de uma base geral de selecção de "talentos" e consequente orientação desportiva. Notamos, contudo, que os "modelos" de Chestakov (1999 - Andebol), Yessis (1981 - Voleibol) e Cherebetiu (1992 - Voleibol) apresentam, tal como a maioria dos "modelos" genéricos, uma estrutura assente em três etapas.

Por exemplo, Chestakov (1999) apresenta um "modelo" de selecção que serve de base ao trabalho prático realizado na Rússia. Neste "modelo", a primeira fase apenas confere objectivos de divulgação e promoção da prática da modalidade nas escolas, direccionados para crianças e familiares. Subsequentemente o autor (op. cit.) indica a ocorrência de uma etapa de selecção (primária) de jovens atletas. Esta etapa desenvolve-se na escola e pressupõe a colaboração entre o professor de Educação Física e o treinador da Escola Desportiva. Os alunos são seleccionados, fundamentalmente, pela evidencia de interesse pela modalidade e com base num bom estado geral de saúde. Nesta etapa, os propósitos inscrevem-se em três princípios base: proporcionar experiências de prática da modalidade a um número substancial de alunos; elevar os níveis de preparação física geral e seleccionar os alunos com potencialidades superiores. Estas potencialidades são traduzidas em características genéticas e motoras. No decorrer dos trabalhos merecem a atenção dos treinadores indicadores morfológicos e as capacidades motoras. No final da etapa realizam-se "cursos de observação". Estes incluem jogos de Andebol e testes de controlo que servem de base à selecção realizada pelo "perito". Finalizada a etapa, os alunos seleccionados são orientados para integrarem um processo de formação desportiva em Andebol na Escola Desportiva. A terceira etapa de selecção (secundária) tem uma duração de três anos; esta tem como fulcro confirmar a capacidade de resposta do jovem atleta às exigências da *performance* - jogo, e identificar e seleccionar aqueles que evidenciem maior apetência para integrar os grupos de treino especializado. O autor (op. cit.) apresenta uma série de procedimentos que confluem em quatro grandes grupos de factores: médico-biológicos; pedagógicos; psicológicos e sociológicos.

Em contraponto com aquilo que, intuitivamente, observamos ocorrer no contexto desportivo português e com base em informações acedidas (através de documentos federativos e associativos) não temos quaisquer reservas em afirmar que a selecção e formação de jovens atletas de sucesso está, em primeira instância, alicerçada nos clubes, seguindo-se o âmbito associativo e/ou federativo, com possibilidades de existirem acções consertadas entre os vários organismos. No domínio restrito das

modalidades aqui em estudo, a nível federativo e/ou associativo, observam-se planos e acções específicas.

Regressando a uma perspectiva nacional, não temos conhecimento de um qualquer programa global e integrado que regulamente e opere no domínio da selecção de jovens atletas de sucesso e de promoção da sua carreira desportiva.

Citando novamente Garnelo (2000) e Hoare (2000), é interessante observar que, respectivamente, na Espanha e Austrália foram criadas regulamentações e orgânicas próprias de intervenção na identificação, selecção e desenvolvimento de "talentos" desportivos. Na Austrália, a primeira fase é da responsabilidade de um organismo independente e a segunda opera no interface com Centros de Treino Intensivos existentes para determinadas modalidades. Em Espanha, a intervenção passa pela atribuição de responsabilidades, meios estruturais e financeiros a cada federação, com base num projecto apresentado e aprovado pelo Conselho Superior de Desporto, em função de critérios previamente definidos e divulgados.

3.3. Problemas da selecção/escolha desportiva centrados nos sujeitos e nos seleccionadores

Certamente não induziremos em qualquer polémica se dissermos que a História é carregada de exemplos de treinadores e seleccionadores que, com base na sua experiência e intuição, fizeram escolhas acertadas, confirmadas pela consagração dos seus campeões.

O treinador e/ou seleccionador é, em si mesmo, um agente de selecção. De facto, este detém um poder determinista no percurso da carreira desportiva de um atleta que, necessariamente, assume magnitudes e consequências distintas em função das condições e do momento da decisão. Com efeito, estamos de acordo com Sobral (1994) ao enunciar que a sua decisão é tanto mais melindrosa quando daí resulta a exclusão definitiva do jovem candidato a uma formação desportiva especializada. Então, é fundamental que, do ponto de vista dos seus conteúdos e processos, as decisões sejam o mais correctas possível, o que implica uma definição apropriada dos indicadores e critérios a utilizar.

Segundo Sobral (op. cit.), apesar do treinador, no exercício das suas tarefas de selecção, procurar que a sua apreciação seja o mais subjectiva possível, ela é sustentada em determinados indícios. Ademais, o autor (op. cit.) refere que é fundamental saber valorizar certos indícios, sendo que a única forma de reduzir o grau de indeterminação das decisões é através da prevalência do conhecimento sobre a intuição. Realçamos que o autor (op. cit.) formula esta afirmação sem qualquer base conceptual e empírica consistente.

Mas como será que, de facto, os treinadores/seleccionadores tomam as suas decisões? Será que estas são sustentadas em indicadores e critérios objectivos? Qual será a porção de erro das suas decisões?

Na literatura portuguesa, emergem alguns autores que se inspiram no campo da Psicologia Industrial com intenção de dar um outro alento à resolução desta problemática (e.g., Maia, 1993; Brandão, 1995; Santos, 1997b; Simões, 1998).

A Psicologia Industrial é uma área que evidencia grande produção teórica e operativa, centrada na tomada de decisão na escolha de candidatos para determinados empregos e no modo de obter a maior rentabilidade possível.

Neste contexto, o processo de selecção e predição apresenta duas formas de configuração distintas para recolha e organização da informação, isto é: clínica, a partir da opinião do perito, na qual prevalece a sua competência na recolha e tratamento da informação, e actuarial, baseada nos procedimentos estatísticos e matemáticos, nomeadamente através da aplicação de equações regressão (Marchete, 1992; Gatewood & Field, 1994; Godoy, 1997). Ainda que seja relevante que a investigação empírica tem vindo a demonstrar que o método actuarial é mais eficaz que o clínico (ver revisão feita por Marchese, 1992 e Godoy, 1996), para a concepção dos modelos de decisão actuarial a informação significativa do perito é considerada fundamental. Basicamente, a aplicação do modelo actuarial é apontada como mais apropriada por permitir isolar uma série de variáveis passíveis de influenciar a recolha e tratamento da informação e, consequentemente, a decisão do perito; por outro lado, este método é sugerido por ter uma aplicação mais rápida (e.g., Marchese, 1992).

Recolocando a discussão no desporto, na nossa perspectiva, a abrangência e complexidade do problema é em muito superior à observada na Psicologia Industrial. Porque, inerente ao processo de tomada de decisão no desporto, existe uma criança, um jovem ou um atleta sénior que, em regra geral, não são profissionais.

Numa outra perspectiva, tem sido inevitável a analogia desta problemática ao palco da selecção natural, no qual sobrevivem os melhores adaptados, os mais capazes (ver Maia, 1993). Segundo Sobral (1994), em biologia o conceito de selecção tem subjacente o conceito da adaptação, o qual pressupõe a capacidade do organismo ou de uma população responder às pressões ambientais através de constantes modificações. No desporto, para além da evidência de pré-requisitos para a modalidade em causa, o jovem é seleccionado também pela sua capacidade de ajustamento ao processo de preparação desportiva. Assim, "o jovem é seleccionado não por ser fenotipicamente ajustado mas ajustável" (Sobral, 1994, p. 42).

Uma das "pedra-de-toque" do processo selectivo de crianças e jovens está, sem dúvida, firmada numa lógica da regulação baseada no sucesso competitivo, o que, justamente, motiva acérrimas críticas pedagógicas, sociais e médicas (ver, Personne, 1987). Porém, estamos em crer que o contexto particular de cada modalidade promove divergências na natureza e extensão desta problemática.

Na literatura portuguesa da especialidade, e para as modalidades alvo deste estudo, observamos alguns estudos em selecção desportiva que estão centrados, precisamente, na opinião dos treinadores e/ou seleccionadores.

Num estudo dirigido para a selecção de andebolistas dos dois sexos, dos 13 aos 16 anos de idade, Maia (1993) observou (com base nos resultados do teste de Mann-Whitney) que treinadores e seleccionadores possuem o mesmo entendimento relativamente aos factores de rendimento.

A pesquisa de Santos (1997b), especificada em treinadores da primeira divisão de Andebol brasileira de seniores masculina e feminina, demonstra que os factores de selecção mais relevantes são, em primeiro lugar, de natureza técnico-coordenativa, em segundo psicológica e em terceiro táctico-cognitiva (no grau muito importante estes factores marcam respectivamente 91,7%, 83,3% e 75%).

Silva (1995) realizou uma pesquisa no âmbito do escalão de infantis masculinos de Basquetebol e concluiu que treinadores e seleccionadores partilham um entendimento semelhante no que se refere à importância dos seguintes factores de selecção: somáticos, funcionais, psicológicos e habilidades específicas (com base nos resultados de teste U de Mann-Whitney). Este autor não discrimina qual a valorização relativa entre os factores.

Silva (1992), num estudo centrado nos treinadores de Voleibol, observou que os factores classificados como prioritários na selecção de jogadores são os psicológicos e comportamentais (valores incidentes no grau muito importante), seguindo-se com valorizações idênticas entre si os factores antropométricos, técnico-coordenativos e táctico-cognitivos (valores incidentes nos graus importante e muito importante). Notamos que este estudo não remete para qualquer escalão de formação.

3.4. O problema dos indicadores e critérios de selecção e orientação desportiva

É indiscutível que o processo de orientação e selecção desportiva de um jovem atleta não se pressupõe que ocorra de forma aleatória. Como refere Matvéiev (1986), a probabilidade de errar na escolha de uma modalidade desportiva, com vista à especialização, diminui quando a prognose da *performance* nessa mesma modalidade é baseada num conjunto adequado de índices. Daí que os modelos genéricos de selecção e/ou específicos de uma dada modalidade, alicercem os seus

instrumentos mais poderosos de avaliação, e de decisão, em indicadores e critérios. No entanto, quando remetemos a nossa leitura para os modelos genéricos de selecção, anteriormente apresentados, ainda que sejam sugeridos indicadores para cada etapa/fase (ver revisões de Maia 1993; Silva, 1995; Santos, 1997b), não é perceptível qual é a valorização relativa de cada um, tão-pouco são apontados critérios objectivos. Acresce que a estrutura metodológica proposta apresenta testes que carecem de suporte conceptual, não revelando fiabilidade e validade comprovada.

É de relevar que as expressões indicador e critério são, por vezes, utilizadas de forma pouco esclarecida. Por exemplo, alguns autores referem-se a critérios ao invés de indicadores. Leia-se por critérios de selecção, como refere Maia (1993), "um conjunto coerente e sólido de princípios e referenciais que permitem distinguir com relativa segurança os eventuais talentos desportivos dos que não parecem possuir essa potencialidade" (p.44). Não referenciando o nosso entendimento a qualquer autor, afigura-se-nos ajuizar que os critérios influem entre e intra-indicadores[16]. No que diz respeito ao último domínio, a aplicação de um critério pressupõe a definição de um valor crítico referenciado ao indicador considerado na tomada de decisão, abaixo do qual supostamente o atleta não é seleccionado. Também, na nossa óptica, na dependência da natureza do indicador em observância e metodologia utilizada, o valor crítico pode ser de grandeza qualitativa ou quantitativa. Critérios aplicados a vários indicadores pressupõem a definição da valorização relativa de cada indicador na apreciação e decisão que se pretende tomar.

No quadro do treino em (alto) rendimento desportivo, impera que a lógica da selecção seja orientada pelo referencial da excelência desportiva, o que se percebe, na medida de dar resposta adequada às exigências da *performance* competitiva. É com base nesta convenção que se procuram enunciar indicadores e critérios.

No cerne deste desafio está, obviamente, a possibilidade de modelar a *performance* desportiva, problemática que tem reclamado a atenção de vários estudiosos (e.g., Maia, 1993,1997). Contudo, as conjecturas teóricas têm-se evidenciado incapazes de descrever e explicar com rigor as relações de interacção e hierarquia entre as diferentes componentes da *performance* desportiva. Esta dificuldade parece residir no facto da *performance* desportiva ser, por natureza, a expressão de um fenómeno multivariado (Janeira, 1994). Daí que alguns especialistas da modelação da *performance* desportiva tenham vindo a propor um conjunto diversificado de factores[17] (ex.: anatómicos, fisiológicos, técnicos, tácticos, psicológicos, sociais e culturais) que a influenciam (Pinto, 1995). A este propósito recorde-se

[16] Temos como exemplos de indicadores: força explosiva, resistência aeróbia, altura, peso, competências técnicas ao nível da finta, capacidade de remate/lançamento, entre muitos outros.

[17] Cada factor traduz um agregado de indicadores, em situações particulares poderá ser equiparado a um único indicador.

o modelo de Malina (1980), em que a estrutura da *performance* é descrita em três dimensões principais: a orgânica (processos energéticos), a motora (habilidades motoras) e a cultural (hábitos e atitudes de comportamentos).

Na perspectiva de Sobral (1993), a proposta de Malina é uma aproximação eminentemente ecológica, e dá suporte à ideia fundamental de que "tanto o nível de *performance* como o estado de prontidão do indivíduo dependem de qualidades inerentes ao indivíduo, de factores ambientais e dos respectivos processos de interacção" (p.27).

Martin (1999), a propósito do treino de jovens, define que capacidade de *performance* é o resultado da interacção temporal entre os pré-requisitos individuais da *performance* e as exigências objectivas da *performance*. Neste âmbito, o conceito subjacente aos pré-requisitos abrange "as estruturas e as funções do organismo e os dispositivos genotípicos disponíveis" (p.39), para o que admite existirem quatro grupos de pré-requisitos: psicocognitivos, neuromusculares, energético-orgânicos e constitucionais. Nas palavras deste autor (op. cit.) os pré-requisitos interagem com as exigências da modalidade, ou seja, com o treino e a competição, expressando-se no comportamento e nos resultados atleta.

Segundo o autor (op. cit.) a capacidade de *performance* desportiva é, normalmente, dividida e diferenciada em diferentes elementos sob a forma de capacidades (sete classes): "capacidade de aprendizagem de habilidades motoras e da técnica desportiva; capacidades coordenativas; capacidade de velocidade; capacidade de flexibilidade; capacidade de força; capacidade de resistência; capacidade competitiva na modalidade específica" (p.40). Esta última capacidade depende, em muito, do nível de prestação das outras (*Ibidem*).

No enunciado de Fleishman (1964) pode ler-se que a *performance* é a medida dos comportamentos observados num indivíduo, remetidos para um determinado momento e uma dada situação. Aplicando esta ideia ao processo de formação desportiva de crianças e jovens, cujo desenvolvimento físico-motor é marcado pela instabilidade, principalmente nos períodos pré-pubertário e pubertário, somos levados a ajuizar que são de se esperar grandes flutuações na *performance* motoro-desportiva; assim, quando nestas fases a selecção é realizada a partir da evidência da *performance* actual, é provável que aumente a proporção de erro no prognóstico do rendimento desportivo futuro do atleta. Acresce que também supomos que as exigências e constrangimentos da estrutura do treino e da competição de cada modalidade apresentam divergências, em função da sua especificidade, do contexto em que esta é produzida (clube, selecção, região, etc.) e da fase de preparação desportiva em que o jovem atleta se encontra, o que pela lógica determinará indicadores e critérios de selecção distintos.

Janeira, Garganta e Maia (1994) realçam a importância de se constituirem traços e indicadores de selecção que traduzam a relação da estrutura-funcionalidade do jogo. Sendo que para a realização das tarefas motoro-desportivas, inerentes a uma dada estrutura de prestação desportiva, o jovem atleta deverá apresentar uma série de requisitos, que normalmente são traduzidos sob a forma de características, competências e capacidades, os quais se organizam em factores com contribuições distintas para o rendimento final (Pinto, 1995). Não podemos deixar de realçar que esta discussão só faz sentido quando dimensionada ao respectivo escalão de formação e de competição desportiva.

No caso específico dos Jogos Desportivos Colectivos, o jogo (ex.: Basquetebol, Andebol, Voleibol, Futebol, etc.) evidencia ser palco de regulamentos e constrangimentos muito específicos, daí que cada modalidade apresente uma matriz referencial muito própria, ainda que possam existir algumas similitudes entre os vários jogos (ver Bayer, 1979 e Teodorescu, 1984).

Os contornos próprios de cada jogo desportivo colectivo permite-nos considerar duas categorias de análise: estrutural e funcional. Segundo Pinto (1995), a análise da estrutura formal do jogo de Basquetebol reporta-nos para um conjunto de elementos constituintes do jogo que lhe impõem um contexto singular: o terreno de jogo, a bola, os regulamentos; a análise funcional tem em conta a acção do jogo em função das relações complexas de cooperação vs. oposição entre os jogadores, no sentido da persecução dos objectivos do jogo.

Face à configuração e estruturação que cada jogo evidencia colocar ao atleta, é de esperar que a sua participação pressuponha características que lhe permitirão satisfazer essas exigências e constrangimentos. No quadro do Basquetebol, Pinto (1995) refere que sumariamente as características individuais compreendem: as habilidades específicas, características antropométricas, a aptidão física e o conhecimento do jogo.

Neste contexto, somos induzidos a concluir que a determinação de indicadores e critérios que, com validade e fiabilidade, referenciem a escolha e orientação de jovens atletas é tarefa complexa, particularmente se procurarmos situar o problema no interface da capacidade de resposta actual às exigências do jogo e a possibilidade da optimização dos seus recursos no sentido de alcançar sucesso desportivo futuro.

Mesquita (1997a) nota que nas idades mais baixas devem ser utilizados os indicadores que não dependem da influência do processo de treino, dado que se pode estar a subestimar as possibilidades de "evolução" do atleta; ou seja, para a autora (op. cit.), no início da carreira desportiva do atleta os indicadores de prestação e de tempo de prática não devem ser considerados na selecção. Ademais, Beunen (1995) confere objectividade a esta ideia ao constactar que os estudos longitudinais realizados

com jovens atletas dão suporte à hipótese de que as capacidades de prestação são fortemente influenciadas pelo treino específico, e que inclusivamente têm um efeito superior àquele que é consequência dos normais processos de crescimento e de maturação. Com efeito, Mesquita (1997a) refere que se deve partir de indicadores mais estáveis (menos dependentes da influência do meio) para os menos estáveis (fortemente influenciáveis pelos factores de envolvimento).

Talvez por este motivo se explique que a selecção em Andebol, Basquetebol e Voleibol, como referem Janeira, Garganta e Maia (1994) se efectua entre os 13 e 16 anos, sendo fundamentalmente considerados os indicadores somáticos e motores.

No caso específico do Voleibol, Helal e Granvorka (1984) são referenciados por Mesquita (1997a), pelo facto de terem verificado que os jogadores são cada vez mais altos e iniciam o processo de preparação cada vez mais cedo. Assim, na opinião de Mesquita (op. cit.) a estatura revela ser um dos indicadores mais estáveis, pelo que deverá ser considerado um indicador prioritário na selecção de jovens atletas promissores da excelência desportiva. Deste modo, à partida, a identificação das potencialidades para a prática de um jogo desportivo colectivo, não deve ser baseada no domínio dos procedimentos técnico-tácticos (Mesquita, 1997a).

A propósito da identificação de jovens atletas de sucesso para o Voleibol, Mesquita (1994), sugere que este conjunto de atletas seja o mais alargado possível, no sentido de salvaguardar os ditames da sua "evolução", fruto das potencialidades de cada um e das oportunidades de desenvolvimento.

Capítulo 3 - *Procedimentos Metodológicos*

III - Procedimentos metodológicos

1. Especificação da amostra

A selecção dos elementos constituintes da nossa amostra teve como base colher a opinião de treinadores/seleccionadores, nomeadamente dos escalões de formação, e de docentes. A opção por técnicos que desenvolvessem as suas funções tanto ao nível de clubes, associações e/ou federações justificou-se, por considerarmos que o contexto desportivo local e/ou nacional dividem responsabilidades na criação de oportunidades e exigências de prática desportiva. No âmbito das condições e natureza deste trabalho centramo-nos apenas no Andebol, Basquetebol e Voleibol. Os clubes escolhidos (quatro por modalidade - dois do sector masculino e dois do feminino) situam-se na zona norte do País. Foram escolhidos aqueles que, na opinião dos peritos, desenvolvem um trabalho de formação mais consistente (entre outros aspectos, foram considerados os resultados desportivos). A nível associativo os elementos constituintes da amostra pertencem às Associações do Porto. Relativamente ao grupo dos docentes, estes fazem parte do quadro de docentes da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto, Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa e Instituto Superior da Maia. Por motivos decorrentes do anonimato e confidencialidade inerentes ao processo de preenchimentos dos questionários, não consideramos adequado, nem valorizador, revelar em pormenor a origem dos respondentes; assim, remetemos a análise específica do perfil dos elementos constituintes da amostra para a apresentação dos resultados. Deste modo, a amostra desta pesquisa encontra-se repartida conforme se especifica no Quadro n.º 3.1.

Quadro n.º 3.1: Especificação da estrutura da amostra.

Treinadores/Seleccionadores (por modalidade)			**Docentes (por modalidade)**			**Total**
Andebol	**Basquetebol**	**Voleibol**	**Andebol**	**Basquetebol**	**Voleibol**	
11 (16,9%)*	14 (21,5%)*	22 (33,8%)*	6 (9,2%)*	7 (10,8%)*	5 (7,7%)*	65

(*) O valor percentual foi encontrado em relação à amostra total de docentes e seleccionadores/treinadores.

2. Instrumentos de medida

No domínio da literatura da especialidade, a inexistência de instrumentos válidos para a obtenção de informações relativas à escolha e/ou orientação desportiva de jovens atletas e às exigências que as

modalidades de Andebol, Basquetebol e Voleibol colocam aos jovens atletas (nomeadamente candidatos a uma iniciação desportiva especializada), determinou a opção metodológica de conceber questionários para o efeito.

A construção dos questionários foi suportada num conjunto de normas precisas e linhas orientadoras, recomendadas por autores como: Barros (1986), Lakatos (1990) e Bell (1993) no sentido garantir a correcção da sua concepção: definição exacta da informação a obter; adequada formulação e estruturação das questões; e, boa apresentação[18].

A determinação dos conteúdos em análise foi suportada na revisão da literatura e em preocupações próprias desta pesquisa. Para o efeito, procedemos a um cuidado e exaustivo levantamento dos temas em estudo, e, de cada um deles, extraímos as questões[19] relevantes.

A análise das questões inventariadas culminou na construção de um questionário provisório; todo este processo foi realizado em colaboração estreita com um investigador e especialista desta temática [20].

A apreciação qualitativa dos *itens* e sugestões da versão inicial, com carácter provisório, foi realizada através de uma reflexão falada por especialistas de Andebol (três docentes e treinadores), o que esteve na origem de alterações com vista à melhoria da adequação dos conteúdos e da linguagem utilizada na formulação *itens*, nomeadamente, em função das características dos destinatários. Com efeito, a partir do questionário definitivo, "criaram-se" várias versões, no pressuposto da sua apropriação a docentes, treinadores e/ou seleccionadores das três modalidades em estudo.

2.1. Questionário para Docentes, Seleccionadores/Treinadores de Andebol, Basquetebol e Voleibol - QD(A/B/V) e QST(A/B/V)

O questionário elaborado (ver anexos n.os 1 e 2) tem como corpo as dimensões que a seguir se apresentam:

(A) A actividade profissional, habilitações académicas e formação técnico-desportiva dos respondentes.

---

[18] A apresentação pretendeu-se esteticamente agradável e de manuseamento fácil.

[19] Em alguns casos justificou-se, na garantia da sua validade, a adaptação de questões utilizadas em estudos significantes.

[20] Este especialista é o orientador de várias teses de mestrado na área da selecção em desporto, cujos instrumentos (questionários) utilizados decorrem de adaptações do inquérito, de que o mesmo é autor, sobre selecção em andebol (Maia, 1993), às particularidades dos estudos em: Andebol (Santos, 1997); Basquetebol (Silva, 1995); Voleibol (Silva,1995); e Futebol (Simões, 1998). Os instrumentos utilizados nestes trabalhos pretendem avaliar dimensões centradas no conhecimento de indicadores, critérios e métodos de selecção nas modalidades em estudo.

(B) Vivências desportivas enquanto praticantes, treinadores e/ou seleccionadores.

(C) Iniciação da preparação desportiva especializada (em Andebol, Basquetebol ou Voleibol). Com o objectivo de conhecer a opinião dos sujeitos acerca da iniciação desportiva especializada por crianças e jovens, na modalidade de que são especialistas, questionámos sobre: a idade que consideram mais adequada e porquê; existência de pré-requisitos e sua identificação; e, que características/indicadores, parecem prenunciar uma participação desportiva com sucesso.

(D) Processo de escolha e/ou orientação desportiva (para o Andebol, Basquetebol ou Voleibol). Para este efeito, questionámos sobre a importância que atribuem à avaliação e análise de determinados factores (ex.: antropométricos, condicionais, coordenativos, tácticos, técnicos, entre outros) em jovens praticantes, com idades compreendidas entre os 9 e 12 anos.

(E) Processos de selecção desportiva (em Andebol, Basquetebol ou Voleibol). Para esta temática, foram construídas questões acerca da utilização dos métodos na escolha/selecção de jovens praticantes, por forma determinar a natureza da escolha (objectiva/subjectiva), e os indicadores e critérios utilizados (ou a utilizar, no caso dos docentes) para cada factor (antropométrico, condicionais, coordenativos, entre outros).

(F) Escalão de infantis/iniciados (nas modalidades de Andebol, Basquetebol e Voleibol). No âmbito destes escalões, solicitámos aos respondentes que caracterizassem as exigências que o jogo coloca ao jovem praticante e as competências que lhe são exigidas.

3. Recolha da informação

O processo de recolha da informação teve lugar entre os meses de Junho de 1999 e Abril de 2000.

Na aplicação dos questionários optámos, sempre que possível, pelo contacto directo; na maioria dos casos, a impossibilidade de preenchimento imediato provocou dificuldades na sua recolha. A este propósito, notamos que vários questionários foram anulados por entrega tardia.

No momento de entrega pessoal dos questionários, foram explicados os objectivos do estudo e esclarecidas as dúvidas colocadas.

A relação de diálogo estabelecida com alguns dos inquiridos, no sentido de esclarecer qualquer dúvida no preenchimento dos questionários, foi reveladora de uma interessante fonte de informações acerca da problemática em estudo.

Para a realização dos questionários, que envolviam as Federações de Andebol, Basquetebol e Voleibol, apenas se formalizou o pedido de colaboração para os técnicos da Federação Portuguesa de Andebol.

Capítulo 4 - Apresentação e Discussão dos Resultados

IV. Apresentação e discussão dos resultados: Questionários a docentes, treinadores/seleccionadores de Andebol, Basquetebol e Voleibol

1. Introdução

A primeira grande tarefa que defrontamos é conhecer as exigências que o contexto desportivo coloca aos jovens candidatos à prática desportiva especializada em Andebol, Basquetebol ou Voleibol, para o que utilizamos como meio de estudo a opinião de docentes e treinadores/seleccionadores dessas mesmas modalidades. Afigura-se-nos, também, perceber como estes "clínicos" e/ou investigadores concebem as decisões relativamente à orientação desportiva e/ou escolha de jovens atletas.

Para este efeito, a apresentação e discussão da informação relevante é realizada segundo a ordem sequencial das questões consagradas no questionário.

Relembramos que no quadro deste questionário foi necessário incluir perguntas de resposta "aberta". No tratamento da informação recolhida com base neste tipo de perguntas, importa realçar que é comum que a análise do conteúdo seja feita a partir de uma sistematização por categorias, visando uma posterior contagem frequencial. No quadro de determinadas respostas, este procedimento nem sempre se nos apresentou como a melhor opção, considerando as dificuldades em se constituírem categorias e as vantagens em se proceder a uma transcrição selectiva e tratada da informação, no sentido de se manter a originalidade e identidade do seu conteúdo, e promover uma discussão e interpretação mais rica, profunda e integrada.

Antes, porém, iremos caracterizar os sujeitos, assinalando aspectos relevantes da sua formação académica e específica do treino, como vivências e experiências nos papéis de atleta, treinador e/ou seleccionador.

2. Caracterização dos sujeitos

Em primeira instância, observamos que a maioria dos elementos constituintes da amostra possui habilitações académicas de nível superior, todavia, verificam-se algumas diferenças entre as modalidades; realçamos, por exemplo, diferenças "significativas" no número de sujeitos com graus académicos de mestre ou doutor. Não reconhecendo importância à realização de uma exaustiva explanação acerca deste assunto, remetemos a observância detalhada da estrutura da amostra, similitudes e diferenças entre os grupos de Andebol, Basquetebol e Voleibol, para uma consulta ao quadro n.º 4.1.

Quadro n.º 4.1: Habilitações académicas dos sujeitos.

Especialidade desportiva		Habilitações/grau académico						
		Doutor	Mestre	Licenciatura	Bacharelato	Estudante Ens. Sup.	12º ano	9º ano
Andebol	Docentes	-	4 (66,7%)	2 (33,3%)	-	-	-	-
	Treinadores/seleccionadores	-	1 (9,1%)	10 (90,9%)	-	-	-	-
	Sub-total:	-	**5 (29,4%)**	**12 (70,6%)**	-	-	-	-
Basquetebol	Docentes	4 (57,1%)	2 (28,1%)	1 (14,3%)	-	-	-	-
	Treinadores/seleccionadores	-	1 (7,1%)	7 (50%)	1 (7,1%)	5 (35,7%)	-	-
	Sub-total:	**4 (19%)**	**3 (14,3%)**	**8 (38,1%)**	**1 (4,8%)**	**5 (23,8%)**	-	-
Voleibol	Docentes	2 (40%)	3 (60%)	-	-	-	-	-
	Treinadores/seleccionadores	-	4 (18,2%)	13 (59,1%)	-	1 (4,5%)	2 (9,1%)	2 (9,1%)
	Sub-total:	**2 (7,4%)**	**7 (25,9%)**	**13 (48,1%)**	-	**1 (3,7%)**	**2 (7,4%)**	**2 (7,4%)**
	Total:	**6 (9,2%)**	**15 (23,1%)**	**33 (50,8%)**	**1 (1,5%)**	**6 (9,2%)**	**2 (3,1%)**	**2 (3,1%)**

Relativamente à formação específica na área do treino, que normalmente é reportada ao grau/nível atribuído pelas respectivas federações, assinalamos que no cômputo geral a distribuição está centrada nos níveis médios (2 e 3), com ligeira tendência para os níveis mais elevados. Destacamos o grupo de elementos do Basquetebol, excepção feita pelo facto de três deles possuírem o nível 1, e evidenciamos o grupo de Voleibol que apresenta uma elevada percentagem de elementos com atribuição do nível 3, o que é significativamente superior ao observado nas outras duas modalidades (ver quadro n.º 4.2).

Quadro n.º 4.2: Grau/nível de treinador.

Especialidade desportiva		1. Nível	2. Nível	3. Nível	4. Nível
Andebol	Docentes	-	6 (100%)	-	-
	Treinadores/seleccionadores	-	7 (63,6%)	3 (27,3%)	1 (9,1%)
	sub-total:	-	**13 (76,5%)**	**3 (17,6%)**	**1 (5,9%)**
Basquetebol	Docentes	1 (14,3%)	2 (28,6%)	4 (57,1%)	-
	Treinadores/seleccionadores	2 (14,3%)	9 (64,3%)	2 (14,3%)	1 (7,1%)
	sub-total:	**3 (14,3%)**	**11 (52,4%)**	**6 (28,6%)**	**1 (4,8%)**
Voleibol	Docentes	-	3 (60%)	2 (40%)	-
	Treinadores/seleccionadores	-	4 (18,2%)	18 (81,8%)	-
	sub-total:	-	**7 (25,9%)**	**20 (74,1%)**	-
	Total:	**3 (4,6%)**	**31 (47,7%)**	**29 (44,6%)**	**2 (3,1%)**

Também nos pareceu pertinente conhecer a actividade profissional dos sujeitos, conforme se especifica no quadro n.º 4.3. Com efeito, a análise deste quadro permite-nos verificar que, em qualquer dos grupos, as actividades profissionais de professor do Ensino Superior e de Educação

Física apresentam uma frequência absoluta e relativa superior às restantes. Não obtante, constata-se uma maior variedade de outras actividades profissionais nos casos do Voleibol e do Basquetebol.

Quadro n.º 4.3: Actividade profissional dos sujeitos.

Especialidade desportiva		Profissões dos sujeitos							
		Professor E. Superior	Prof. Ed. Física	Treinador	Técnico S. Desporto	Advogado	Trab./Est. Ed. Física	Médico	Outros
Andebol	Docentes	6 (100%)	-	-	-	-	-	-	-
	Treinadores/seleccionadores	-	10(90,9%)	1 (9,1%)	-	-	-	-	-
	sub-total:	**6 (35,3%)**	**10 (58,8%)**	**1 (5,9%)**	-	-	-	-	-
Basquetebol	Docentes	7 (100%)	-	-	-	-	-	-	-
	Treinadores/seleccionadores	-	5 (35,7%)		1 (7,1%)	2 (14,3%)	4 (28,6%)	1 (7,1%)	1 (7,1%)
	sub-total:	**7 (33,3%)**	**5 (23,8%)**	-	**1 (4,8%)**	**2 (9,5%)**	**4 (19%)**	**1 (4,8%)**	**1 (4,8%)**
Voleibol	Docentes	5 (100%)	-	-	-	-	-	-	-
	Treinadores/seleccionadores	1 (4,5%)	15 (68,2%)	1 (4,5%)	1 (4,5%)	-	1 (4,5%)	-	3 (13,6%)
	sub-total:	**6 (22,2%)**	**15 (55,6%)**	**1 (3,7%)**	**1 (3,7%)**	-	**1 (3,7%)**	-	**3 (11,1%)**
	Total:	**19 (29,2%)**	**30 (46,2%)**	**2 (3,1%)**	**2 (3,1%)**	**2 (3,1%)**	**5 (7,7%)**	**1 (1,5%)**	**4 (6,2%)**

No domínio da prática desportiva na qualidade de atleta federado, na modalidade de que são especialistas, apenas um inquirido por modalidade refere não possuir qualquer tipo experiência (deste modo: 95,4% dos sujeitos foi/é atleta).

A leitura do quadro n.º 4.4 é demonstrativa de uma maior incidência de anos de prática nos intervalos de valores compreendidos entre os 6-10 e os 11-15 anos. Interessa sublinhar que, em média, os elementos do grupo do Andebol são aqueles que maior número de anos de prática federada possuem. Além disto, as diferenças observadas entre docentes e treinadores/seleccionadores são significativas, mas mais acentuadas no Basquetebol e Voleibol.

Quadro n.º 4.4: Prática desportiva federada (como praticantes) dos sujeitos.

Especialidade desportiva		Anos de prática desportiva federada - atleta						
		nenhum	1 a 5 anos	6 a 10 anos	11 a 15 anos	16 a 20 anos	Mais de 20 anos	X ± sd
Andebol	Docentes	-	-	1 (16,7%)	1 (16,7%)	3 (50%)	1 (16,7%)	15,5 ± 3,6
	Treinadores/seleccionadores	-	-	4 (36,4%)	1 (9,1%)	4 (36,4%)	2 (18,2%)	14,8 ± 6,4
	sub-total:	-	-	**5 (29,4 %)**	**2 (11,8%)**	**7 (41,2%)**	**3 (17,6%)**	**15,1 ± 5,4**
Basquetebol	Docentes	-	-	2 (28,6%)	1 (14,3%)	1 (14,3%)	3 (42,9%)	16,4 ± 7,8
	Treinadores/seleccionadores	1 (7,1%)	2 (14,3%)	7 (50%)	2 (14,3%)	2 (14,3%)	-	9,4 ± 4,9
	sub-total:	**1 (4,8%)**	**2 (9,5%)**	**9 (42,9%)**	**3 (14,3%)**	**3 (14,3%)**	**3 (14,3%)**	**11,9 ± 6,8**
Voleibol	Docentes	-	-	2 (40%)	3 (60%)	-	-	12 ± 2,9
	Treinadores/seleccionadores	0 (4,5%)	2 (9,1%)	7 (31,8%)	8 (36,4%)	2 (9,1%)	2 (9,1%)	12,1 ± 5,2
	sub-total:	**1 (3,7%)**	**2 (7,4%)**	**9 (33,3%)**	**11 (40,7%)**	**2 (7,4%)**	**2 (7,4%)**	12,1 ± 4,8
	Total:	**2 (3,1%)**	**4 (6,2%)**	**23 (35,4%)**	**16 (24,6%)**	**12 (18,5%)**	**8 (12,3%)**	**12,8 + 5,7**

Entretanto, no conjunto dos sujeitos que possuem experiência prática como atletas, 26 sujeitos (40,6%) atingiram selecções, distribuídos pelas modalidades da seguinte forma: (a) dez no Andebol - 58,8%; (b) cinco no Basquetebol - 25%; e (c) onze no Voleibol - 40,7%. Todavia, apenas dezasseis dos inquiridos integraram selecções com representatibilidade a nível internacional.

Interessa relevar que nas circunstâncias das vivências desportivas como treinadores, todos os inquiridos foram e/ou são treinadores (ver quadro n.º 4.5). Destes, trinta e sete (56,9%) foram e/ou são seleccionadores de vários níveis, a saber: (a) regional - quinze (23,1%); (b) zonal - um (1,5%); nacional - doze (18,5%); regional e nacional - oito (12,3%) e regional, zonal e nacional - um (1,5%).

Salientamos que tendencialmente as vivências enquanto treinadores e/ou seleccionadores se alargam a vários escalões e com durações bastante distintas, independentemente da modalidade. Nesta dificuldade, optamos por fazer referência apenas ao número de escalões, em que na qualidade de seleccionadores, os elementos da nossa amostra se envolveram, a saber: um escalão - treze (20,0%); dois escalões - catorze (21,5%); três escalões - seis (9,2%); quatro escalões - um (1,5%); cinco escalões - dois (3,1%) e seis escalões - um (1,5%).

Quadro n.º 4.5: Prática desportiva federada (como treinadores) dos sujeitos.

Especialidade desportiva		Anos de prática desportiva federada - treinador					
		1 a 5 anos	6 a 10 anos	11 a 15 anos	16 a 20 anos	Mais de 20 anos	X sd
Andebol	Docentes	1 (16,7%)	-	1 (16,7%)	3 (50,0%)	1 (16,7%)	14,7 ± 7,3
	Treinadores/seleccionadores	1 (9,1%)	2 (18,2%)	6 (54,5%)	-	2 (18,2%)	13,7± 6,0
	sub-total:	**2 (11,8%)**	**2 (11,8%)**	**7 (41,2%)**	**3 (17,6%)**	**3 (17,6%)**	**14,0 ± 6,3**
Basquetebol	Docentes	1 (14,3%)	2 (28,6%)	1 (14,3%)	1 (14,3%)	2 (28,6%)	15 ± 8,2
	Treinadores/seleccionadores	5 (35,7%)	5 (35,7%)	2 (14,3%)	-	2 (14,3%)	9,3 ± 8,5
	sub-total:	**6 (28,6%)**	**7 (33,3%)**	**3 (14,3%)**	**1 (4,8%)**	**4 (19,0%)**	**11,2 ± 8,7**
Voleibol	Docentes	1 (20,0%)	2 (40,0%)	-	2 (40,0%)	-	10,8 ± 7,8
	Treinadores/seleccionadores	8 (36,4%)	7 (31,8%)	5 (22,7%)	-	2 (9,1%)	10,0 ± 8,3
	sub-total:	**9 (33,3%)**	**9 (33,3%)**	**5 (18,5%)**	**2 (7,4%)**	**2 (7,4%)**	9,8 ± 8,1
	Total:	**17 (26,2%)**	**18 (27,7%)**	**15 (23,1%)**	**6 (9,2%)**	**9 (13,8%)**	**11,3 + 7,9**

3. Idade de Início da formação desportiva especializada e os seus porquês

Importa referir que a aplicação que temos vindo a fazer da ideia de iniciação desportiva especializada, no quadro da literatura da especialidade, carece ainda de uma consistente uniformização do conceito. Especialização, no sentido estreito da palavra, significa dedicação a uma especialidade, que aqui é interpretada como uma modalidade.

A este respeito, recordamos que, no quadro da preparação desportiva a longo prazo, vários autores fazem aplicação desta expressão (e.g., Marques, 1991a, 1999b; Platonov, 1997; Fomitchenko & Gomes, 1999; Martin, 1999). Marques (1999b) põe em oposição uma cultura motora e desportiva e uma cultura desportiva especializada, estando a primeira dirigida para a escola e a segunda para o clube.

Aceitando como plausível a existência de um tempo "ideal" para a iniciação especializada em Andebol, Basquetebol e Voleibol, conhecer a(s) idade(s) apropriada(s) constitui-se então num dos nossos propósitos mais basilares. Com este intuito, no quadro n.º 4.6 apresentamos a distribuição da frequência absoluta e relativa para cada intervalo de idade. Importa referir que os intervalos foram definidos à posteriori e de forma a abrangerem o maior número possível de respostas obtidas, dada a sua elevada diversidade.

De acordo com o quadro atrás mencionado, verificam-se diferenças "significativas" entre as várias modalidades. É interessante observar uma maior incidência de valores a partir do intervalo de idade dos 10,11 anos; especificamente no Andebol não se verificam qualquer registos abaixo deste intervalo. É também relevante que 41,6% dos inquiridos indicam idades iguais ou superiores a 13,14 anos (intervalo considerado). Com efeito, tomando como referência os valores constantes entre o intervalo de idade 13,14 e o limite superior observado, os sujeitos de Andebol evidenciam maior constância relativa de valores (47%) comparativamente ao Basquetebol (38,1%) e ao Voleibol (41,6%). Porém, a moda no Andebol está situada nos 10,11 anos, mas com uma valorização relativa (percentual) muito próxima das idades subsequentes; no Basquetebol a moda encontra-se nos 13,14 anos, seguindo-se as idades compreendidas entre 8,9 e 12,13 anos; no Voleibol existem duas modas, situadas respectivamente nos 11,12 anos e nos 13,14 anos. A julgar pelos resultados, no Basquetebol e Voleibol são advogadas idades de iniciação desportiva especializada mais precoces comparativamente ao Andebol. O que faz algum sentido se tomarmos como referência as idade recomendadas para o início da competição (Matweiev e Nowikov, 1982, citados por Marques, 1996), em que para o Basquetebol e Voleibol são indicadas as idade de 11,12 anos e para o Andebol 13,14 anos.

Recordando as idades de especialização apresentadas por Bompa (1987, ver página n.º 18), para o Basquetebol são sugeridas idades inferiores (10,12 anos) ao Voleibol (14,15 anos). Em conformidade, para os intervalos de idade mais elevados, ainda que de forma pouco significativa, encontramos para o Voleibol uma distribuição de valores superior ao Basquetebol.

Sobre esta problemática, Sobral (1994) declara que a idade de início da formação específica e da participação competitiva tem vindo a sofrer uma descida acentuada das idades médias de ocorrência, sendo mais marcada em algumas modalidades, das quais destaca o Ténis.

Marques (1999b) relaciona um cada vez menor número de crianças e jovens e um crescente acentuado de ofertas de actividade desportivas, e de outros focos de interesses sociais, com a evidencia de situações de competitividade entre clubes e federações no sentido de atrair e fixar o mais cedo possível os mais "dotados" nas malhas do seu "nicho ecológico" (expressão utilizada por Maia, 1993). Estamos em crer que esta concorrência é sublinhada pela criação e promoção de actividades orientadas para as idades mais baixas, como o são o Miniandebol, Minibasquetebol e Minivoleibol, e a atribuição de bónus (sob várias formas) às associações e clubes com maior número de jovens atletas, os quais, por vezes, são exclusivamente dirigidos às idades destacadas.

Quadro n.º 4.6: Idade de início da formação/preparação desportiva especializada em Andebol, Basquetebol e Voleibol.

Especialidade desportiva		Idade de início									
		< 8	8-9	9-10	10-11	11-12	12-13	13-14	14-15	≥16	NR*
Andebol	Docentes	-	-	-	1 (16,7%)	2 (33,3%)	-	1 (16,7%)	2 (33,3%)	-	-
	Treinadores/selec.	-	-	-	3 (27,3%)	1 (9,1%)	2 (18,2%)	2 (18,2%)	1 (9,1%)	1 (9,1%)	1 (9,1%)
	sub-total:	-	-	-	**4 (23,5%)**	**3 (17,6%)**	**2 (11,8%)**	**3 (17,6%)**	**3 (17,6%)**	**1 (5,9%)**	**1 (5,9%)**
Basquetebol	Docentes	-	2 (28,6%)	-	1 (14,3%)	-	2 (28,6%)	2 (28,6%)	-	-	-
	Treinadores/selec.	1 (7,1%)	2 (14,3%)	1 (7,1%)	1 (7,1%)	1 (7,1%)	2 (14,3%)	4 (28,6%)	-	2 (14,3%)	-
	sub-total:	**1 (4,8%)**	**4 (19,1%)**	**1 (4,8%)**	**2 (9,5%)**	**1 (4,8%)**	**4 (19,1%)**	**6 (28,6%)**	-	**2 (9,5%)**	-
Voleibol	Docentes	-	-	-	-	1 (20%)	-	3 (60%)	-	1 (20%)	-
	Treinadores/selec.	-	1 (4,5%)	3 (13,6%)	5 (22,7%)	5 (22,7%)	1 (4,5%)	3 (13,6%)	1 (4,5%)	2 (9,1%)	1 (4,5%)
	sub-total:	-	**1 (3,7%)**	**3 (11,1%)**	**5 (18,5%)**	**6 (22,2%)**	**1 (3,7%)**	**6 (22,2%)**	**1 (3,7%)**	**3 (11,1%)**	**1 (3,7%)**
	Total:	**1 (1,5%)**	**5 (7,7%)**	**4 (6,2%)**	**11 (16,9%)**	**10 (15,4%)**	**7 (10,8 %)**	**15 (23,1%)**	**4 (6,2%)**	**6 (9,2%)**	**2 (3,1%)**

(*) Não responde

A indagação geral sobre os resultados obtidos reporta-nos à constatação, que previámos inevitável: a marcação de um tempo "ideal" para a entrada numa formação desportiva especializada, por aqueles que intervêm directa e/ou indirectamente no processo de formação desportiva a longo prazo, não é consensual. O que facilmente se percebe se conjugarmos o pensamento de Malina (1986), assente na evidência de uma grande variação individual do jovem atleta no crescimento, maturação e desenvolvimento, ao de Marques (1996), que reconhece que a abordagem da prontidão motoro-desportiva deve ser feita, também, no quadro estrito das exigências consertadas de cada modalidade.

As razões apontadas como justificativas das anotações da idade de iniciação da prática desportiva especializada manifestam divergências conceptuais consideráveis, mas não necessariamente

contraditórias. No entanto, observam-se alguns pontos críticos orientadores da opinião dos sujeitos. Ainda que as respostas estejam directamente relacionadas com a idade indicada, a análise que se nos afigura possível raramente está explicitamente contextualizada nessa mesma evidência. Esta nossa opção consubstancia-se na possibilidade de perceber, de um modo genérico, o modo como os "clínicos" e/ou investigadores de cada modalidade percepcionam esta problemática, o que provavelmente se repercute na sua forma de agir.

Andebol. Começamos pelo Andebol e das seis respostas dos docentes inquiridos excluímos uma (não ajustada ao pretendido).

O discurso de dois docentes assenta na importância do jovem praticante vivenciar diversas experiências desportivas antes da iniciação especializada. Com efeito, esta perspectiva está ajustada ao entendimento de vários autores (e.g., Hahn,1988; Sobral, 1994; Marques, 1996), o qual é alicerçado na importância de se incluir formas de actividade diversificadas na etapa do treino de base, a qual antecede precisamente a etapa de especialização inicial. Sobral (1994) põe mesmo em evidência que nestas idades a essência da prática desportiva deve consubstanciar "o desenvolvimento geral das qualidades motoras através de uma oferta de experiências muito diversificadas, consolidando os complexos gestuais que servirão de base à generalidade das aquisições específicas das diversas modalidades" (p. 27).

Um docente refere que o momento de iniciação deve culminar com o término da formação multilateral, desenvolvida com vista à criação de condições de evolução na modalidade. Ainda que esta posição seja claramente fundada no princípio da multilateralidade defendido por vários autores (e.g., Bompa, 1987; Personne, 1987; Marques, 1991a; Platonov, 1997; Martin, 1999), importa referir que a relação multilateralidade-especialização assume proporções distintas em função do momento/fase de formação desportiva. Por exemplo, Personne (1987) apresenta um quadro no qual relaciona a evolução da prática multiforme[21] com a prática específica, em função da idade do jovem atleta; neste quadro, observa-se que a prática desportiva tem início aos 9 anos com um carácter exclusivamente multiforme. Cerca dos 13 anos recomenda-se uma prática equilibrada entre os dois tipos e só a partir desta idade a especialização se torna progressivamente dominante. Também Martin (1999) tem sobre esta problemática um depoimento interessante: na Alemanha, para as etapas do treino fundamental e de construção (esta última com início, normalmente, na fase pubertária) é aceite a formula que determina em 50% conteúdos dirigidos para o desenvolvimento multilateral e para aspectos básicos do Atletismo, e em 50% conteúdos que contêm componentes específicas das modalidades, sendo a

[21] A expressão multiforme segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (8ª edição, Porto Editora) (1999) significa algo que é apresentada sob muitas formas ou aspectos.

porção da especialização progressivamente aumentada. Deste modo, conteúdos orientados para a multilateralidade e especialização tendem a interagir. O mesmo autor (op. cit.) defende que o essencial é garantir que esta relação tenha as proporções apropriadas à fase/etapa de formação desportiva.

Bompa (1987) refere que a multilateralidade é o requerimento base, necessário ao aumento da especialização e consequentemente à obtenção de elevadas *performances.* Na perspectiva do autor (op. cit.) a relação entre as duas formas não é estanque, sendo a partir dos 12 anos que a especialização é mais acentuada e a multilateralidade praticamente desaparece a partir 24 anos.

Ainda sobre a questão da multilateralidade, Marques (1999b) circunscreve a problemática numa orientação distinta; o autor (op. cit.) sugere que no início da especialização as cargas multilaterais devem estar relacionadas com a estrutura do rendimento de determinada modalidade, para o que cita Thieß (1991) que refere que a multilateralidade no Atletismo tem que ser diferente da preconizada para os jovens da Ginástica.

Na relação com esta discussão, julgamos ser plausível enunciar que o princípio da multilateralidade está firmado nas várias etapas do processo de formação desportiva, ainda que com orientações distintas, mas não necessariamente contraditórias. Assim, uma intervenção de carácter multilateral pode assentar em conteúdos de várias modalidades (e.g., Lima, 1981; Matweiev, 1986; Zakharov, 1992), de uma mesma modalidade (e.g., Matvéiev, 1986; Bompa, 1987; Graça *et al.* 1991; Marques, 1999b) ou até capacidade motora (e.g., Martin, 1999). Defendemos que, na generalidade, o princípio da multilateralidade fundado em várias modalidades deve antepor-se à sua utilização no plano restrito de uma modalidade; do ponto de vista das capacidades a análise é mais complexa (ver, Martin, 1999).

Numa outra linha de razões um inquirido inscreve a ideia de que antes de determinada idade a especialização não é vantajosa, especialmente para que se dê uma aprendizagem apropriada dos conteúdos específicos, devendo o critério ser balizado pela evidência de maturidade física, desportiva, intelectual e social. Este entendimento espelha, na essência, o conceito subjacente ao estado prontidão desportiva abordado por vários autores (e.g., Malina, 1993; Sobral,1994; Passer, 1996; Smoll & Smith,1996).

As respostas dos treinadores/seleccionadores foram todas consideradas (onze). Em três destas, é marcada a ideia da existência de um período preliminar ao processo de especialização, no qual os jovens atletas devem vivenciar um número alargado de modalidades. É curiosa esta opinião, que para além de ser evidenciada por Matvéiev (1986) e Lima (1981), não nos parece ser prática comum, nomeadamente, nos clubes desportivos portugueses. Como questionou Sobral (1998), numa mesa redonda sobre Jovens no Desporto - Um pódio para todos, será viável colocar uma criança num clube com uma estrutura organizada, uma escola desportiva, na qual circula por várias modalidades no

sentido de posteriormente optar por uma modalidade, ou enveredar por uma vertente de recreação e lazer? O motivo deste trabalho é uma das respostas possíveis a esta questão.

Acrescem outras justificações (evidenciadas por três inquiridos) que relacionam o atingir de um escalão etário específico, com a probabilidade de neste se apresentarem as bases físico-motoras necessárias à aprendizagem das habilidades específicas, sendo que em alguns casos estas bases tomam a forma de fundamentos técnicos e tácticos elementares. Corroboramos esta linha de pensamento que influi na noção de prontidão, apresentada por Seefeldt (1996) sobre as habilidades específicas, firmada na importância da existência de uma base de suporte à introdução de determinada aprendizagem desportiva.

Três inquiridos especificam que em idades mais baixam devem prevalecer objectivos apoiados numa vivência lúdica significativa e de desenvolvimento do gosto pelo jogo de Andebol, o que motiva a não especialização antes de determinada idade. Esta perspectiva assenta em questões que, quanto a nós são nucleares em fases precedentes da iniciação desportiva especializada. Sobre esta matéria, Marques (1999b) sublinha a opinião de Kurz (1998) e refere que o desporto para crianças (o jogo) deve desempenhar uma função de preparação inespecífica para o futuro.

Um sujeito salienta que a decisão da iniciação desportiva especializada passa pela evidência de capacidades de interpretação e compreensão do sentido do colectivo. Esta ideia encontra significado na perspectiva da prontidão cognitiva apresentada por Passer (1996). Parece-nos razoável pensar-se que especializar alguém num jogo, que vive e sobrevive no colectivo, deve ocorrer quando, precisamente, esse alguém está apto para entender esse sentido. Acresce que Coakley (1986) indica que só entre os 10 e os 12 anos o indivíduo está apto para adoptar a perspectiva grupal. Baseando-nos em Kurz (1988, citado por Marques, 1996) realçamos que este colectivismo é também ele conteúdo do próprio processo de treino e competição.

Basquetebol. Na lógica das ideias já atrás distinguidas, dois docentes de Basquetebol revelam que é importante que a formação unilateral não ocorra demasiado cedo, antes da qual a prioridade consubtancia-se no desenvolvimento do gosto pela actividade e na exercitação de uma "capacidade geral" para jogar. Lê-se, mesmo, que a utilização de uma formação firmada na multilateralidade, em precedência da especialização, serve de "tampão" a uma possível especialização precoce. Esta perspectiva é interessante e faz algum sentido. Como refere Bompa (1987), a especialização é o requerimento fundamental à obtenção do sucesso no desporto; assim, o facto de iniciar a sua carreira desportiva, por exemplo, numa piscina é condição favorecedora à sua especialização. Porém, segundo o autor (op. cit.) a especialização não é necessariamente um processo unilateral, é antes complexo e baseado num sólido desenvolvimento multilateral. O discurso aqui construído está

claramente impresso no entendimento atrás formulado acerca da aplicação do princípio da multilateralidade na iniciação desportiva especializada.

Em Graça *et al.* (1991) a intervenção metodológica dirigida para uma formação multilateral só é evidenciada na etapa de preparação preliminar (8,11 anos), sendo a fase subsequente claramente dirigida para a especialização.

Situando, também, a discussão em Marques (1996), o abaixamento da idade limite para início da prática desportiva e da competição está relacionado com o desenvolvimento de processos de especialização rápidos e inerentes consequências negativas para o jovem atleta.

Sobre esta matéria, Martin (1999) salienta que na Alemanha existe uma acesa discussão no quadro da estrutura da preparação desportiva a longo prazo, centrada em duas posições: multilateralidade vs. especialização precoce ou multilateralidade e especialização oportuna. Em nosso entender, esta última posição é reveladora de uma perspectiva mais apropriada e diríamos mesmo integradora da primeira, isto é, estamos convictos que uma especialização oportuna possa justificar uma especialização precoce.

Um docente evidencia que se deve desenvolver um processo de 3/4 anos de sensibilização para as actividades desportivas, no sentido de dar tempo e criar condições para que a criança ou o jovem escolha uma modalidade. Como vimos a ideia de escolha é exibida por Lima (1981), Matvéiev (1986) e Malina (2000).

Para além disto, dois docentes associam a idade de iniciação a uma fase, na qual se pressupõe estarem consolidadas as aquisição dos padrões motores gerais que conferem suporte à especialização. Tal como argumenta Weineck (1986), antes do treino de construção deve promover-se a aquisição de um largo leque de habilidades motoras básicas.

Um inquirido sublinha a importância de se promover o processo de especialização, quando o jovem atleta expressa capacidade de resposta apropriada aos estímulos do treino, nomeadamente às cargas unilaterais. Não dispomos de informação cientificamente fundada para discutir a dinâmica da carga unilateral e da capacidade de resposta do jovem atleta; porém, parece-nos razoável pensar-se que o início de uma qualquer especialização deve passar pela evidência de aptidão para tal. Ou seja, mais uma vez a questão "estar pronto para" está implicita, o que reforça a direcção da problemática para o entendimento de vários autores assente na prontidão motoro-desportiva (e.g., Malina, 1986; Seefeldt, 1988, 1996; Maia, 1993; Sobral, 1994; Marques, 1996).

Por último, por um sujeito, é reforçada a necessidade da criança ou adolescente evidenciar aptidão para compreender e assumir compromissos no quadro das exigências que a prática da modalidade

comporta, o que se pressupõe que não ocorra em idades muito baixas. Neste contexto, emerge legitimada a dimensão da prontidão cognitiva expressada por Passer (1996) e Gomes (1997).

O entendimento de seis (dos catorze treinadores/seleccionadores de Basquetebol) é marcado pela importância dos jovens praticantes, em idades mais baixas, serem envolvidos num conjunto variado de experiências motoras e desportivas, visando desenvolver os pressupostos necessários à modalidade pela qual venham a optar. Este entendimento é coincidente com análises anteriores. Acrescentamos que Bompa (1987) expõe que nas idades mais baixas - fase de preparação - a formação multilateral deve promover o desenvolvimento das bases técnicas, tácticas e psicológicas necessárias à especialização. De modo semelhante, Graça *et al.* (1991) na etapa preliminar objectivam a criação dos pressupostos do rendimento.

É revelada uma linha de entendimento que, sendo extensível a cinco sujeitos, consubstancia a determinação da idade de iniciação na referência a um momento particular, a partir do qual as estruturas físicas e psicológicas permitem o desenvolvimento dos fundamentos técnicos e das capacidades motoras (coordenativas e condicionais) de base à prática especializada. Esta argumentação influi, de igual modo, no conceito de prontidão motoro-desportiva.

Três sujeitos justificam o apontamento de determinada idade como sendo aquela em que o jovem praticante possui níveis de coordenação apropriados ao desenvolvimento dos fundamentos técnicos. Nesta análise a discussão inscreve-se no conceito dos período sensíveis (ver Magill & Anderson, 1996 e Martin,1999). Sobre a capacidade de aprendizagem das técnicas, Martin (op. cit.) aponta que existe uma primeira fase (período) sensível entre os 8,9 anos e os 12,13 anos e uma segunda fase na adolescência.

A importância de que antes da fase de especialização o jovem atleta deve ter uma prática direccionada para o lúdico e para o prazer é sublinhada por três respondentes. Nesta linha de análise, também, Platonov (1997) recomenda o uso prioritário do método lúdico.

Dois inquiridos relacionam a identificação da idade de iniciação com a evidência de aptidão para escolher uma modalidade e consciência de que querem investir na prática dessa modalidade. Este entendimento, sendo provido de grande sentido pedagógico e ético, não deixa de motivar algumas reservas, dada a ausência de linhas de pensamento e de investigação de referência.

Os dois sujeitos que referem as idades mais elevadas (16 anos) para a iniciação especializada suportam a sua opinião no facto de ser nesta fase, sensivelmente, que o jovem "atravessa" um período favorável à especialização (nomeadamente do ponto de vista maturacional) e apresenta uma maior

estrutura psicológica. Parece-nos obvio que estes sujeitos constróem a sua resposta na idealização de um processo de formação desportiva precedente e adequado.

Um sujeito relaciona com a idade de 11,12 anos a fase ideal para sensibilizar e despertar o interesse pela modalidade. É, de facto, pertinente que a criança inicie a modalidade quando está mais predisposta "para", possivelmente, quando está mais sensível do ponto de vista motivacional; esta ideia é condizente com a dimensão de prontidão motivacional especificada por Passer (1996).

Voleibol. No conteúdo das respostas de dois docentes de Voleibol, é clarividente a importância dada a uma variedade e diversidade de experiências motoro-desportivas significativas, o que se constitui numa condição fundamental ao desenvolvimento de um "backgroung" motor e de suporte da iniciação especializada. Justamente, Marques (1999b) refere que a construção dos pressupostos do rendimento desportivo dever-se-á fazer no quadro de uma formação baseada nos princípios da diversidade e multilateralidade, que conferem suporte às cargas unilaterais e à capacidade desportiva especializada. Nesta linha de pensamento, Sobral (1994) refere, precisamente, que ao iniciar a preparação desportiva especializada o jovem atleta deverá evidenciar um "variado reportório lúdico e motor" (p.28).

Relativamente ao problema concreto do "quando", um docente centra o seu discurso no jovem atleta, ou seja, na idade em que ele está disponível para desenvolver os movimentos específicos. Esta orientação espelha, em certa medida, a adequação do conceito de prontidão na aprendizagem de habilidades específicas defendido por Magill e Anderson (1996).

Um docente refere que o momento/fase em que o jovem atleta deve iniciar a prática especializada depende dos respectivos antecedentes motores e desportivos. Sublinhamos esta opinião que, em certa medida, é revelada na abordagem de Seefeldt (1996) acerca do conceito de prontidão motoro--desportiva. Este autor (op. cit.) argumenta que a prontidão na aprendizagem motora-desportiva depende sobremaneira do estado de desenvolvimento e provisão de experiências anteriores.

Um outro inquirido remete a análise do problema para a própria estrutura organizativa da modalidade, nomeadamente para as questões da competição formal. Em conformidade, Tschiene (1995, citado por Marques, 1996) refere que a competição formal funciona como critério balizador do treino de crianças e jovens e do treino de (alto) rendimento. Deste modo, na estrutura da formação desportiva, a orgânica da competição formal (de nível regional e/ou nacional) funciona como "pedra basilar" na introdução e desenvolvimento da especialização desportiva. No entanto, temos dúvidas sobre a valência que lhe deve ser atribuída na determinação da idade "ideal" de ocorrência da iniciação da prática desportiva especializada, no caso em Basquetebol. Porque, se esta fosse critério indiscutível no quadro n.º 4.6

verificar-se-ia que todos os inquiridos notavam a idade mínima da iniciação da competição formal, também a variância de juízos não seria tão elevada.

Em análise das ideias expressas por vinte e um treinadores/seleccionadores de Voleibol (dado que uma das respostas foi excluída por inadequação), observamos que, em sete dos respondentes, é nítida a relação estabelecida entre o iniciar o mais cedo possível a prática desportiva desta modalidade e o desenvolvimento dos pressupostos de base necessários a uma posterior especialização e evolução no quadro do (alto) rendimento. Ou seja, parece existir uma linha de orientação, particularmente comum aos sujeitos que fazem apontamento das mais baixas idades de iniciação, na qual prevalece a noção de que é necessário ter muito tempo para preparar convenientemente a criança, objectivando o desenvolvimento das capacidades de resposta às exigências futuras a que necessariamente será exposta. Deste modo, dois sujeitos referem mesmo que quanto mais cedo este processo tiver início maiores probabilidades de êxito existirão. Esta abordagem talvez se perceba num contexto social e educativo que não dê resposta às necessidades de uma formação desportiva de base apropriada, nomeadamente na escola, sendo portanto compensada pelo clube (ver Sobral, 1994). Relativamente à ideia de iniciar a prática da modalidade em idades o mais baixas possível como condição *sine qua non* à obtenção de elevadas *performances*, ao mais alto nível de competição, já o dissemos, não há evidências conclusivas sobre a sua validade.

No curso de uma outra linha de razões dos "porquês" das idades de ocorrência da iniciação especializada, verificamos que seis inquiridos orientam a sua determinação em associação a uma imagem de sobreposição com a fase em que jovem praticante está particularmente sensível à aprendizagem dos gestos técnicos fundamentais. Mais uma vez, é acentuada a importância da aprendizagem técnica decorrer no período sensível para a sua ocorrência.

Os sujeitos (quatro) que apontam as idades mais elevadas para a iniciação especializada, quase sempre o fazem na idealização de um contexto de formação desportiva (quer seja ao nível da escola ou do clube) promotor de um desenvolvimento apropriado das capacidades condicionais, coordenativas e psicológicas, fundamentais ao envolvimento no processo de especialização. Esta fundamentação é legitima e apropriada; como profere Marques (1999b), da escola espera-se que crie condições ao desenvolvimento de uma formação motoro-desportiva básica das crianças. Acerca desta discussão, citamos Sobral (1994) por se pronunciar sobre um sistema educativo que não cumpre com o seu papel, fundamental, no incremento do designado treino básico; por este motivo, a transferência de papéis e responsabilidades para o clube são condição promotora da ocorrência de um resultado inapropriado, alicerçado em princípios desvirtuados daqueles que devem ser adoptados para estas

idades. Ainda que empiricamente não suportada, pensamos que tal afirmação é provida de um significado e sentido que urge estudar.

Distinguimos o contributo de um único sujeito, que se constitui numa excepção, ao considerar que é a partir dos 16 anos de idade que o jovem atleta começa a ter noção do investimento concreto que pretende fazer na modalidade, razão pela qual só nesta altura deve iniciar a especialização. Ainda que esta abordagem nos pareça radicar numa noção de iniciação especializada numa perspectiva distinta daquela que se pretendeu dar ao inquirido, não deixamos de a considerar particularmente interessante. Assim, interpretamos este pensamento na lógica da prontidão motoro-desportiva, numa dimensão baseada no desenvolvimento social e até de envolvimento cultural, como notam Coakley (1986), Malina (1986), Sharkey (1986) e Seefeldt (1996).

De acordo com a opinião do respondente anterior, julgamos ser importante que a opção por uma modalidade, nomeadamente na vertente do rendimento desportivo, assente no querer, poder e saber comprometer-se. Ainda que este assunto não tenha merecido as atenções da comunidade científica da especialidade, estamos em crer que, nas idades apontadas, muitos dos jovens atletas de sucesso abandonam ou desinvestem na prática desportiva, por decisões decorrentes de conflitos e incompatibilidades entre o prosseguimento dos estudos e as exigências da carreira desportiva. Esta evidência parece-nos mais relevante no sector feminino.

4. Pré-requisitos da iniciação desportiva especializada

Antes de mais, importa esclarecer que a ideia de pré-requisitos, com vista à iniciação desportiva, não tem sido utilizada com clarividência. No entanto, recorrendo ao quadro semântico da própria palavra, pré-requisito pretende significar a condição necessária e/ou exigências para a consecução de um determinado fim, que no caso é a iniciação desportiva especializada.

Marques (1999b) tem sobre este matéria um apontamento interessante ao atribuir ao clube a responsabilidade da especialização desportiva e à escola o papel essencial de desenvolvimento dos pré-requisitos à especialização.

Recordamos Martin (1999) que a propósito do treino em jovens aborda a questão dos pré-requisitos na razão da capacidade de *performance* desportiva. Segundo o autor (op.cit.), já o dissemos, a capacidade de *performance* desportiva é o resultado da interacção temporal entre os pré-requisitos individuais da *performance* (psicocognitivos, neuromusculares, energético-orgânicos e constitucionais) e as exigências objectivas da *performance* (treino e competições).

Em analogia, a capacidade de dar resposta às exigências do treino e da competição, na fase de iniciação desportiva especializada, pressupõe necessariamente a solicitação e interacção de pré-requisitos. Tomando isto como válido, e considerando a natureza dos pré-requisitos atrás evidenciados, para além destes puderem ser mais ou menos valorizados, em função das exigências específicas da modalidade, supomos que são tomados em consideração os níveis de desenvolvimento evidenciados, aquando da iniciação, como a sua possível margem de potencialização.

A primeira questão que se nos coloca é saber, na base do entendimento do inquiridos, se as modalidades em estudo colocam pré-requisitos às crianças e aos jovens que nelas se pretendam especializar. Para as situações positivas objectivamos conhecer esses mesmos pré-requisitos.

Ao examinarmos o quadro n.º 4.7 verificamos ser na modalidade de Voleibol que maior percentagem de inquiridos considera a existência de pré-requisitos com vista à iniciação especializada. Entre o Andebol e o Basquetebol as diferenças de valores são insignificantes.

Quadro n.º 4.7: Existência de pré-requisitos à iniciação especializada em Andebol, Basquetebol e Voleibol

	Especialidade desportiva	Sim	Não
Andebol	Docentes	2 (33,3%)	4 (66,7%)
	Treinadores/seleccionadores	8 (72,7%)	3 (7,3%)
	sub-total:	**10 (58,8%)**	**7 (41,2%)**
Basquetebol	Docentes	5 (71,4%)	2 (28,6%)
	Treinadores/seleccionadores	7 (50%)	7 (50%)
	sub-total:	**12 (57,1%)**	**9 (42,9%)**
Voleibol	Docentes	4 (80%)	1 (20%)
	Treinadores/seleccionadores	14 (63,6%)	8 (36,4%)
	sub-total:	**18 (66,7%)**	**9 (33,3%)**
	Total:	**40 (61,5 %)**	**25 (38,5%)**

No quadro das resposta obtidas dos pré-requisitos colocados por cada modalidade, estas são não só em número como em conteúdo substancialmente inferiores às analisadas no âmbito da problemática anterior. Por este motivo, quase sempre, apresentamos primeiramente a informação constante das globalidade das respostas, para cada modalidade, e subsequentemente procedemos à sua discussão.

Andebol. Apenas dois docentes apontam pré-requisitos. Por um lado é considerado que o jovem praticante deverá ter um bom domínio dos padrões motores base (caso: correr, saltar e lançar), por outro lado é sublinhada a sua natureza física (capacidades condicionais e coordenativas, e índices antropométricos) e cultural (com reflexos em aspectos psicológicos, sociais, educativos, etc.).

Nas respostas dos treinadores/seleccionadores é observável uma supremacia frequencial dos sujeitos que se situam na existência de pré-requisitos. No conjunto dos pré-requisitos apontados, as características antropométricas parecem ser as mais valorizadas, dado que são referidas em cinco das oito respostas em estudo. As características psicológicas, normalmente associadas aos aspectos motivacionais e volitivos, são sublinhadas por metade dos respondentes.

De uma forma mais avulsa e imprecisa, e com índices percentuais inferiores, são referenciadas as capacidade coordenativas, condicionais e intermédias (ou mistas), em especial a força, a velocidade, a destreza, a lateralidade e, de um modo geral, a coordenação. Pouco valorizados são os pré-requisitos de ordem técnica e táctica, e de competência para a competição, dada a sua incidência numa relação de um para oito. Com uma natureza distinta, as exigências e condições relacionadas com uma necessária disponibilidade horária para a envolvência no processo de treino e na competição, são salientadas por dois inquiridos.

Os pré-requisitos mais valorizados são efectivamente os constitucionais, expressos nas características antropométricas. Esta constatação era esperada pela valoração, normalmente, atribuída à "constituição física" na *performance*. Para além de sabermos que nomeadamente a altura não é passível de ser alterada com o processo de treino, o mesmo não acontecerá, porventura, com outras características, como refere Mesquita (1997a).

Relativamente à referenciação de pré-requisitos de ordem psicológica, também nos parece razoável a sua consideração, isto é, independentemente do "poder" vir a ser atleta de sucesso de Andebol o jovem só o será se estiver motivado, se o quiser ser.

Ainda que os pré-requisitos fundados em capacidades motoras sejam pouco referidos pelos sujeitos, é importante notar que estes não emergem negligenciáveis.

Quanto aos pré-requisitos de ordem técnica e táctica percebemos o sua insignificante valorização se considerarmos que a sua expressão é fortemente induzida pelo treino, pela especialização.

Basquetebol. Para a iniciação nesta modalidade todos os docentes referenciam pré-requisitos. As capacidades condicionais emergem com uma uniformização considerável, ou seja, são salientadas em cinco das sete respostas em estudo. Convém precisar que estas capacidades são apresentadas com orientações distintas, isto é, não só é relevada a necessidade dos jovens candidatos evidenciarem níveis condicionais apropriados às exigências da iniciação, como é sublinhada a importância destes possuírem uma larga margem para a sua optimização. Este último ponto é particularmente importante, e tal como refere Martin (1999), a capacidade de *performance desportiva* depende do nível de desenvolvimento dos pré-requisitos individuais evidenciado e respectivas limitações. Relativamente à

importância dada às capacidades condicionais, estamos em crer que sua valorização deverá decorrer da natureza concreta de cada capacidade, expressa não só nos níveis que, eventualmente, se considerem apropriados às exigências da modalidade, como na observância da fase de desenvolvimento em que o jovem atleta se encontra, relacionada com os períodos sensíveis para a máxima expressão e treinabilidade de cada capacidade (ver quadro na página n.º 29). Esta análise é válida para as três modalidade em estudo.

Relativamente às capacidades coordenativas a sua valorização é inferior às anteriores, dado que foram referidas por apenas dois dos docentes. Dois sujeitos apresentam pré-requisitos objectivos ao nível das habilidades específicas do jogo, caracterizados pela recepção, passe, drible e lançamento. Os pré-requisitos de ordem antropométrica são abordados também por dois elementos. Um apropriado nível de aptidão física é exposto por um inquirido. Pré-requisitos com uma interpretação mais subjectiva, que no caso são a capacidade de esforço, persistência, responsabilização, cooperação e liderança são especificados em apenas uma das respostas. As exigências ao nível do conhecimento do jogo são enfatizadas por um docente.

Os treinadores/seleccionadores de Basquetebol situam os pré-requisitos particularmente ao nível coordenativo (opinião observada em 50% dos casos possíveis). As capacidades condicionais são apontadas por apenas dois inquiridos. Os pré-requisitos referenciados à altura são perceptíveis em duas respostas. Apenas numa das respostas estão inscritas exigências que se reportam ao conhecimento e domínio das regras e princípios de jogo.

É indiscutível a importância atribuída aos pré-requisitos inerentes às capacidades motoras. Em presença da relevância explicita nas capacidades coordenativas, segundo Martin (1999) estas têm um papel insubstituível na aprendizagem das habilidades e técnicas.

Surpreendentemente, os pré-requisitos constitucionais não mereceram uma ponderação tão elevada como esperávamos, ainda assim a altura é a característica mais qualificada pelos sujeitos.

As habilidades específicas não evidenciam um grau de valor significativo. O que é compreensível se se aceitar, como refere Sobral (1994), que as "capacidades coordenativas, aliadas a um desenvolvimento corporal harmonioso, constituem a base do que será a formação técnica-motora específica" (p. 28).

Os pré-requisitos psico-cognitivos não são distinguidos em grande proporção. No entanto, estamos em crer que a sua baixa valorização poderá significar, não uma existência desprezível, mas que possivelmente o conteúdo da questão poderá ter induzido na suposição de que o ser candidato a uma iniciação especializada pressupõe a existência de um estado óptimo de motivação.

Relativamente ao conhecimento do jogo, dos seus regulamentos, percebemos que a sua relevância seja diminuta, se levarmos em consideração que estas competências podem, justamente, ser adquiridas no processo de treino e competição.

Voleibol. Interessa relembrar que apenas três docentes analisam esta problemática. Assim, num deles é explicita a necessidade do jovem atleta possuir um elevado alcance vertical, dependente da altura máxima e a capacidade de impulsão vertical. Nos outros dois casos os pré-requisitos são relacionados com exigências técnicas singulares, impostas regulamentarmente (por exemplo: a impossibilidade de existir preensão da bola), o que se pensa determinar a necessidade de um nível apropriado de desenvolvimento coordenativo, de destreza e agilidade.

Acerca desta problemática, dez treinadores/seleccionadores de Voleibol enfatizam particularmente as capacidades coordenativas. A altura é referenciada por seis dos inquiridos. A título pontual, encontramos pré-requisitos identificados de agilidade, boa coordenação neuro-motora geral, capacidades preceptivas, domínio de habilidades e conteúdos elementares da modalidade, aptidão física, espírito de sacrifício e de grupo, humildade e vontade de participar.

Mais uma vez, destacam-se os pré-requisitos inscritos nas capacidades coordenativas, tal como nos casos anteriores.

Os pré-requisitos de índole antropométrica, em particular a altura, são apontados com significativa propriedade, o que corrobora as nossas expectativas.

É de realçar os pré-requisitos relacionados com as exigências técnicas decorrentes de imposições regulamentares. Neste ponto concordamos que este jogo se distingue sobremaneira do Andebol e Basquetebol, particularmente quando colocada a perspectiva de dar resposta às exigências específicas do jogo, como mais afrente será discutido.

5. Características relacionadas com uma participação desportiva futura de sucesso

Uma outra questão basilar desta pesquisa é perceber que características exibidas pelos jovens atletas são valorizadas pelos inquiridos, no sentido de se "predizer" uma participação desportiva com sucesso. Com esta questão procuramos aferir, em pormenor, as características mais valorizadas pelos inquiridos. Isto porque, em nosso juízo, ao mais alto nível não basta ser-se capaz de fazer, competir, realizar, dar resposta, é preciso mais qualquer coisa - é preciso ser-se bom ou muito bom. Neste palco hipotético, será que nas idades mais baixas, na iniciação e/ou especialização, é possível formularem-se ideias ajustadas, com fiabilidade aceitável, acerca de um atleta de sucesso em perspectiva? Não sabemos, mas é um facto que os treinadores/seleccionadores dirigem e condicionam o percurso

desportivo dos jovem atletas, sendo licito imaginar-se que o fazem com base em formulações construídas sobre a evolução futura do jovem atleta.

Os indicadores definidos como prioritários para cada etapa de selecção de "talentos" parece-nos, já o ilustrámos, fundados precisamente nas características que se pensam, positivamente, relacionadas com as exigências da *performance* motoro-desportiva de excelência.

Andebol. Todos os docentes fazem referência às características psicológicas, em particular à motivação, excepção feita a um docente. Outras características são consideradas importantes, mas não indicadas em mais que uma resposta, a saber: capacidade de concentração e de disciplina, facilidade de aprendizagem, coordenação, características comportamentais e um somatótipo adequado.

A opinião treinadores/seleccionadores é igualmente reveladora da importância das características psicológicas (que no caso são apontadas por oito dos onze respondentes). Não obstante de qualificarmos estas características de intuitivamente significantes, estas são descritas com orientações divergentes e subjectivas, por exemplo: espírito de sacrifício, capacidade de liderança, perseverança, combatividade, querer ganhar sempre, disciplina, traços volitivos, espírito de grupo, entre outras. Em associação a estas características emergem expressões que sugerem características e comportamentos sociais, tais como: relacionar-se bem com o grupo, respeitar o treinador e adversários, possuir hábitos sociais ajustados às exigências da prática desportiva, ser empenhado nas tarefas propostas, e um envolvimento familiar favorável. São também distinguidas, por sete inquiridos, as características antropométricas favoráveis, traduzidas, por exemplo, na altura, na envergadura, no tamanho da mão e do pé. Verificamos que é dada alguma relevância às capacidades coordenativas (quatro sujeitos), à velocidade de deslocamento e execução das habilidades específicas (dois sujeitos), e ao estado de saúde (um sujeito).

Por último, sublinhamos a importância das expectativas de vida do jovem atleta e da família, proferidas em exclusivo por um respondente.

Basquetebol. As respostas dos docentes orientam-se claramente para as características psicológicas, que, por vezes, aparecem relacionadas com aspectos sociológicos. Deste modo, verificam-se expressões como: "traços de responsabilidade; maturidade nas atitudes para com os colegas, treinadores e adversários; capacidade de esforço e persistência; motivação e gosto pela modalidade; interesse em melhorar; capacidade de sacrifício, espírito de superação e de competição; agressividade; auto-controlo; determinação; inteligência; capacidade de liderança; e, capacidade de atenção". Realçamos que apenas um docente não faz qualquer referência a características desta

ordem. Do ponto de vista das características antropométricas a altura é enfatizada por três elementos. As capacidades motoras são patenteadas por quatro docentes, que expõem em concreto as capacidades coordenativas (caso da agilidade e "disponibilidade motora") e condicionais (caso da velocidade de deslocamento e da força explosiva). A importância posta em presença das características tácticas, nomeadamente numa boa capacidade de leitura de jogo, apenas se manifesta num docente. Também, um único docente distingue as capacidades intelectuais, especificadas ao nível da inteligência de jogo. Finalmente, numa das respostas é elevada a importância do jovem atleta ter um enquadramento familiar apropriado.

No âmbito da questão em análise, cabe-nos dizer, que três dos catorze treinadores/seleccionadores não expressaram qualquer opinião. Em conformidade com as respostas exibidas, não surpreendentemente, as características psicológicas e/ou sociais são referenciadas pela maioria dos sujeitos (perfazendo um total de dez). Estando estas muito relacionadas com as atrás proferidas para o Basquetebol, optamos por não as percorrer novamente. As capacidades motoras são objecto de apontamento em sete dos sujeitos, especificadas na coordenação, de uma forma genérica, na velocidade e na agilidade. As características antropométricas são replicadas em seis dos respondentes, constituindo-se a altura na "medida" mais marcada. Por último, um enquadramento familiar com características apropriadas é reproduzido em três respostas.

Voleibol. Na essência, a argumentação dos docentes de Voleibol aproxima-se daquilo que temos vindo a expor para o Andebol e Basquetebol. A altura é distinguida por quatro dos cinco possíveis sujeitos, sendo num dos casos relativizada a um bom alcance vertical. As características psicológicas e sociais são proferidas por quatro dos docentes; salientamos que um destes inquiridos situa estas características no interface com aspectos culturais, económicos e familiares. No domínio das capacidades motoras, apenas um docente dá importância à velocidade de deslocamento e de execução. Num discurso um pouco mais ambíguo é realçada a importância do jovem atleta evidenciar uma elevada "disponibilidade motora" para o Voleibol. Terminando, a evidência de uma boa técnica é sublinhada por apenas um dos docentes, o que igualmente se verifica para inteligência táctica.

Centrando a análise nos treinadores/seleccionadores de Voleibol, são as características psicológicas que reclamam as principais atenções, ou seja, estas são referidas por dezasseis dos vinte e dois inquiridos. Parafraseando as ideias inscritas nas respostas, realçamos: as qualidades volitivas; a atitude apropriada face ao processo de treino e à competição; capacidade de sofrimento; motivação;

gosto pela modalidade; ambição competitiva; entusiasmo; persistência; e, humildade[22]. Segue-se uma declarada valorização das características antropométricas (relevadas por treze sujeitos), nas quais a altura é a "medida" mais importante, sendo esta exclusivamente salientada por oito dos respondentes. Um sujeito indica como importante a evidência de um elevado alcance vertical. As capacidades coordenativas são referenciadas por nove treinadores/seleccionadores, e as capacidades condicionais/mistas, especialmente a flexibilidade e a velocidade de deslocamento e de execução, merecem a anotação de dois sujeitos. A evidência de bons níveis de apropriação técnica são patenteados por seis inquiridos, sendo que numa das respostas está associada aos procedimentos tácticos. Em última instância, sublinhamos que apenas um sujeito exprime claramente a importância do jovem atleta evidenciar uma "excelente" formação desportiva.

6. Processo de escolha e/ou orientação desportiva de crianças e jovens para a prática desportiva de Andebol, Basquetebol e Voleibol

6.1. Importância de factores na escolha e/ou orientação desportiva de jovens praticantes, com idades compreendidas entre os 9 e 12 anos de idade

As primeiras palavras vão, necessariamente, para a definição da faixa etária sobre a qual incide este ponto da pesquisa. A nossa opção fundamentou-se em juízos motivados pela experiência prática vivenciada na Escola de Desporto[23], com base na qual observámos que as idades "criticas" para a escolha de uma modalidade inscrevem-se entre os 9 e os 12 anos, na dependência de vários factores. Também, em alguns "modelos" de preparação desportiva a longo prazo é inteligível a orientação da especialização para as idades seleccionadas (e.g., Harre, 1982; Filin, 1983; Bompa,1987; Lima, 1988; Matvéiev, 1990), similar observação ocorre pela análise da segunda etapa dos "modelos" de selecção desportiva (e.g., Bompa, 1987; Sobral, 1994). Acresce que, também, nos apoiamos em formulações do conceito de prontidão para a iniciação da competição formal e inerentes exigências de *performance* motoro-desportiva e de treino (e.g., Coakley; 1986; Shaffer, 1993; Becerro, 1996; Marques, 1996; Passer, 1996; Gomes, 1997).

A análise da escolha e/ou orientação desportiva de crianças e jovens é abordada na referência da importância que os inquiridos atribuem a diversos factores. Para além dos factores constantes do

[22] Vale a pena referir que as capacidades volitivas são apontadas por cinco dos sujeitos; a atitude apropriada face processo de treino - aplicação nas tarefas- e à competição por três sujeitos; e, a capacidade de sofrimento por dois sujeitos.

[23] Projecto brevemente explicitado na introdução desta pesquisa.

questionário outros foram sugeridos pelos inquiridos, a saber: preceptivos, familiares, culturais, conhecimento do jogo e morais.

No sentido de não fraccionar demasiado esta análise, e promover uma apresentação e discussão mais global e integrada, não distinguimos as respostas de docentes e treinadores/seleccionadores.

No quadro n.º 4.8, com base na distribuição dos valores de frequência absoluta e relativa para cada grau de importância, pode ler-se como os inquiridos de Andebol, Basquetebol e Voleibol valorizam os factores em estudo.

Quadro n.º 4.8 : Grau de importância atribuído aos diferentes factores na escolha/orientação desportiva em jovens praticantes (Andebol, Basquetebol e Voleibol).

	Grau de importância														
	Nada			*Pouco*						*Muito*			*Muitíssimo*		
	------- *Importante* -------			------- *Importante* -------			------- *Importante* -------			------- *importante* -------			------- *Importante* -------		
Factores	Andebol	Basq.	Voleibol	Andebol	Basq.	Voleibol	Andebol	Basq.	Voleibol	Andebol	Basq.	Voleibol	Andebol	Basq.	Voleibol
Antropométricos	-	1 (4,8%)	1 (3,7%)	-	4 (19%)	2 (7,4%)	10 (58,8%)	5 (23,8%)	11 (40,7%)	6 (35,3%)	8 (38,1%)	6 (22,2)	1 (5,9%)	2 (9,5%)	6 (22,2)
Condicionais	1 (5,9%)	-	3 (11,1%)	1 (5,9%)	10 (47,6%)	6 (22,2%)	8 (47,1%)	6 (28,6%)	6 (22,2%)	4 (23,5%)	3 (14,3%)	11 (40,7%)	3 (17,6%)	1 (4,8%)	-
Coordenativos	-	-	2 (7,4%)	-	1 (4,8%)	1 (3,7%)	4 (23,5%)	9 (42,9%)	6 (22,2%)	7 (41,2%)	5 (23,8%)	6 (22,2%)	6 (35,3%)	5 (23,8%)	11 (40,7%)
Técnicos	-	2 (9,5%)	3 (11,1%)	4 (23,5%)	6 (28,6%)	12 (44,4%)	12 (70,6%)	7 (33,3%)	8 (29,6%)	-	4 (19%)	2 (7,4%)	1 (5,9%)	1 (4,8%)	1 (3,7%)
Tácticos	-	6 (28,6%)	7 (25,9%)	8 (47,1%)	9 (42,9%)	12 (44,4%)	8 (47,1%)	1 4,8	5 (18,5%)	1 (5,9%)	4 (10%)	1 (3,7%)	-	-	1 (3,7%)
Psicológicos	-	-	3 (11,1%)	1 (5,9%)	3 (14,3%)	5 (18,5%)	5 (29,4%)	5 (23,8%)	8 (29,6%)	6 (35,3%)	10 (47,6%)	6 (22,2%)	5 (29,4%)	2 (9,5%)	4 (14,8%)
Sociais	-	1 (4,8%)	4 (14,8%)	1 (5,9%)	3 (14,3%)	2 (7,4%)	8 (47,1%)	6 (28,6%)	12 (44,4%)	3 (17,6%)	6 (28,6%)	7 (25,9%)	5 (29,4%)	4 (19%)	1 (3,7%)
Perceptivos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1 (3,7%)	-	-	-
Conhecimento de jogo	-	-	-	-	-	-	-	1 (4,8%)	-	-	-	-	-	-	-
Familiares	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1 (5,9%)	-	-
Culturais	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1 (5,9%)	-	-
Morais	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1 (4,8%)	-

Nota: um docente de Voleibol e outro de Basquetebol não responderam a esta questão.

No quadro atrás referido, a análise dos resultados com incidência nos dois graus de valorização mais elevados são reveladores de apontamentos importantes, a revelar para cada modalidade:

Andebol. Os factores mais valorizados são em primeiro lugar os coordenativos e seguidamente os psicológicos, em terceiro lugar evidenciam-se os sociais e só posteriormente os antropométricos.

Basquetebol. Nesta modalidade os factores psicológicos são os factores mais valorizados, seguindo-se com valores muito idênticos os coordenativos, sociais e antropométricos.

Voleibol. Os factores coordenativos são os mais valorizados seguindo-se, por ordem decrescente, os antropométricos, os condicionais e os psicológicos.

Para as três modalidades os menos valorizados são os factores técnicos e tácticos.

No âmbito das três modalidades, os factores coordenativos são os que evidenciam maior percentagem de valores inscritos no grau correspondente ao significado de valor "muitíssimo importante". Contudo, a moda (medida de tendência central) no Voleibol está situada no grau "muitíssimo importante", no Andebol no grau "muito importante" (com ligeira tendência para o "muitíssimo importante") e no Basquetebol cai no grau "importante". No cômputo dos graus "muito" e "muitíssimo importante" salientamos que o Andebol apresenta valores de frequência relativa mais elevados (76,7%), comparativamente ao Basquetebol (47,6%) e ao Voleibol (62,9%).

As capacidades coordenativas são indiscutivelmente essenciais para qualquer performance motoro-desportiva, não é portanto de estranhar a sua elevada valorização. Ademais, importa sublinhar que a nossa discussão está situada numa fase do desenvolvimento que antecede a puberdade, na qual Martin (1999) reconhece existirem superiores melhorias no desenvolvimento das capacidades coordenativas; o autor (op. cit.) formula esta afirmação com base em resultados de investigações decorrentes de mais de vinte anos. Estamos convictos para estas idades estes factores devem constituir-se numa referência fulcral na orientação e escolha de crianças e jovens para a generalidade das modalidades/actividades desportivas, noção que o nosso estudo corrobora para o Andebol, Basquetebol e Voleibol. Acresce, já o distinguimos, que estas capacidades constituem-se nos pré-requisitos fundamentais para a aprendizagem de habilidades motoras específicas, o que justifica que este período seja considerado "sensível" para as aprendizagens motoro-desportivas.

Relativamente aos factores antropométricos a percentagem de sujeitos que lhes atribui o valor máximo de importância é superior no Voleibol, seguindo-se o Basquetebol e depois o Andebol. No entanto, analisados os dois graus de importância mais elevados verificamos ser os inquiridos dos Basquetebol aqueles que mais valorizam estes factores, mas com diferenças não muito significativas comparativamente aos respondestes das outras modalidades. A moda no Basquetebol está situada no "muito importante" e no Andebol e Voleibol no "importante".

Interpretando estes resultados à luz dos fundamentos apontados nos "modelos" de selecção enunciados na revisão, e no enfoque da segunda etapa, entrevemos factores positivamente relacionados os nossos resultados. Por exemplo, Sobral (1994) indicia que na fase secundária a

composição corporal e a estrutura esquelética são ferramentas fulcrais na previsão da evolução do somatótipo. Araújo (1985), no domínio da selecção especializada de 2º grau (ao nível da idade de 12 anos), apresenta critérios de selecção alicerçados nos pressupostos somáticos fundamentais e especiais para determinada modalidade, para o que indica a previsão da altura e a ponderação sobre a idade biológica. Nadori (1989) na primeira de duas etapas de selecção nota a avaliação de medidas somáticas. Bompa (1987), numa segunda etapa (que abrange idades compreendidas entre 10 e 17 anos) sugere testes de natureza biométrica. Fomitchenco e Gomes (1999) reportam-se a acções de verificação do grau de correspondência entre as qualidades e propriedades do jovem atleta e modalidade para a qual foram orientados; porém, nesta fase não é legível qual a natureza da "dotação" em causa.

Acerca da selecção específica em Andebol, recordamos o "modelo" de Chestakov (1999) sobre o qual importa, primeiramente, frisar que não nos é perceptível identificar, com segurança, as idades consignadas a cada etapa. Contudo, o autor (op. cit.) apresenta valores de referência antropométricos e de aptidão física incidentes no escalão etário 9 -12 anos, o que no leva a supor que a segunda e a terceira etapas incidem no intervalo etário em estudo. Deste modo, consideramos ser explicita a utilização de factores antropométricos na selecção do jovens atletas.

Na selecção em Basquetebol, Bosc (1985) com base num estudo em praticantes de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 11,14 anos, indica que devem ser avaliadas as características biométricas, destinguindo especialmente a altura.

No Voleibol, Cherebetiu (1992) na etapa consignada às idades compreendidas entre os 10,13 anos marca, claramente, a importância de se observarem as características somáticas.

A interpretação dos resultados centrados nos dois últimos tipos de factores expostos, balizada pelos graus de valor mais elevados, traduz a sugestão de que no Basquetebol existe uma tendência para valorizar similarmente factores antropométricos e coordenativos e no Andebol e Voleibol os coordenativos são superiormente valorizados em "prejuízo" relativo dos antropométricos. É pertinente discutir a relação entre as dimensões corporais e o desenvolvimento coordenativo. Sobre esta última observância, não encontramos na literatura consultada qualquer base de compreensão. Ainda assim, se nos é lícito indiciar, é comum prevalecer entre os "peritos" aspirações de "descoberta" de jovens atletas o mais altos possível e simultaneamente "coordenados"; em contraponto aceita-se que nas idades mais baixas os jovens mais altos são os menos "coordenados", com mais dificuldades de coordenação inter-segmentar, motivando a criação de condições especiais de treino (complementares) e de oportunidades competitivas, baseadas na conjectura de uma performance motoro-desportiva futura elevada.

Analisando os factores psicológicos nas circunstâncias dos dois graus mais elevados, estes são superiormente valorizados pelos sujeitos de Andebol, seguindo-se os Basquetebol e depois os do Voleibol. Quando observada a posição da moda, no Andebol e no Basquetebol esta posiciona-se no "muito importante" e no Voleibol no "importante". No caso particular do Andebol os factores psicológicos têm uma valorização superior aos antropométricos, o mesmo ocorrendo para o Basquetebol; no caso do Voleibol a relação é inversa. Já corroborámos a valia dos factores psicológicos na orientação e escolha de jovens atletas, que compreensivelmente é aqui emergente. Porém, em leitura aos "modelos" de selecção verificamos que nestas idades estes factores são pouco estimados, até mesmo negligenciados (e.g., Nadori, 1989; Bompa, 1987; Araújo, 1985; Cherebetiu, 1992 - Voleibol); importa clarificar que desconhecemos os verdadeiros motivos de tal evidência. Contudo, adiantamos que podemos estar em presença de factores aos quais é normal associarem-se graus de subjectividade elevados, o que talvez motive a ausência de testes e critérios objectivos de avaliação. Tomando este nosso juízo como aceitável, é entendível a discrepância notada entre o que a literatura propõe e a opinião dos "peritos". Importa revelar, por exemplo, que Bosc (1985 - Basquetebol) na primeira bateria de testes sugeria a avaliação de factores psicológicos (nomeadamente a personalidade) os quais não mantém na segunda proposta de testes. Fomitchenko e Gomes (1999), na segunda etapa de selecção, marcam a importância de se determinar a estabilidade dos interesses desportivos da criança e observar a capacidade de cooperação, concentração e atenção no processo de aprendizagem. Também, Chestakov (1999) em todas as etapas (três) sublinha a importância dos factores psicológicos; os quais são decisivos na constituição do 1º grupo de alunos (segunda etapa), isto é, só são passíveis de observação e posterior selecção os alunos interessados na prática da modalidade; acresce que no decorrer de três anos de formação desportiva é observada a estabilidade e evolução dos interesses do jovem atleta relativamente ao Andebol.

Os factores sociais são reveladores de índices de valorização importantes, que no conjunto dos dois graus mais elevados assumem significância superior no Andebol e Basquetebol. Com efeito, as modas para o Andebol e Voleibol estão colocadas no grau "importante" e no Basquetebol observam-se duas modas, situadas respectivamente no "muito importante" e "importante". Estes factores, a par dos anteriores, são porventura os mais difíceis de especificar e quiçá avaliar. Talvez seja esta uma das causas justificativas das sua reduzida manifestação nos "modelos" de selecção analisados. No "modelo" de Harre (1982) o envolvimento social tem um papel importante na selecção de jovens atletas de sucesso. Araújo (1985), na selecção fundamental de 2º grau, sublinha estes factores na perspectiva familiar, ou seja, considera muito importante conhecer a opinião dos pais acerca da

participação desportiva do seu filho(a). Fomitchenco e Gomes (1999) indicam que na primeira etapa são examinados os objectivos dos pais e organização da vida social da criança (particularmente a disponibilidade horária e o envolvimento noutras actividades), na terceira etapa fazem referência a estudos sociológicos, caracterizados pelo conhecimento dos motivos, interesses e desejos do jovem atleta. Apesar de todas as dificuldades que possam eventualmente balizar a determinação dos indicadores a avaliar, temos como certo que a forma como a criança ou jovem se apresenta é sempre resultado da relação genótipo-meio; como é óbvio falamos, também, de um meio social e cultural que claramente interfere na relação do jovens atletas com a prática desportiva.

Relativamente aos factores condicionais existem algumas diferenças relevantes entre as modalidades. No Voleibol a moda está situada no "muito importante", no Andebol no "importante" e no Basquetebol no "pouco importante". A par dos factores antropométricos estes factores são amplamente citados pelos autores. Chestakov (1999 - Andebol) faz referência a estes factores no seio de vários testes motores. No estudo de Bosc (1985 - Basquetebol) estes factores estão claramente impressos nas famílias de testes motores gerais e específicos. Porém, Cherebetiu (1992 - Voleibol) não os considera na etapa inicial de selecção (10-13 anos).

Os factores técnicos são mais valorizados pelo Andebol e Basquetebol que pelo Voleibol. As modas do Andebol e Basquetebol encontram-se no "importante" e no Voleibol no "pouco importante".

De todos os factores os tácticos emergem como os menos importantes, todavia são mais valorizados pelos sujeitos do Andebol. No Basquetebol e Voleibol as modas estão situadas no grau "pouco importante" e no Andebol existem duas modas, uma no "pouco importante" e outra no "importante".

Sobre estes dois últimos tipos de factores os resultados em nada são surpreendentes, revelando uma menor importância na forma como devem ser orientados os jovens atletas, nas idades em estudo. Esta inferência é, perfeitamente, justificável se tomarmos em consideração que esta faixa etária tem correspondência com as idades de iniciação da prática especializada, momento a partir do qual as exigência do treino e da competição se deslocarão para as competências específicas do jogo (por exemplo para os fundamentos técnicos e tácticos). Assim, percebe-se que seja fundamental a evidência de pré-requisitos para as aprendizagem que a seguir se desenvolverão. Estes factores técnicos e tácticos são em muito dependentes do processo de treino.

No quadro n.º 4.9 para os mesmos factores do quadro anterior, e pela mesma ordem de razões, são apresentados os valores relativos à forma como os sujeitos os hierarquizaram, em sentido decrescente de importância.

Quadro n.º 4.9: Hierarquia dos factores na escolha/orientação desportiva em jovens praticantes (Andebol, Basquetebol e Voleibol).

Factores		Hierarquia dos factores (por ordem decrescente de importância)								
		1	2	3	4	5	6	7	8	X ± sd
Antropométricos	Andebol	1 (5,9%)	3 (17,6%)	4 (23,5%)	5 (29,4%)	1 (5,9%)	1 (5,9%)	1 (5,9%)	-	2,56 ± 1,55
	Basquetebol	7 (33,3%)	3 (14,3%)	3 (14,3%)	2 (9,5%)	2 (9,5%)	1 (4,8%)	2 (9,5%)	-	3,00± 2,08
	Voleibol	9 (33,3%)	6 (22,2%)	4 (14,8%)	4 (14,8%)	3 (11,1%)	-	-	-	2,46 ± 1,42
Condicionais	Andebol	-	4 (23,5%)	3 (17,6%)	3 (17,6%)	5 (29,4%)	1 (5,9%)	-	-	4,31 ± 1,82
	Basquetebol	-	3 (14,3%)	4 (19%)	2 (9,5%)	2 (9,5%)	7 (33,3%)	1 (4,8%)	1 (4,8%)	4,65 ± 1,81
	Voleibol	-	6 (22,2%)	3 (11,1%)	5 (18,5%)	6 (22,2%)	3 (11,1%)	3 (11,1%)	-	4,23 ± 1,68
Coordenativos	Andebol	6 (35,3%)	3 (17,6%)	3 (17,6%)	-	-	-	1 (5,9%)	-	2,50 ± 1,67
	Basquetebol	6 (28,6%)	4 (19%)	4 (19%)	4 (19%)	2 (9,5%)	-	-	-	2,60 ± 1,39
	Voleibol	12 (44,4%)	3 (11,1%)	4 (14,8%)	2 (7,4%)	-	4 (14,8%)	1 (3,7%)	-	2,65 ± 2,02
Técnicos	Andebol	-	-	2 (11,8%)	3 (17,6%)	5 (29,4%)	3 (17,6%)	3 (17,6%)	-	5,13 ± 1,31
	Basquetebol	-	1 (4,8%)	5 (23,8%)	2 (9,5%)	7 (33,3%)	5 (23,8%)	-	-	5,50 ± 1,28
	Voleibol	1 (3,7%)	1 (3,7%)	4 (14,8%)	7 (25,9%)	4 (14,8%)	8 (29,6%)	1 (3,7%)	-	4,54 ± 1,48
Tácticos	Andebol	-	-	1 (5,9%)	-	2 (11,8%)	5 (29,4%)	7 (41,2%)	1 (5,9%)	6, 25 ± 1,18
	Basquetebol	-	2 (9,5%)	-	2 (9,5%)	2 (9,5%)	3 (14,3%)	11 (52,4%)	-	5,85 ± 1,66
	Voleibol	1 (3,7%)	-	4 (14,8%)	4 (14,8%)	2 (7,4%)	5 (18,5%)	10 (37%)	-	5,35 ± 1,77
Psicológicos	Andebol	4 (23,5%)	4 (23,5%)	1 (5,9%)	2 (11,8%)	4 (23,5%)	1 (5,9%)	1 (5,9%)	-	3,29 ± 1,96
	Basquetebol	5 (23,8%)	3 (14,3%)	2 (9,5%)	6 (28,6%)	1 (4,8%)	2 (9,5%)	1 (4,8%)	-	3,25 ± 1,86
	Voleibol	2 (7,4%)	7 (25,9%)	2 (7,4%)	3 (11,1%)	6 (22,2%)	4 (14,8%)	1 (3,7%)	1 (3,7%)	3,96 ± 1,95
Sociais	Andebol	5 (29,4%)	2 (11,8%)	2 (11,8%)	3 (17,6%)	2 (11,8%)	1 (5,9%)	2 (11,8%)	-	3,35 ± 2,12
	Basquetebol	2 (9,5%)	4 (19%)	3 (14,3%)	2 (9,5%)	3 (14,3%)	3 (14,3%)	3 (14,3%)	-	4,05 ± 2,04
	Voleibol	2 (7,4%)	2 (7,4%)	4 (14,8%)	1 (3,7%)	4 (14,8%)	4 (14,8%)	8 (29,6%)	1 (3,7%)	5 ± 2,12
Perceptivos	Voleibol	-	-	1 (3,7%)	-	-	-	-	-	-
Conhecimento do jogo	Basquetebol	-	-	-	-	1 (4,8%)	-	-	-	-
Familiares	Andebol	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Culturais	Andebol	1 (33,3%)	-	-	-	-	-	-	-	-
Morais	Basquetebol	-	-	-	-	-	1 (4,8%)	-	-	-

Nota: um docente de Voleibol e outro de Basquetebol não responderam a esta questão.

No quadro atrás referido realçamos que os factores que evidenciam maiores valores de frequência relativa na primeira ordem de importância (1º lugar da hierarquia), para os inquiridos de Andebol são os sociais, para os do Basquetebol são os antropométricos e para os de Voleibol são coordenativos. Deslocando a análise para o segundo lugar de importância, no Andebol elevam-se os condicionais e os psicológicos, no Basquetebol os sociais e os coordenativos, e no Voleibol os psicológicos (com valorizações muito próximas dos condicionais e antropométricos).

No interface dos dois quadros informativos (4.8 e 4.9) verificamos algumas incongruências, não obstante inferem-se algumas considerações importantes.

(a) Os factores antropométricos são mais valorizados no Basquetebol e Voleibol que no Andebol;

(b) os factores coordenativos são mais valorizados no Andebol e Voleibol que no Basquetebol;
(c) os factores psicológicos são mais valorizados no Andebol e Basquetebol que no Voleibol;
(d) os factores sociais são mais valorizados no Andebol e menos no Voleibol;
(e) os factores condicionais são mais valorizados no Andebol e Voleibol e menos no Basquetebol;
(f) os factores técnicos são mais valorizados no Basquetebol que no Andebol e Voleibol;
(g) os factores tácticos são de todos os constantes do questionários os menos valorizados.

7. Processos de escolha/selecção desportiva

7.1. Métodos de escolha/selecção desportiva

Relativamente ao método de escolha/selecção de atletas, aos seleccionadores/treinadores foi solicitado que referissem o(s) método(s) que utilizam na escolha dos seus atletas, e aos docente académicos foi pedido que indicassem o(s) método(s) que consideram mais adequado na escolha/orientação de crianças e jovens com idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos.

A totalidade dos docentes que responderam à questão (observando-se um caso omisso para o Voleibol e outro para Basquetebol) sugerem a utilização do método objectivo-subjectivo.

Dos seleccionadores/treinadores inquiridos temos que:

(a) Andebol - três não utilizam qualquer método (27,3%), oito (72,7%) utilizam os seguintes métodos: objectivo, dois sujeitos (18,2%); objectivo-subjectivo, cinco sujeitos (45,5%); e subjectivo, dois sujeitos: 18,2%);
(b) Basquetebol - quatro não utilizam qualquer método (28,6%) e dez (71,4%) utilizam os seguintes métodos: objectivo-subjectivo, oito sujeitos (57,1%) e subjectivo, dois sujeitos (14,3%);
(c) Voleibol - nove não utilizam qualquer método (40,9%) e treze (59,1%) utilizam os seguintes métodos: o método objectivo - um sujeito (4,5%); objectivo-subjectivo - dez sujeitos (45,5%) e subjectivo três sujeitos (13,6%).

Com estes resultados observamos que os treinadores/seleccionadores de Voleibol são aqueles que, em maior percentagem, indicam não utilizar qualquer metodologia na escolha dos seus atletas. Desconhecendo em rigor como os treinadores/seleccionadores do nosso estudo escolhem os seus atletas - e porque estamos convictos de que o fazem - estes resultados espelham, possivelmente, uma interpretação de método na perspectiva científica. Inclusivamente, segundo Bompa (1987) existem dois tipos básicos de selecção, a natural e a científica.

7.2. Indicadores e critérios de escolha/selecção desportiva

Com base em Maia (1993), entendemos que o sucesso adaptativo às exigências e constrangimentos de um qualquer "nicho ecológico" relaciona-se, positivamente, com a evidência de um perfil configuracional de traços que traduzem a sua plasticidade fenotípica.

Neste ponto do trabalho não pretendemos ir além da caracterização dos traços mais favorecidos na orientação e/ou escolha de jovens atletas nas modalidades de Andebol, Basquetebol e Voleibol. Convém precisar que, nesta perspectiva, a exposição e interpretação dos resultados veicula, fundamentalmente, entender o problema dos indicadores e critérios de orientação e selecção desportiva com enfoque na criança e no jovem (sujeito).

Para o efeito, aos docentes foi solicitado que identificassem, em função do(s) método(s) apontado(s), indicadores e critérios, que em sua opinião, devem ser utilizados na escolha/orientação desportiva de crianças e jovens, com idades compreendidas entre os 9 e 12 anos. No caso dos treinadores/seleccionadores foi requestado que apontassem os indicadores e critérios que de facto utilizam na escolha dos seus atletas, em correspondência com o(s) método(s) apontado(s). Sobre os critérios importa dizer que, para além de serem exíguos os respondentes que os referenciaram, estes não espelham a natureza que lhes deveria estar intrínseca, motivo pelo qual não serão aqui reproduzidos. Esclarecemos, também, que ainda que os indicadores tenham sido apontados em função de factores constantes no questionário, as respostas não deixam de ter uma natureza "aberta". Não admira pois, que para cada família de indicadores, seja difícil encontrar padronização nas respostas, particularmente para factores de natureza mais subjectiva.

Salientamos que leitura dos quadros correspondentes ao método objectivo ou subjectivo será discutida de forma integrada. Optamos por este tipo de discussão, na medida que desconhecemos, de facto, de que forma são avaliados os indicadores apontados (ex.: testes), que obviamente se relaciona com sua natureza objectiva ou subjectiva. Além de que temos sérias dúvidas sobre a possibilidades de alguns dos indicadores, referidos pelos sujeitos, serem avaliados de forma objectiva.

Antes de remetermos a discussão para o quadro específico da cada modalidade, iremos proceder à leitura e discussão dos resultados globais no domínio dos "modelos" genéricos da selecção em desporto. Acresce que dirigimos a nossa atenção para as respostas dos docentes, dado incidirem nas idades que, justamente, consideramos "críticas" para a orientação desportiva, no caso em Jogos Desportivos Colectivos.

Os indicadores de natureza antropométrica mais notados são a altura, a envergadura, o diâmetro palmar e o peso. Sobre esta matéria o Harre (1982) e Hoara (2000) enunciam, precisamente, o peso e a altura; apenas a Hoara (2000) acrescenta a altura sentada e a envergadura. Sobral (1994),

exactamente para as modalidade aqui em análise, faz referência à estatura e robustez geral. Araújo (1985) e Nadori (1989) orientam a sua proposta para pressupostos somáticos.

Na família dos factores condicionais, a velocidade, a força explosiva e a resistência emergem como os indicadores mais marcados. A velocidade é distinguida por Harre (1982), Nadori (1989) e Hoara (2000); a força superior por Nadori (1989) e Hoara (2000); a força inferior por Hoara (op. cit.); a força estática e dinâmica por Harre (1982); e a resistência por Nadori (1989) e Hoara (2000). Por último, Sobral (1994) aponta como indicadores a velocidade gestual, a potência anaeróbica, capacidade aeróbica e resistência à fadiga (não percebemos se física ou psicologicamente).

No quadro dos factores coordenativos é difícil encontrar indicadores que evidenciem alguma anuência; o único indicador que aqui nos parece merecer ser reproduzido é a agilidade/destreza. Este último indicador emerge apenas no contributo de Harre (1982). Sobral (1994) nota como indicador a coordenação em si mesma. É importante sublinhar que estamos em presença de capacidades cuja avaliação é bastante complicada e controversa.

Encontramos, também, a flexibilidade como indicador, que traduz uma capacidade mista (coordenativa-condicional). Este indicador emerge no "modelo" de Nadori (1989). No âmbito deste tipo de factores, Sobral (1994) apresenta o tempo de reacção.

Os indicadores relacionados com os factores técnicos e/ou tácticos merecem alguns apontamos. Porém remetemos a sua análise para o quadro específico das modalidades (que mais à frente se apresenta). Nos "modelos" genéricos analisados este tipo de indicadores raramente é notado de forma explícita. Por exemplo, Sobral (1994) referencia, exclusivamente, a inteligência táctica.

Relativamente aos indicadores de índole psicológica, os nosso resultados são reveladores de uma orientação de opinião para indicadores como a motivação, motivação competitiva, liderança, perseverança, espírito de sacrifício, entre outros. Sobre esta matéria, unicamente, Fomitchenko e Gomes (1999) mencionam qualidades volitivas, particularidades do carácter e do temperamento.

Do ponto de vista social a integração no grupo parece ser o indicador mais significativo. Neste âmbito, Sobral (1994) sugere o espírito de grupo. Fomitchenko e Gomes (1999) referem que os indicadores desta índole compreendem os motivos, interesses e desejos dos jovem atleta, como índices relativos à família e à colectividade envolvente. Também, Araújo (1985) reconhece importância na opinião da família sobre o ingresso das crianças e jovens nos "Centros de Treino da Juventude Dotada".

Andebol. É evidente, nos dois grupos, que os factores antropométricos são os mais notados (ver quadros n.ºs 4.10 e 4.11). Falamos particularmente da altura, envergadura, diâmetro palmar e peso corporal. Na selecção primária, identificada por Chestakov (1999), os indicadores antropométricos

tomados em consideração são: altura, peso, comprimento dos membros superiores e inferiores e da cintura escapular, diâmetro palmar, características musculares ao nível dos membros e tronco.

No contexto dos factores condicionais os indicadores mais marcados são: a velocidade e a força explosiva, esta última positivamente relacionada com a também identificada potência de remate. Sobre esta matéria, o autor (op. cit.) salienta a velocidade de deslocamento, a flexibilidade ao nível da amplitude de movimentos (capacidade mista), destreza (velocidade de acção com bola) e resistência específica (exigências do treino e do jogo).

Do ponto de vista técnico compreendemos que os docentes apenas se reportem ao passe e recepção (em movimento) e ao "manejo" de bola, dado que os jovens atletas não foram ainda, supostamente, submetidos a processos rigorosos de aprendizagem técnica; em idades superiores é perfeitamente razoável colocarem-se exigências qualitativas e quantitativas superiores no domínio dos procedimentos técnicos mais complexos. Sobre esta matéria não dizemos nada de novo, bastando para tal levar em considerações os pressupostos metodológicos gerais do processo de ensino-aprendizagem.

Os indicadores tácticos emergentes para os 9-12 anos, além de escassos, reportam-se aos procedimentos básicos da táctica individual - o que pensamos estar perfeitamente ajustado. É interessante observar que os treinadores/seleccionadores fazem referência as aspectos de táctica individual e de grupo (em superioridade e igualdade numérica), e em caso algum notamos aspectos da táctica colectiva (isto porque, neste âmbito, não nos parece que o contra-ataque seja uma estratégia ou método de jogo colectivo adoptado).

Os indicadores de índole psicológico assumem designações substancialmente distintas e variadas, o que não deixa de ser interessante. Contudo, a motivação parece ser o indicador mais importante. Não podemos deixar de notar indicadores orientados para o empenho nas tarefas, espírito de sacrifício e combatividade. Do ponto de vista psicológico Chestakov (op. cit.) destaca a observância da capacidade de iniciativa e de tomada de decisões nos momentos decisivos do jogo. O mesmo autor dá, igualmente, relevo à compreensão da forma como o jovem atleta reage a tarefas de exigência máxima e ao insucesso.

No quadro dos factores sociais, os indicadores orientados para a relação com os outros emergem ser os mais significativos. Também, Chestakov (op. cit.) enuncia ser importante observar o tipo de interacção do jovem atleta com os colegas do grupo.

Quadro n.º 4.10: Indicadores de selecção em Andebol com base no método objectivo.

Antropométricos			Condicionais			Coordenativos			Técnicos		
Indicadores	DA	T/S	Indicadores	DA	T/S	Indicadores	DA	T/S	Indicadores	DA	T/S
Altura	6	7	Velocidade	4	4	Coordenacão Geral	1	2	Passe - Recepcão		4
Envergadura	4	5	Resistência Geral		2	Coord. Óculo-Manual	1		Passe-Recep. Movimento	1	
Diâmetro Palmar	4	5	Resistência Específica		1	Agilidade/Destreza	2	4	"Manejo" de Bola	2	1
Peso	2		Força Superior		1	Ritmo	1	2	Traject.com/sem Bola		2
			Força Explosiva	2	4	Orientação Esp. - Temp.		1	Atitude Def./Ofensiva		2
			Potência de Remate	1	3	Equilíbrio Dinâmico	1		Fintas		3
			Impulsão Horizontal			Lateralidade	1		Mudanças de Direcção		1
									Tipos de Remate		4
Tácticos			**Psicológicos**			**Sociais**			**Outros**		
Indicadores	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S
Passe e Vai		2	Motivacão	2	4	Apoio Familiar		1	Flexibilidade		2
Situações: 1x1 e 2x2			Motivação Competitiva	1	1	Apoio de Amigos	1		Velocidade de Reacção	1	
Situações: 2X1 e 3X2		2	Concentração - Tarefas	1	2	Escola		1			
Contra-ataque		2	*Stress* Competitivo	1		Comport. Cívico e Moral	1	2			
Desmarcação		1	Auto-Confiança		1	Pontualid./Assiduidade	1	1			
Intercepção		1	Liderança		1						
Relação com Opositor	1		Coesão de Grupo	1	1						
Táctica Individual	1		Agressividade		2						
Movimento sem Bola	1		Espírito de Sacrifício		2						

Legenda: DA - docentes; T/S - treinadores/seleccionadores.

Quadro n.º 4.11: Indicadores de selecção em Andebol com base no método subjectivo.

Antropométricos			Condicionais			Coordenativos			Técnicos		
Indicadores	DA	T/S	Indicadores	DA	T/S	Indicadores	DA	T/S	Indicadores	DA	T/S
Altura	1	2	Velocidade		4	Coordenacão Geral	1	1	Passe - Recepcão		3
Peso	1	1	Força		1	Agilidade/Destreza		3	Traject.com/sem Bola		2
			Força Explosiva		3	Ritmo		1	Atitude Def./Ofensiva		2
						Equilíbrio Dinâmico		1	Fintas		3
						Lateralidade		1	Tipos de Remate		3
						Dissociação Segmentar		1	Remate		3
Tácticos			**Psicológicos**			**Sociais**			**Outros**		
Indicadores	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S
Situacões: 1x1 e 2x2		6	Combatividade/Coragem	1	3	Apoio Familiar		1	Culturais	1	
Situações: 2X1 e 3X2		5	Motivação		2	Integração no Grupo	1	2			
Contra-ataque		1	Concentração - Tarefas		2	Colectivismo	1				
Leitura de Jogo		2	Empenhamento - Tarefas	1		Clube		1			
Problemas de Jogo	1		Auto-Confiança		1	Hábitos Sociais		1			
			Liderança		1	Meio Envolvente	1				
			Colectivismo	1	1						
			Agressividade		1						
			Espírito de Sacrifício	1	1						

Legenda: DA - docentes; T/S - treinadores/seleccionadores.

Basquetebol. Os resultados obtidos induzem ser os factores antropométricos aqueles que reúnem maior convergência de opiniões no domínio indicadores (ver quadros n.os 4.12 e 4.13). Sobre estes os indicadores mais relevantes são: a altura, a envergadura, o diâmetro palmar e o peso. Bosc (1985) na sua pesquisa (11-14 anos) utilizou indicadores que estão, claramente, relacionados com aqueles que emergem no nosso estudo; os indicadores somáticos referidos pelo autor (op. cit.) são: a altura, peso, envergadura, comprimento dos membros superiores, altura, comprimento do pé e diâmetro palmar longitudinal. Ainda sobre esta família de indicadores, Bompa (1987) refere como critérios ser alto e ter braços longo - estes critérios não se apresentam relacionados com qualquer idade.

Para os factores condicionais a velocidade, resistência geral, força geral, força explosiva e impulsão horizontal são os indicadores mais significativos. Sobre esta matéria, Bosc (1985) apresenta a velocidade, a resistência, a força explosiva (superior e inferior) e força estática. Referenciamos, novamente, Bompa (1987) que indica o VO_2 máximo, capacidade anaeróbia e resistência à fadiga (não se percepcionando se física ou psicologicamente). Tschiene (1985) para candidatos dos 10 aos 12 anos, de ambos os sexos, refere a avaliação da velocidade e da impulsão vertical e horizontal.

Relativamente aos factores coordenativos notamos nas respostas dos docentes uma quase ausência de indicadores e nos treinadores/seleccionadores uma elevada diversidade de respostas, ainda assim reveladores de alguma orientação para a coordenação geral. De modo semelhante, Bosc (1985) e Bompa (1987) fazem referência à coordenação, não acrescentando qualquer especificação.

Do ponto de vista técnico, os resultados orientam-se para indicadores como o passe-recepção, drible, lançamentos e gestos técnicos básicos. Mais uma vez comparando com a bateria de testes de Bosc (op. cit), são propostos exercícios de avaliação do passe (relacionados com a força específica), drible com mudança de direcção e lançamento parado de diferentes locais e parado sequencial (20 vezes).

Tacticamente os indicadores que emergem com supremacia, ainda que pouco significante, são a tomada de decisão e leitura de jogo, para além de uma série de indicadores substancialmente variada. Bompa (1987) apenas enuncia a inteligência táctica.

No domínio dos indicadores psicológicos a motivação, a liderança, o espírito de sacrifício e perseverança são aqueles que maior número de sujeitos indiciou. Já o dissemos, Bosc (1985) orienta a observação destes factores, exclusivamente, para avaliação da personalidade. Bompa (1987) enaltece a resistência ao *stress* e espírito de cooperação.

Na área do factores sociais a integração no grupo e comportamentos sociais adequados ao nível da disciplina, da educação, entre outros, são os indicadores com maior relevo.

Quadro n.º 4.12: Indicadores de selecção em Basquetebol com base no método objectivo.

Antropométricos			Condicionais			Coordenativos			Técnicos		
Indicadores	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S
Altura	5	9	Velocidade	3	4	Coordenacão Geral		2	Passe - Recepcão	1	1
Envergadura	4	6	Resistência Geral	3	3	Coord. Óculo - Manual		1	Drible	2	1
Diâmetro Palmar	1		Força	1	1	Agilidade/Destreza	1	1	"Manejo" de Bola		1
Tamanho do Pé			Força Explosiva	2		Orientação Espacial		1	Traject.com/sem Bola	1	
Peso	2	6	Impulsão Horizontal		2				Técnica Ofensiva		1
Massa Gorda		1							Técnica Defensiva		2
Morfotipo	1								Lançamento	1	1
									Precisão - Lançamento	1	
Tácticos			**Psicológicos**			**Sociais**			**Outros**		
Indicadores	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S
Leitura de Jogo		1	Motivacão		1	Apoio Familiar		2	Est. Maturacional	1	
Improvisação		1	Capacidades Volitivas		1	Apoio de Amigos		1	Flexibilidade		1
Aplicação da Técnica		1	Concentração - Tarefas		1						
Aplic. Princípios de Jogo		1	*Stress* Competitivo		1						
			Espírito de Sacrifício		1						
			Competitividade	1							

Legenda: DA - docentes; T/S - treinadores/seleccionadores.

Quadro n.º 4.13: Indicadores de selecção em Basquetebol com base no método subjectivo.

Antropométricos			Condicionais			Coordenativos			Técnicos		
Indicadores	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S
Altura		2	Velocidade		2	Coordenacão Geral		2	Passe-Recepcão		1
Massa Gorda		2	Força Explosiva		1	Agilidade/Destreza		1	Drible		1
			Resistência Geral		1	Lateralidade		1	Gestos Técnicos Básicos		2
						Coord. Óculo-Manual		1	Traject.com/sem Bola		
						Ritmo		1	Deslocamentos	1	
									Lançamento	1	1
									Domínio de Bola	1	
Tácticos			**Psicológicos**			**Sociais**			**Outros**		
Indicadores	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S
Ocupacão Espacial	1	1	Motivacão	3	3	Apoio Familiar		1	Velocidade de Reaccão		1
Conhecimento-Regras	1		Concentração-Tarefas		1	Integração no Grupo	2	3	Inteligência		1
Conhec.Global do Jogo	1		Empenhamento-Tarefas		1	Colectivismo	1		Morais	1	
Leitura de Jogo	1	2	Auto-Estima	1		Disciplina	2				
Tomada de Decisão	2	1	Auto-Controlo	1		Educação		2			
Princípios de Jogo		1	Liderança	2	2	Comport. Cívico .e Moral	1	1			
Improvisação	1		Agressividade	1							
Rel. Jogador-Jogador		1	Perseverança	2	1						
Resol.Tarefas de Jogo		1	Espírito de Sacrifício	1	2						

Legenda: DA - docentes; T/S - treinadores/seleccionadores.

Voleibol. No domínio dos factores antropométricos, a altura e envergadura são os indicadores mormente referenciados pelos treinadores/seleccionadores (ver quadros n.os 4.14 e 4.15). Não obstante, também apontam o peso e o tamanho dos membros inferiores e superiores. O alcance máximo, com e sem impulsão, que claramente se inscreve em mais que uma família de factores, é indicado por sujeitos dos dois grupos. Cherebetiu (1992), a propósito da etapa inicial da selecção em Voleibol (10-13 anos), refere como indicadores somáticos base a altura, o peso e índices antropométricos (sem no entanto os especificar). Em conformidade, Bompa (1987) indica a altura, membros superiores (longos) e elevado diâmetro biacromial.

Os indicadores respeitantes aos factores condicionais salientados pelos docentes são praticamente insignificantes, contudo os treinadores/seleccionadores manifestam que utilizam, preferencialmente, os indicadores respeitantes à força e velocidade. Sobre esta matéria, Bompa (1987) indica o VO_2 máximo, a capacidade anaeróbia e a resistência à fadiga (também aqui não percebemos se física ou psicologicamente).

Relativamente aos factores coordenativos, indicadores designados de coordenação geral e a agilidade/destreza emergem ser os mais relevantes.

Do ponto de vista técnico os procedimentos técnicos (talvez gerais) são os mais valorizados, dentre destes e para além destes, os docentes sugerem a observação da relação corporal bola-alvo e dos deslocamentos.

Os indicadores tácticos são pouco notados, ainda assim, tanto docentes como treinadores/seleccionadores salientam os procedimentos tácticos (sem serem precisados); apenas os treinadores/seleccionadores referem a antecipação motora e a opção decisional. Sobre indicadores de ordem táctica, Bompa (1987) enuncia a inteligência táctica.

Do ponto de vista psicológico são verificáveis indicadores bastante variados; de entre estes realçamos a motivação, atitude competitiva, controlo emocional, liderança, entre outros. Neste capítulo Bompa (op. cit.) nota a resistência ao *stress*.

No domínio social a integração no grupo é, sem dúvida, o indicador mais relevante. A este propósito Bompa (op. cit.) expõe o espírito colectivo.

Finalmente, ambos os grupos valorizam a capacidade de aprendizagem.

Quadro n.º 4.14: Indicadores de selecção em Voleibol com base no método objectivo.

Antropométricos			Condicionais			Coordenativos			Técnicos		
Indicadores	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S
Altura		17	Velocidade		7	Coordenacão Geral		3	Passe		2
Envergadura		8	Resistência Geral		2	Agilidade/Destreza	3	4	Manchete		2
Tamanho: M.I. e M.S.		3	Força		4				Bloco		1
Tamanho do Pé		1	Força Explosiva		1				Remate		1
Peso		3	Força Superior e Média	1					Deslocamentos		1
Alcance Vertical Máx. Com/Sem Impulsão	2	3	Impulsão Horizontal	1					Defesa Baixa		1
			Impulsão Vertical		1				Procedimentos Técnicos		6
Robustez Física	1								Colocação Corporal Bola-Alvo	1	
Linearíedade	1										
Tácticos			**Psicológicos**			**Sociais**			**Outros**		
Indicadores	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S
Opcão Decisional		2	Estabilidade Emocional		1	Apoio Familiar		1	Flexibilidade	1	3
Antecipação Motora		2				Est. Sócio-Económico		1	Velocidade de Reacção		1
						Integração no Grupo		1	Velocidade de Execução		1

Legenda: DA - docentes; T/S - treinadores/seleccionadores.

Quadro n.º 4.15: Indicadores de selecção em Voleibol com base no método subjectivo.

Antropométricos			Condicionais			Coordenativos			Técnicos		
Indicadores	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S
Altura		2	Impulsão Vertical		1	Coordenacão Geral		1	Deslocamentos	1	
Peso		1				Agilidade/Destreza		1	Sustentação de Bola	1	
Envergadura		1							Passe e Manchete		1
Constituição Física		1							Procedimentos Técnicos	1	
Tácticos			**Psicológicos**			**Sociais**			**Outros**		
Indicadores	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S	**Indicadores**	DA	T/S
Procedimentos Tácticos	1	2	Atitude Competitiva	1	2	Apoio Familiar		1	Cap. Aprendizagem das Tarefas	1	2
Leitura de Jogo	1		Motivação	1	3	Integração no Grupo	2	8			
			Empenhamento-Tarefas	1		Colectivismo	1				
			Liderança		3	Educação	1				
			Coesão de Grupo		1	Solidariedade	1				
			Controlo Emocional	1	2	Disciplina	1				
			Espírito de Sacrifício	1	1						
			Auto-Estima	1							
			Superação	1							

Legenda: DA - docentes; T/S - treinadores/seleccionadores.

8. Estrutura das exigências do escalão de infantis/iniciados

8. 1. Exigências do jogo

Começamos por citar Maia (1993) que analisa a globalidade das exigências do jogo a partir da sua estrutura e funcionalidade. Sendo certo que as exigências são postas em presença de regulamentos específicos é de supor que cada modalidade coloque ao jovem atleta constrangimentos muito particulares. Na dependência evolutiva da preparação desportiva, estamos em crer que os constrangimentos são de natureza distinta e de magnitude crescente à expressão da plasticidade fenotípica dos atletas. Como indicia o autor (op. cit.), "a qualidade adaptativa de um sujeito é expressa na riqueza da sua plasticidade fenotípica traduzida na viabilidade da sua existência em resposta a uma selecção de tipo direccionado" (p.225).

À luz do problema da iniciação desportiva, que de certa maneira tem vindo a ser discutido na direcção do escalão etário que nos parece mais crítico para a sua ocorrência, nomeadamente nos Jogos Desportivos Colectivos, tornou-se lógico e coerente, conhecer as exigências que o jogo coloca ao jovem atleta, nos escalões que melhor circunscrevem as idades nas quais a iniciação especializada se assume, possivelmente, mais expressiva. Deste modo, depois de analisar a estrutura formal de organização dos escalões de formação/competição nas três modalidades e discutir a problemática com "peritos" das modalidades, ainda que informalmente, optámos pelo estudo dos escalões de infantis (Andebol) e de iniciados (Basquetebol e Voleibol).

Centremo-nos agora na forma como os inquiridos concebem as exigências do jogo, sujeitos que na maior parte dos casos são parte activa no sistema. Antes porém, interessa proferir que neste domínio, e em particular para as idades em análise, não tivemos acesso a estudos de referência. Assim, e na perspectiva dos objectivos a que nos propusemos, apenas iremos percorrer as exigência do jogo com base na opinião dos "peritos".

O Jogo de Andebol. Iniciamos com a análise das respostas de cinco docentes (excluída uma das respostas por desajuste aos propósitos da pesquisa). Antes de mais, interessa denunciar a exiguidade e pobreza dos conteúdos de algumas das respostas. Esta dificuldade é agravada pelas grandes divergências conceptuais evidenciadas, que percebemos dada a natureza complexa das exigências.

Situamo-nos primeiramente nos constrangimentos que o jogo evidencia do ponto de vista regulamentar. Como assinala um docente, o jogo tem lugar num campo de dimensões iguais às do escalão sénior, ainda que por períodos de tempo inferiores; a área de baliza é igualmente demarcada por seis metros; o tamanho da bola é demasiado grande, o que se pensa estar na origem de vários

problemas de execução técnica; e, o número de jogadores de campo é também igual a sete. Este mesmo docente narra grandes diferenças antropométricas entre os infantis. De facto, esta observância obriga-nos a uma reflexão mais cuidada do problema. Isto é, apesar da diferença ser condição intrínseca à natureza humana, em idades sensíveis do desenvolvimento, nomeadamente físico, as disfunções entre os jovens atletas são tendenciamente acentuadas, com necessárias implicações na capacidade de resposta às exigências do jogo. Por este motivo, sendo este um jogo balizado pela relação com a oposição, é de supor que as exigências sofram interferências complexas.

Parece-nos lógico esperar, como efectivamente se verifica, que as exigências sejam colocadas em planos de natureza distinta.

As exigências psicológicas são as que maior anuência evidenciam; porém, dos três docentes que as apontam apenas um as desenvolve e concretiza na motivação.

São também reconhecidas exigências ao nível das capacidades motoras. Numa das resposta são essencialmente outorgadas as capacidades condicionais, sendo referido que o jogo exige uma boa resistência de base e de velocidade. Numa outra resposta, são expostas exigências no domínio condicional e/ou coordenativo - em concreto: velocidade de reacção e de execução, ritmo, equilíbrio e orientação espaço-temporal.

Exigências técnico-tácticas. Do ponto de vista técnico as exigências são colocadas por um inquirido, na base do domínio dos gestos básicos. Do ponto de vista táctico: numa das respostas as exigências derivam da adequação da acção motora do jovem atleta à dos colegas, adversários e bola; numa outra resposta as exigências são entendidas a partir da resolução de problemas relacionados com a defesa individual.

Um respondente remete a problemática para a necessidade da atenção ser partilhada entre a análise da situação (estímulos diversificados) e a realização motora.

Por último, são expressas numa resposta exigências morfo-funcionais e sociais, não sendo perceptível a dimensão do seu conteúdo.

Todos os treinadores/seleccionadores de Andebol, à excepção de um, responderam à questão aqui em discussão. Nestes é também evidente alguma dissonância de entendimento.

A orientação que maior consenso parece reunir atende a exigências técnicas e tácticas e à sua importância no desenvolvimento da comunicação e contra-comunicação; estas são observadas em sete das dez respostas possíveis. Não obstante, a opinião dos inquiridos nem sempre é convergente sobre a natureza dos procedimentos anteriores. Assim, em forma de "tradução", ao jovem atleta é exigido que domine os procedimentos técnico-tácticos básicos, como sejam, passe/recepção em

movimento, drible, remate, situações de 1X1 (ofensivas e defensivas) e desmarcação; e, que apresente um nível, ainda que básico, de pensamento táctico e estratégico no sentido de resolver os problemas de jogo - o que por vezes emerge relacionado com um saber jogar em equipa.

Seis inquiridos destinguem as capacidades motoras ainda que com orientações divergentes. As exigências coordenativas são colocadas do seguinte modo: no plano do coordenação geral por um sujeito; na capacidade de orientação espaço-temporal por dois sujeitos; na agilidade por um sujeito; e, na capacidade de ligação dos movimentos motores dos diferentes segmentos corporais, e equilíbrio estático e dinâmico. No plano das exigências condicionais, estas são traduzidas por dois sujeitos em resistência aeróbia, força e velocidade. As capacidades intermédias são indicadas por um inquirido que as coloca no plano da flexibilidade.

As exigências situadas ao nível do conhecimento e aplicação das regras do jogo são sublinhadas por três respondentes.

Dois sujeitos realçam exigências psicológicas circunscritas por comportamentos e características reveladoras de altos níveis de motivação, agressividade em jogo, concentração nas tarefas e saber gerir a sua satisfação e/ou frustração.

O Jogo de Basquetebol. A análise que a seguir se apresenta apoia-se no entendimento da totalidade dos docentes da sub-amostra (oito).

As primeiras exigências que pomos em presença são motoras; constantes de quatro respostas. Do ponto de vista condicional são assinaladas as seguintes perspectivas: (a) dois docentes expõem as capacidades condicionais, em geral; (b) um docente exprime exigências fundamentalmente aeróbias - tendo em linha de conta que nesta fase, consequência do débil domínio técnico dos atletas, o jogo não tem ainda uma componente anaeróbia forte, característica dos níveis do jogo mais evoluídos - e ao nível da força - enquanto suporte das diferentes acções de jogo; (c) um docente refere que o tempo de jogo regulamentar, associado à grande mobilidade espacial (dez atletas em 420 m²), antepõe-se a um esforço físico de natureza intermitente, com grande variabilidade de duração e intensidade. Relativamente às exigências de ordem coordenativa, estas são proferidas por apenas um dos inquiridos.

Quatro docentes abordam exigências nas circunstâncias da capacidade de jogo, ainda que com contornos perfeitamente distintos do jogo evoluído. Em conformidade, a ideia que nos parece mais elementar é apontada por um docente, e consigna exigências ao nível da ocupação racional do espaço. Quatro inquiridos delineiam constrangimentos mais elaborados; reportam-se especificamente à necessidade do jovem realizar uma correcta leitura do jogo, ser capaz de reconhecer as relações de

jogo na libertação e ocupação de espaço, em função das relações com os companheiros, adversários e da posição da bola, ser capaz de decidir com rapidez e oportunidade (num contexto que é de grande complexidade), estar habilitado do ponto de vista técnico, e, por fim, conseguir assumir os valores da confrontação (relação cooperação-oposição).

Apenas um docente enfatiza, explicitamente, as exigências decorrente dos objectivos de um jogo regulamentado; em que se joga para ganhar, para ultrapassar os obstáculos que o adversário coloca à concretização dos objectivos, e marcar e impedir os outros de marcar.

Finalmente, um docente refere exigências antropométricas decorrente da altura a que o cesto está colocado (3,05), impelindo o desenvolvimento das acções críticas do jogo para um espaço aéreo elevado, favorecedor dos atletas altos.

Dos catorze treinadores/seleccionadores de Basquetebol treze responderam à questão em estudo; todavia, uma das respostas não foi considerada por motivos de inapropriação do conteúdo às intenções da análise.

A ideia mais valorizada pelos sujeitos deriva das exigências técnicas e tácticas do jogo. Em quatro respostas são apresentadas exigências ao nível da ocupação racional do espaço, assentes na relação com os colegas e com cesto.

Quatro inquiridos indicam exigências cognitivas no âmbito do conhecimento declarativo do jogo, nomeadamente das regras e dos princípios de jogo ofensivos e defensivos.

Exigências motoras são assinaladas por quatro sujeitos, à parte de cada um, estas tomam as seguintes formas: (a) capacidades condicionais, decorrente das imposições regulamentares ao nível da duração dos períodos de jogo (10 min.); (b) exigências condicionais e coordenativas gerais; (c) níveis apropriados de força, resistência aeróbia, velocidade, rapidez de reacção e coordenação; (d) velocidade em geral, velocidade de reacção e lateralidade.

Em três respostas são evidenciadas exigências de ordem técnica: ofensiva no domínio do passe, drible e lançamento; e, defensiva no domínio da posição base e deslocamentos.

Exigências tácticas: três inquiridos expõem a necessidade do jovem atleta ser capaz de solucionar situações de 1X1 e de 2X2; um sujeito salienta a necessidade de serem tomadas constantes decisões no jogo; e um respondente enfatiza a importância do jovem ter uma boa leitura de jogo.

Apenas numa das respostas é sublinhado que o jogo formal 5X5 é demasiado complexo, e como tal inadequado ao nível de desenvolvimento geral que estes jovens evidenciam.

O Jogo de Voleibol. Centremo-nos agora nas exigências que o jogo de Voleibol coloca aos jovens atletas iniciados na modalidade; e, na lógica das abordagem anteriores, iremos proceder a uma primeira análise patenteada na opinião da totalidade dos docentes constituintes desta sub-amostra.

Em conformidade, as exigências que parecem reunir mais acordo de opinião increvem-se nas questões de ordem psicológica/social, descritas por três inquiridos como: psicológicas; motivação e empenho; e, elevada auto-estima e confiança, e saber cooperar e estar em grupo.

As exigências técnicas são colocadas por três docentes; destes apenas dois especificam condicionantes ao nível do domínio e controlo de bola, e das habilidades fundamentais da modalidade.

Do ponto de vista táctico, um inquirido aponta exigências ao nível dos fundamentos tácticos de base, e um outro refere-se à existência de uma crise de tempo na decisão e na acção, sendo necessário antecipar as decisões (solicitação de competência, estratégias e análise de trajectórias).

As capacidades motoras são indicadas por dois sujeitos. Um coloca-as prioritariamente no plano coordenativo (dado que é um jogo com muitas paragens) e outro no plano da coordenação, agilidade, força, velocidade e resistência.

Finalmente, pomos em evidencia a opinião de um docente acerca de um sucesso/insucesso referenciado a um espaço horizontal, em que a normal agressividade para com o "outro" é transferida para a "bola" e para o "alvo" horizontal.

Transpomos agora a problemática para o campo do treinadores/seleccionadores de Voleibol. Para este efeito pomos em análise as resposta da totalidade dos elementos que fazem parte desta sub-amostra (vinte e dois).

Assim, as exigências que parecem reunir maior índice de concordância são natureza técnica, constantes de catorze respostas. Estas exigências são expressas de diferentes formas: (a) em sete respostas são referidas sem qualquer explicitação adicional; (b) em seis respostas são definidas na base do domínio dos procedimentos técnicos fundamentais, que são sobretudo o serviço, o passe e a recepção, e com menor valorização o remate; e, numa única resposta, é enfatizada a importância do domínio dos deslocamentos.

As exigências de carácter motor são emergentes na opinião de oito inquiridos. As exigências de índole coordenativo geral são expostas por três dos respondentes; dois valorizam especificamente a coordenação óculo-manual; dois referenciam as capacidade coordenativas de orientação espaço-temporal; dois apontam a destreza; e, um indica a velocidade de reacção.

As exigências de natureza táctica são evidenciadas por seis treinadores/seleccionadores: (a) dois referem-nas sem qualquer enquadramento conceptual; (b) um sugere o domínio dos sistemas tácticos

simples; (c) outro indica a necessidade do jovem atleta aplicar adequadamente as noções ataque-defesa; (d) um defende o desempenho táctico apropriado aos diferentes momentos de jogo, no cumprimento de missões; (e) finalmente, um dos sujeitos reporta-se à necessidade de alguma sistematização em termos de sistema de jogo defensivo e de recepção ao serviço contrário.

As exigências caracteristicamente psicológicas/sociais são objectadas por três inquiridos; especificamente, são descritas de tipo volitivo, combatividade, espírito de equipa, respeito pelas regras e adversários, gosto pela modalidade, força de vontade, empenho e atitude positiva perante o jogo.

Exigências marcadamente cognitivas são consubstanciadas na imposição do jovem conhecer as regras de jogo - em duas respostas - e na capacidade de leitura, observação e de resolução de problemas - numa resposta.

Por último, expomos que a partir de três respostas infere a importância das exigências estruturais da modalidade, inscritas no espaço de jogo, nas distâncias, na altura da rede e nas zonas de responsabilidade.

8.2. As competência do jovem atleta

A discussão anterior está alicerçada numa lógica interna de exigências e constrangimentos que o jogo coloca ao jovem atleta. Neste ponto, a discussão obriga a uma transferência de objecto para as competência que são exigidas ao jovem atleta (infantil/iniciado).

Competências do jovem atleta de Andebol. No conjunto das respostas correspondente aos seis docentes de Andebol, apenas uma não será analisada por se evidenciar desajustada dos conteúdos em pesquisa. No encalço destas, a primeira observação consubstancia-se na escassez de assentimento geral orientador das opiniões em análise.

As competências de ordem técnica são replicadas por dois docentes, e dizem respeito ao domínio dos procedimentos base e respectivas componentes críticas, nomeadamente, passes elementares, posição base ofensiva e defensiva, remate em apoio, em suspensão e na passada.

Do ponto de vista das competências tácticas, um dos docentes apenas refere o domínio do "passe e vai", e um outro docente aponta, especificamente, o domínio dos procedimentos base da táctica individual ofensiva e defensiva, que são a desmarcação, a ocupação racional do espaço e o conhecimento das funções principais do jogador no ataque e na defesa.

Dois outros docentes referem competências de ordem volitiva, e apontam objectivamente o gostar da modalidade, a vontade e prazer pelo jogo.

Um único docente declara que a principal competência assenta num saber fazer com e sem posse de bola.

Por último, apenas numa das respostas são evidênciadas competências inerentes a capacidades físicas e coordenativas.

Deslocamos agora a discussão para campo das opiniões dos treinadores/seleccionadores desta modalidade; dos onze inquiridos responderam dez.

À excepção de um sujeito, todos apontam competências de ordem técnica: (a) quatro referem o domínio das acções técnicas individuais ofensivas e defensivas sem qualquer especificação; (b) um descreve o domínio da corrida, da desmarcação, do drible e da finta; (c) um apresenta o passe e a recepção em movimento; dois respondentes expressam o domínio técnico do passe, da recepção, do drible e do remate - um deles acrescenta que o domínio do remate pressupõe a finalização em diferentes zonas do campo, fazendo uso de diferentes tipos de remate -; (d) e apenas um apresenta uma perspectiva que integra todas as anteriores.

As competência de ordem táctica são enumeradas por sete treinadores/seleccionadores, especificadas da seguinte forma: (a) quatro elementos referem competências orientadas para táctica

individual - 1X1; (b) um sujeito "fala" do domínio dos princípios tácticos elementares ao nível individual e de pequeno grupo; (c) um outro inquirido descreve competências de realização de acções tácticas básicas - "passe e vai" e noção de contra ataque; (d) finalmente, um respondente indica como competência fundamental o conhecimento médio dos sistemas tácticos ofensivos - passagem de 3:3 a 2:4 - e defensivos - marcação individual e 3:3.

Competências psicológicas emergem em três respostas, em duas delas são indicadas sem qualquer especificação acrescida, e noutra precisa-se o estar motivado e o ser responsável.

Três inquiridos distinguem competências sócio-desportivas descritas em comportamentos ajustados do ponto de vista do respeito pelos outros e assiduidade aos treinos. Terminando, apenas um sujeito exprime que o jovem deve evidenciar um bom estado de saúde.

Competências do jovem atleta de Basquetebol. Iremos, nesta fase, conduzir a análise das competências do jovem atleta (iniciado) para o domínio do Basquetebol.

À semelhança das abordagens anteriores, a primeira focagem do problema é realizada no seio das opiniões dos docentes; interessa apontar que estarão em análise a opinião da totalidade dos docentes.

Deste modo, no quadro em análise, as competências tácticas merecem a concordância de todos os docentes. Contudo, são espelhadas algumas diferenças, a saber:

(a) um refere-se especificamente a uma razoável aplicação da táctica e valoriza a defesa do jogador com e sem bola;

(b) um apresenta como competência a capacidade de aplicação dos fundamentos de jogo de suporte às estruturas tácticas;

(c) um situa a questão ao nível da táctica individual e da capacidade de leitura do jogo;

(d) um aponta o saber ocupar o espaço de jogo, interpretar as acções colectivas e adequar a solução táctica (saber quando e como aplicar determinada habilidade técnica);

(e) um salienta conhecimentos tácticos defensivos e defensivos, nomeadamente de aplicação individual e de grupo/colectiva, defensiva - defesa zona e individual - e ofensiva - reposição da bola em jogo e contra-ataque - , percorrendo os padrões do 1X1 até ao 5X5;

(f) um declara a necessidade do jovem praticante ser capaz de resolver situações defensivas e ofensivas de 1X1, ser capaz de aplicar combinações simples de ataque em situações de 2X2, tirar proveito das situações favoráveis simples do ataque, e transitar e posicionar-se no ataque de forma equilibrada em relação com os colegas, adversários e bola;

(g) e, por último, um valoriza a apropriação de algum conhecimento de jogo necessário para resolver problemas técnico-tácticos, nomeadamente no 1X1 e nas situações de superioridade numérica.

As habilidades específicas são indicadas por cinco dos docentes, como a seguir se indicam: (a) por dois, a evidência de uma boa bagagem técnica; (b) por um, o domínio das habilidades específicas; (c) por um, a apropriação de um nível de execução o mais correcto possível das técnicas básicas de jogo, com e sem bola, com predominância das ofensivas sobre as defensivas; e, finalmente, (d) um docente refere como habilidades técnicas o drible, o lançamento, o passe-recepção, o ressalto, as movimentações individuais com e sem bola, a posição defensiva e o trabalho de pés.

A aptidão física é enumerada por três docentes, por estes especificada em: (a) competência no domínio da resistência ao esforço no jogo (nas vertentes anaérobia e aeróbia); (b) crescente melhoria da condição física; e (c) um nível de aptidão física que dê resposta aos constrangimentos do escalão em causa, nomeadamente às capacidades coordenativas e a velocidade de reacção e execução.

No âmbito das competências cognitivas dois docentes relevam o conhecimento e compreensão do jogo (regras e princípios).

Por fim, as competências sócio-desportivas são apontadas por dois docentes, e reportam-se a um saber comportar-se no jogo respeitando os colegas, os adversários e os árbitros, e um saber estar de acordo com as regras e o espírito do jogo.

Transpondo a discussão para o terreno dos treinadores/seleccionadores, a análise será realizada a partir da opinião de treze respondentes, considerando neste ponto a exclusão de um deles, por ausência de resposta à questão em análise.

Em primeira instância, assinalamos as competências técnicas por serem expressas por sete dos sujeitos, do modo que a seguir se especifica: (a) domínio da técnica individual, três respostas; e (b) domínio dos gestos técnicos fundamentais, caso do passe, o drible e o lançamento na passada curto, quatro respostas.

Competências psico-sociais são evidenciadas por cinco inquiridos, e expressam a vontade de treinar/competir, gosto pelo Basquetebol, a disciplina, o cumprimento das regras, comportamentos orientados para as tarefas motoro-desportivas e para os princípios da cooperação e do colectivismo.

As competências tácticas são manifestadas em três respostas distintas, sendo que numa delas estas competências são apresentadas como o saber respeitar os princípios ofensivos e defensivos fundamentais e nas outras duas "fala-se" claramente em saber orientar-se no espaço de jogo e ser capaz de interpretar e dar resposta às situações colocadas pelo jogo (nomeadamente na relação cooperação/oposição).

As competência intrínsecas às capacidades motoras são consideradas por apenas dois inquiridos. Num deles apenas são apontadas as condicionais e no outro as condicionais e coordenativas.

O domínio das regras de jogo apenas são referidas por um sujeito.

As competências cognitivas são apresentadas por um inquirido como fundamentais para o entendimento e resolução das diversas situações de jogo.

Competências do jovem atleta de Voleibol. Propomo-nos agora deslocar a problemática para o campo do Voleibol. Assim, as competências do jovem atleta (iniciado) serão circunscritas na opinião, primeiro, dos docentes (cinco) e, posteriormente, dos treinadores/seleccionadores (vinte e dois).

As competências que maior anuência evidenciam são concretamente os procedimentos técnicos, dado que são expostos por quatro dos docentes, ainda que com algumas particularidades, como a seguir são percorridas: (a) dois salientam um domínio aceitável das componentes fundamentais da técnica; (b) um exprime que o jovem atleta deve executar com correcção os diferentes procedimentos técnicos; e (c) um coloca importância fundamental no domínio técnico dos procedimentos de jogo para a consecução das intencionalidades, e competência ao nível dos deslocamentos.

As competências tácticas são emergentes em apenas duas respostas. Numa das respostas é apenas indicado um domínio aceitável das componentes fundamentais da táctica do jogo. Numa outra resposta é enfatizada a comunicação na acção - integração num projecto colectivo e análise das trajectórias da bola e de antecipação das acções.

Do ponto de vista das competências motoras, um único sujeito refere de forma explicita e objectiva a velocidade de reacção e de deslocamento), a força geral e específica, a resistência geral e específica, a coordenação geral, a destreza e a flexibilidade.

Um docente é apologista de que as características psicológicas e socias como competências essenciais. Nesta perspectiva, um outro docente refere exigências comportamentais, ao nível pessoal e relacional, que se ajustem ao quadro de valores previamente definido e aceite.

Finalmente, parafraseamos um docente por situar as competências exigidas ao jovem atleta nas circunstâncias de um vocabulário motor polivalente, o qual deve ser primoroso ao nível do controlo do corpo e dos objectos, tendo em conta a tríade espaço-tempo-tarefa.

Dirigiremos agora esta análise para o contexto das respostas dos treinadores/seleccionadores de Voleibol.

Nesta conformidade, as competências técnicas são assinaladas por catorze sujeitos. Genericamente, todos orientam as suas respostas para um saber executar com "grande" correcção os gestos técnicos fundamentais, contudo ficamos sem saber qual a sua natureza exacta. Excepção feita a dois sujeitos;

um aponta que apenas é exigido ao iniciado executar bem o passe e a manchete, e relativamente ao serviço é-lhe solicitado que consiga colocar a bola do outro lado da rede (regra geral com serviço por baixo); o outro respondente refere-se a um saber fazer (sem especialização) inerente ao serviço, passe, remate, recepção em manchete e bloco.

As competências tácticas são postas em evidencia por oito dos inquiridos. Ainda que os respondentes as apresentem de forma pouco desenvolvida do ponto de vista conceptual, são perceptíveis algumas orientações como a seguir se apresentam: noção clara de defesa/ataque (domínio de situações reduzidas de 1X1, 2X2, 3X3 e 4X4); conhecimento dos dispositivos de organização da equipa; distinção objectiva das zonas do campo; capacidade de leitura e compreensão do jogo; maturidade e adaptação táctica indivídual, e compreensão e execução adequada dos comportamentos tácticos colectivos definidos pelo sistema de jogo; e, ser capaz de perante os problemas do jogo adaptar-se por forma a cumprir os objectivos do jogo.

Em dez respostas são reveladas competências do foro psicológico e social, incritas numa grande diversidade de atitudes, comportamentos e traços de personalidade, que pressupõem: (a) participação activa e regular - quatro respostas; (b) muita vontade de aprender/treinar - três respostas; (c) "paixão" pela modalidade - três respostas; (d) disciplina e responsabilidade na participação - duas respostas; (e) conduta correcta para com os colegas, adversários, arbitro e treinador - duas respostas; (f) ser competitivo - uma resposta; (g) ter sentido de liderança - uma resposta; (h) atenção e concentração - uma resposta; e (i) espírito forte - uma resposta.

As competências motoras são inferidas a partir de três dos respondentes. Um dos sujeitos especifica que os jovens atletas devem apresentar um nível de competências coordenativas gerais apropriado. Outro inquirido refere que, do ponto de vista coordenativo, é fundamental a observância de um "bom" nível de desenvolvimento óculo-manual e neuro-motor, e que do ponto de vista condicional interessa sobremaneira a evidência de "bons" níveis de velocidade e força explosiva. Por último, um respondente valoriza um "bom" domínio da cintura pélvica e escapular.

Terminando, apenas um inquirido realça competências cognitivas relacionadas com o conhecimento do jogo e, inerentemente, das suas regras.

Capítulo 5 - *Conclusões*

V. Conclusões

O nosso estudo percorre objectivos centrados na possibilidade de identificarmos pressupostos, orientações e ferramentas significativas na orientação desportiva de crianças e jovens para a prática especializada em Andebol, Basquetebol ou Voleibol. Estes propósitos versaram concretamente: (a) o conhecimento da idade mais apropriada para a iniciação desportiva especializada em cada uma das modalidades referidas; (b) a identificação de pré-requisitos; (c) o conhecimento de características que se relacionam, sobremaneira, com o sucesso desportivo futuro; (d) o conhecimento dos indicadores e critérios mais importantes na orientação desportiva (e/ou na escolha) de crianças e jovens, com idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos; (e) as metodologias utilizadas (ou sugeridas) na selecção de jovens atletas; e (f) a caracterização das exigências do jogo e das competências a estas ajustadas, no escalão de infantis/iniciados.

Cada dimensão do nosso estudo serviu de guia à construção das proposições que aqui se inscrevem.

A marcação de um "tempo" ideal para a iniciação especializada, como hipoteticamente considerámos, não é consensual entre os "peritos", independentemente da modalidade. É relevante que 41,6 % dos inquiridos aponte idades com incidência no intervalo etário dos 13-14 anos ou superiores. Na formulação da sua opinião, os respondentes evidenciam um conjunto de razões, que a seguir se percorrem.

É fundamental uma prática desportiva multilateral antes da iniciação especializada em Andebol, Basquetebol ou Voleibol. Em conformidade, a multilateralidade assume, numa parte substancial das perspectivas, o *design* de uma formação desportiva preliminar centrada em várias modalidades.

Numa outra linha de razões, as crenças dos "peritos" admitem como critério balizador a evidência de prontidão para a iniciação especializada. Este "estado" é adoptado com direcção distintas: (a) valoriza-se a evidência de bases físico-motoras necessárias à aprendizagem das habilidades específicas; (b) aptidão para escolher e/ou comprometer-se com processo de formação desportiva especializada; e (c) incidência em momentos/fases "sensíveis" no sentido de melhor responder às exigências da especialização.

Relativamente aos pré-requisitos, para a iniciação desportiva especializada, uma percentagem substancial de inquiridos (61,5%) considera a sua existência. A natureza dos pré-requisitos apontados apresenta-se, tal como perspectivámos, com orientações distintas; porém, notamos que entre os "peritos" emerge alguma convergência de opinião quanto às diversas orientações assumidas. Assim, os pré-requisitos situam-se ao nível das características antropométricas (particularmente a altura),

capacidades motoras (em especial as capacidades coordenativas), características psicológicas e técnico-tácticas (estas últimas pouco valorizadas).

As características enunciadas como mais importantes na "predição" de atletas de sucesso futuro, como era nossa convicção, são de natureza distinta, mas não necessariamente contraditórias. As características mais valorizadas são as psicológicas, seguindo-se a altura. Também, as características motoras, especialmente as coordenativas, merecem o apontamento de vários respondentes. Numa outra ordem de características salientam-se as técnico-tácticas, sendo as técnicas mais valorizadas, em especial pelo grupo de Voleibol. As características sociais, não sendo negligenciáveis, aparecem de forma pouco objectiva (por exemplo associadas às psicológicas).

A hierarquia de factores que se constrói na importância que lhes é atribuída na orientação (e/ou escolha) de crianças e jovens, com idades compreendidas entre os 9 e 12 anos, é reveladora de compleições com algumas divergências, o que de alguma forma corrobora a nossa antevisão. Com base nos graus de valorização mais elevados (muito e muitíssimo importante), e por ordem decrescente de importância, observamos (a) no Andebol - factores coordenativos, psicológicos, sociais e antropométricos; (b) no Basquetebol - factores psicológicos, e com valores muito idênticos, os coordenativos, sociais e antropométricos; e (c) no Voleibol - coordenativos, antropométricos, condicionais e psicológicos. Substancialmente menos valorizados são os factores técnicos e tácticos.

Relativamente ao método que treinadores/seleccionadores utilizam na selecção/escolha dos seus atletas, prevalece a sua natureza subjectiva ou objectiva-subjectiva. No domínio das respostas dos docentes são sugeridos exclusivamente métodos objectivos-subjectivos.

Os indicadores sugeridos pelos docentes para a orientação (e/ou escolha) de crianças e jovens, com idades compreendidas entre os 9 e 12 anos, com vista a uma iniciação especializada, evidenciam no domínio técnico-táctico algum distanciamento entre as modalidades. Não obstante, observamos alguma anuência em torno dos indicadores que a seguir são referidos, para cada família de factores: (a) antropométricos - altura, envergadura, diâmetro palmar e peso; (b) condicionais - a velocidade, a força explosiva e a resistência; (c) coordenativos - agilidade/destreza; (d) psicológicos - motivação, motivação competitiva, liderança, perseverança, espírito de sacrifício, entre outros; e (e) sociais - integração no grupo.

No cerne das respostas dos treinadores/seleccionadores sobre os indicadores que orientam a forma como seleccionam/escolhem os seus atletas, ainda que com algumas divergências, os indicadores marcados apresentam algumas similitudes com aqueles que atrás foram apresentados. Também, nestes, as maiores diferenças entre as modalidades situam-se ao nível dos indicadores técnico-tácticos.

No domínio metodológico observamos uma ausência de critérios explícitos e inequívocos que esclareçam a forma como os "peritos" seleccionam/escolhem os jovens atletas e como devem ser orientados (e/ou escolhidos) as crianças e os jovens, com idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos.

As exigências que o jogo (escalão de infantis/iniciados) coloca ao jovem atleta são de natureza complexa e multidimensional, sendo as principais: (a) exigências psicológicas, cognitivas; (b) morfo-funcionais; (c) motoras (coordenativas e condicionais); (d) técnico-tácticas e (e) sociais.

As competências que o jogo exige relacionam-se positivamente com as exigências que o mesmo coloca, sendo as mais relevantes: técnicas, tácticas, aptidão física, psicológicas e/ou volitivas, cognitivas (ex.: domínio das regras da modalidade) e sociais.

As diferenças quanto às exigências de cada modalidade, nos escalões em estudo, não são tão significativas como esperávamos; talvez fossem mais perceptíveis se o instrumento de avaliação balizasse e orientasse mais as respostas dos sujeitos.

4.1. Ilação para futuras investigações

É inequívoco que este trabalho se centrou nos sujeitos que têm um papel crucial na tomada de decisões. Isto é, de entre muitas outras expressões ilustrativas da sua interferência no processo de envolvimento desportivo dos jovens praticantes, são eles que dizem: "tu ficas, tu sais", "tu jogas, tu não jogas", "tu treinas, tu não treinas". É, portanto, fundamental que o seu "juízo clínico" seja cada vez mais isento de "erros", dadas as consequências deveras negativas que daí poderão advir, particularmente nas idades mais baixas da formação desportiva. Não obstante, é nestas que maiores carências de estudos se observam.

Acerca do problema concreto do como e quando orientar, perspectivando uma carreira desportiva de sucesso até ao mais alto nível de *performance,* estamos em crer que é absolutamente fundamental estudar a carreira dos atletas de excelência. Exemplo: (a) perceber como escolheram e se comprometeram com as exigências da modalidade de que são especialistas; (b) conhecer as vivências e experiências que desenvolveram antes de iniciação especializada; (c) reconstruir a "evolução" do processo de treino a longo prazo, relacionando a dinâmica das cargas de treino e de competição com a *performance* evidenciada; (d) conhecer o percurso desportivo ao nível de clubes que representaram, selecções em que participaram e treinadores que tiveram; (e) perceber o modo como interagem as exigências da carreira desportiva com as exigência escolares e/ou profissionais e (f) relacionar o envolvimento familiar e de outros (amigos, professores) no desenvolvimento do percurso desportivo.

Por fim, retomando a problemática da orientação desportiva (escolha de uma modalidade) no projecto "Escola de Desporto", motivo original deste trabalho e do desenvolvimento das nossas preocupações, pensamos ser fundamental conhecer cada criança e cada jovem, de forma o mais rigorosa possível: (a) características físicas; (b) motoras; (c) motivacionais; (d) interesses desportivos; (e) dificuldades e indecisões de escolha e de identidade desportiva, e (f) aspirações desportivas. Acresce, justamente, perceber como concebem as suas decisões na escolha da sua modalidade, no interface com a opinião dos pais. Isto é, pensamos ser crucial perceber como os pais interferem no processo de escolha e concretização da iniciação especializada.

Bibliografia

III. Bibliografia

ANDRADE, M. G. (1995). *Para uma teoria das competições desportivas em crianças e jovens.* Dissertação de mestrado. Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

ARAÚJO, C. M. (1995a). *Treino, crescimento, maturação e conteúdo mineral ósseo. Estudo em praticantes de Ginástica Artística Masculina.* Tese de Doutoramento. Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

ARAÚJO, J. (1985). Selecção de talentos desportivos. *Horizonte*, I(6),186-189.

ARAÚJO, J. (1995b). A Selecção em Basquetebol. (Comunicação). *Seminário A Equação da Selecção.* Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

BARROS, A. & LEHFELT, N. (1986). *Fundamentos da Metodologia: um guia para a iniciação científica.* Docentes de Copyright. Mc Graw-Hill, L.da.

BAXTER-JONES, A. (1995). Growth and development of young athets. Should competion levels be aged related? *Sports. Med.*, 20, 59-64.

BAYER, C. (1979). Lenseignement de Jeux Collectifs. Editions VIGOT.

BECERRO, J. F. (1996). Aspects to be considered in training and competion for child athletes. *In* Becerro J. F. & Santonja G. (Eds.), *Olympic Sport Medicine, Problems and solutions in infant and childhood sport* (pp. 15-71). España.

BEE, H. (1992). *The developing child.* (6th ed.). New York: HarperCollins.

BELL, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação. Um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação*, 2ª ed.) .Trajectos. Lisboa: Gravida - Publicações, L.da..

BENTO, J. O. (1989). *Para uma Formação Desportivo-Corporal na Escola.* Lisboa: Livros Horizonte.

BENTO, J. O. (1991). Desporto na Escola - Desporto no Clube. *Horizonte*, Vol. VII (42), 183-191.

BEUNEN, G. (1995). Quem é o jovem atleta de sucesso? (Comunicação). *Seminário A Equação da Selecção em Desporto.* Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.

BOMPA, T. O. (1987). *Theory and Methodology of Training. The Key to Athletic Performance*, (2ª ed.). Dubuque: Kendal/Hunt Publishing Company.

BOMPA, T. O. (1999). Planeamento a Longo Prazo. (Comunicação). *Seminário Internacional Treino de Jovens.* Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva - Secretaria do Estado do Desporto.

BOSC, G. (1985). Contribuition a la Recherche et a L'evaluation des Talents. *Education Physique et Sport*, 1 (21-31).

BRANDÃO, E. V. (1995). *A performance em Basquetebol. Um estudo multivariado no escalão de cadetes masculinos.* Tese de Mestrado. Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

BRUNER, J. (1965). *The process of education.* Cambrige, MA: Harvard University Press.*

CHAUVEAU M. (2000). Organização do Desporto de Alta Competição em França. (Comunicação). *Fórum Alta Competição, Que Modelos?* Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva-Secretaria do Estado do Desporto.

CHEREBETIU, G. (1992). Medica Biological Selection in Volleyball. *International Volley Tech*, 2: 15-28.

CHESTAKOV (1999). *Sistema otbora ditiei v grupi natchlnoi podgotovki po spetsializatsi Handbol.* Rússia.

COAKLEY, J. (1986). When should children begin competing? A sociological perspective. In M. R. Weiss & D. Gould (Eds.), *Sport for children and youths* (pp. 59-63). Champaign, IL: Human Kinetics.

COIMBRA, J. (1995). Os professores e a orientação vocacional. *Noesis* (Julho/Setembro), 27-29. Universidade do Porto: Faculdade de Psicologia da Educação.

CONNOLLY, K. (Ed.) (1970). *Mechanisms of motor skill development.* New York: Academic Press.*

CUNHA, A., LIBERATO, A. & MOREIRA, I. (1995). O ensino do Andebol. In A. Graça & J. Oliveira (Eds.), *O Ensino dos Jogos Desportivos Colectivos* (pp. 49-60), (2ª ed.). Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

ESTRIGA, L. M. (2000). Escolas de Desporto: um modelo de formação e orientação desportiva. *Horizonte*, Vol. XVI (93), 12-23.

FESTINGER, L. (1954). A theory of comparison processes. *Human Relations*, 7, 17-140.*

FILIN, P. V. (1983). Aspetti della preparazione dei giovani sportivi. *Scuola dello Sport*, CONI.

FILIN, P. V. (1996). *Desporto Juvenil: Teoria e Metodologia.* A. C. Gomes & S. G. Silva (Adaptação Técnica e Científica) (1ª ed.). Paraná: Londrina.

FILIN, P. V. & VOLKOV V. M. (1998). *Selecção de Talentos no Desporto.* Midiograf. Paraná: Londrina.

FLEISHMAN, E. A. (1964). *The Structure and Measurement of Physical Fitness.* Englewood Cliffs: Prentice-Hall, Inc..

FOMITCHENKO, T. & GOMES A. (1999). Selecção de talentos dos esportes: organização e metodologia. In Silva S. - João Pessoa: Editora Universitária/UFPB (Eds.), Livro do Congresso *Treinamento Desportivo: Actualidades e Perspectivas* (pp. 61-88). Brasil: João Pessoa.

GAGNÉ, R. M. (1968). Contributions of learning to human development. *Psychological Review*, 75, 177-191.

GAGNÉ, R. M. (1970). *Contributions of learning to human developmen,* (2nd Ed.). New York: Holt, Rinehart & Winston.

GARGANTA, J. & PINTO J. (1995). O ensino do Futebol. In A. Graça & J. Oliveira (Eds.), *O Ensino dos Jogos Desportivos Colectivos* (pp. 95-136), (2ª ed.). Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

GARNELO, J. L. (2000). Modelo Espanhol de Selecção e Desenvolvimento de Talentos. (Comunicação). *Fórum - Alta Competição, Que Modelos?* Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva - Secretaria do Estado do Desporto.

GATEWOOD, R. D. & FEILD, H. S. (1994). *Human Resource Selection.* The Dryden Press Fort Worth.

GESELL, A. (1928). *Infancy and human growth.* New York: Macmillan.*

GESELL, A. & THOMPSON, H. (1929). Learning and growth in identical twin infants. *Genetic Psychology Monographs*, 6, 1-124.*

GESELL, A. (1946). The ontogenesis of infant behavior. In L. Carmichael (Ed.), *Manual of child psychology* (pp. 295-331). New York: Wiley.*

GODOY, A. (1997). Toma de decisiones y juicio clínico. Uma aproximación psicológica. Madrid: Ediciones Pirámide.

GOMES, R. A. (1997). Aspectos Psicológicos da Iniciação e Formação Desportiva: O Papel do Pais. In J. F. A. Cruz & A. R. Gomes (Eds.), *Actas do I Encontro Internacional de Psicologia Aplicada ao Desporto e à Actividade Física: Teoria, investigação e intervenção* (pp. 292-319). Braga: Universidade do Minho.

GONÇALVES, C. (1999). O Espírito Desportivo na Formação dos Jovens Praticantes. In Centro de Estudos e Formação Desportiva (Ed.). Livro de Comunicações apresentadas no *Seminário Internacional Treino de Jovens* (pp. 37-63). Lisboa: Secretaria do Estado do Desporto.

GRAÇA, A.; TAVARES, F.; OLIVEIRA, J. & JANEIRA, M. (1991). Perspectiva Integrada e Progressiva de Formação de Jogadores em Basquetebol. In J. Bento & A. Marques (Eds.), Actas do II Congresso dos Países de Língua Portuguesa *As Ciências do Desporto e a Prática Desportiva no Espaço da Língua Portuguesa* (pp. 35-46). Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

GROSSER M., BRUGGEMAN P. & ZINTL F. (1989). Alto rendimiento desportivo. Planificación Y deserrollo. Barcelona: Ediciones Martiz Roca S. A..

HAHN, E (1987). *L'entraînement Sportif des Enfants.* Paris: Editions Vigot.

HAHN, E. (1988). *Entrenamiento con niños. Teoría, práctica, problemas específicos.* Barcelona: Edic. Martínez Roca, SA.

HALL, G. S. (1921). *Aspects of child life and education.* New York: Appleton.*

HARRE, D. (1982). *Principles of Sports Training. Introduction to the Theory and Methods of Training.* Berlin: Sportverlag.

HÉLAL, H. & GRANVORKA, S. (1984): "Espoirs 1990" – La detection en Volleyball. *Travaux et recherches en E.P.S. – Evaluation de la physique.* Paris: Edições INSEP.*

HOARE, D. (2000). Identificação, Detecção e Desenvolvimento de Talentos Desportivos. (Comunicação). *Fórum - Alta Competição, Que Modelos?.* Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva - Secretaria do Estado do Desporto.

HORN, T. S. & HASBROOK, C. (1986). Informational components influencing children's perception of their physical competence. In M. R. Weiss & D. Gould (Eds.), *Sport for children and youths* (pp. 81-88). Champaign, IL: Human Kinetics.

JANEIRA, M. A. (1994). *Funcionalidade e Estrutura de Exigências em Basquetebol. Um estudo univariado e multivariado em atletas seniores de alto nível.* Tese de Doutoramento. Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

JANEIRA, M., GARGANTA, R. & MAIA, J. (1994). Estudo Configuracional de jovens de JDC – aspectos cineantropométricos. (Comunicação). *Seminário Internacional Crescimento, maturação, actividade física e performance desportivo-motora.* Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.

JANEIRA, M. A. (1995). A Selecção em Basquetebol. (Comunicação). *Seminário A Equação da Selecção.* Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

KAIL, R. (1991). Processing time decliness exponentially during childhood and adolescence. *Developmental Psychology*, 27, 259-266.*

KEEVES, J. P. (1990). Models and Building. In Keeves, J P. (Ed.), *Educational Research Methodology, and Measurement: an International Handbook.* Oxford: Pergamon Press. *

KELSO, J. A. S. & CLARK, J. E. (Eds). (1982). The development of movement control and co-ordination. New York: Wiley & Sons.*

KNAPPE W. & HUMMEL A. (1991). Concepção da "Formação Desportiva-Corporal de Base" na baixa idade escolar. Conferência. In Actas do II Congresso de Educação Física da Língua Portuguesa, *As Ciências do Desporto e a Prática Desportiva no Espaço da Língua Portuguesa* (pp. 73-82). Universidade do Porto.

KUGLER, P. N., KELSO, J. A. & TURVEY, M. T. (1982). On the control and co-ordination of naturally developing systems. In J. A. S. Kelso & J. E. Clark (Eds.), *The development of movement control and co-ordination* (pp. 5-78). New York: Wiley & Sons.*

KURZ, D. (1988): Pädagogische Grundlagen des Trainings. Studienbrief 4 der Trainerakademie Köln, Holmann-Verlag, Schorndorf. *

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. (1990). *Fundamentos de Metodologia Científica* (2ª ed. rev. e ampl.). São Paulo: Editora Atlas S.A.

LIMA, T. (1981). *Alta Competição: Desporto de Dimensões Humanas.* Lisboa: Livros Horizonte.

LIMA, T. (1988). A Formação Desportiva dos Jovens. *Horizonte,* V (25), 21-26.

LIMA, T. (1999). Formação Desportiva. *Horizonte*, XV (7), 3-6.

LOPES, V. P. (1997). *Análise dos Efeitos de Dois Programas Distintos de Educação Física na Expressão da Aptidão Física, Coordenação e Habilidades Motoras em Crianças do Ensino Primário.* Tese de Doutoramento. Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

LOPES V. P. & J. A. MAIA (2000). Períodos críticos e sensíveis. *Revista Paulista de Educação Física.* No prelo.

MAGILL, R. A. (1988). Critical periods as optimal readiness for learning sport skills. In F. L. Smoll; R. A. Magill e M. G. Ash (Eds.), *Children in sport* (3rd Ed.) (pp. 53-65). Champaign, IL: Human Kinetics.

MAGILL, A. & ANDERSON D. I. (1996). Critical Periods as Optimal Readiness for Learning Sport Skills. In F. L. Smoll & R. A. Magill (Eds.), *Children in sport, A Biopsychsocial Perspective* (pp. 57-72). University of Washington: McGraw-Hill Companies.

MAIA, J. A. (1993). *Abordagem antropobiológica da selecção em desporto. Estudo multivariado de indicadores bio-sociais da selecção em andebolistas dos dois sexos dos 13 aos 16 anos de idade.* Tese de Doutoramento. Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.

MAIA, J. (1997). A modelação da performance desportivo-motora - um contributo centrado no pensamento de Fleischman e Quaintance e na Modelação da Estrutura de Covariância. *Movimento* III (6), 34-50.

MALINA, R. M. (1980). A Multidisciplinary, Biocultural Approach to Physical Performance. In M. Ostyn, G. Beunen & J. Simons (Eds.), *Kinanthropometry II.* Baltimore: University Park Press.

MALINA, R. M. (1986). Readiness for competitive sport. In M.R. Weiss; D. Gould (Eds.). *Sport for children and Youths* (pp. 45-50), The 1984 Olympic Scientific Congress Proceedings Champaign. IL: Human Kinetics Pubs..

MALINA, R. M. (1988a). Competitive Youth Sport and Biological Maturation. In Brown, E. W. Brannta, C. F. (Eds.), *Competitive Sport for Children and Youth - an Overveiw of Research and Issues.* Champaign: Human Kinetics Brooks.*

MALINA, R. M. (1988b). Biological Maturity Status of Young Athletes. In Malina (Eds.), *Young Atletes, Pyschological and Educational Perspective* (pp. 121-140). Champaign: Human Kinetics Books.

MALINA, R. M. (1990). Tracking of physical fitness and performance during growth. In G. Beunen; J. Ghesquire; T. Reybrouck; A. L. Claessens (Eds.), *Children and exercise* (pp. 1-10). Stuttgart: Enke.

MALINA, R. M. (1993). Youth sports: readiness, selection and trainability. In W. Duquet; J. A. P. Day (Eds.), *Kinathropometry IV* (pp. 285-301). Londres: E & FN Spon.

MALINA, R. M. (2000).Talent Identification and Selection in Sport. Consultado em 16 de Janeiro 2000. http://www.hope.edu/academic/psychology/myerstxt/happy/happy2.html

MARCHESE, M. (1992). Clinical versus actuarial prediction. A review of the literature. *Perceptual and motor skill*, 75, 583-594.

MARQUES, A. (1991a). A periodização do treino em crianças e jovens. Resultados de um estudo nos centros experimentais de treino da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. In Bento, J. & Marques A. (Eds.), *A ciência de do desporto a cultura e o homem* (pp. 243-245). Porto.

MARQUES, A. (1991b). Bases para a estruturação de um modelo de detecção e selecção de talentos desportivos em Portugal. In Bento, J. & Marques A. (Eds.), *Actas do II Congresso de Educação Física da Língua Portuguesa, As Ciências do Desporto e a Prática Desportiva no Espaço da Língua Portuguesa* (pp. 103-107). Universidade do Porto.

MARQUES, A., COSTA, A., MAIA, J., OLIVEIRA, J., GOMES, P. (1991). Aptidão Física. In FACDEX: Desenvolvimento Somato-Motor e Factores de Excelência Desportiva na População Escolar Portuguesa (pp. 33-54). Vol. I. Lisboa: Ministério da Educação; Gabinete Coordenador de Desporto Escolar.

MARQUES, A. (1993). Bases para a estruturação de um modelo de detecção e selecção de talentos desportivos em Portugal. *Espaço*, I(1), 47-58.

MARQUES, A. (1996). *O sistema de competições na preparação de prospectiva de crianças e jovens.* Lição de síntese para a obtenção do título de agregado. Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

MARQUES, A. (1999a). Selecção de talentos dos esportes: organização e metodologia. In S. Silva (Ed.)., *Livro de Comunicações do Congresso Treinamento Desportivo: Actualidades e Perspectivas* (pp. 61-88). Brasil: Editora Universitária/UFPB, João Pessoa.

MARQUES, A. (1999b). Crianças e Adolescentes Atletas: entre a escola e os centros de treino...entre os centros de treino e a escola! In Centro de Estudos e Formação Desportiva (Ed.), *Livro de Comunicações apresentada no Seminário Internacional: Treino de Jovens* (pp.17-30). Lisboa: Secretaria de Estado do Desporto.

MARTIN, D. (1999). Capacidade de Performance e Desenvolvimento no Desporto de Jovens. In Centro de Estudos e Formação Desportiva (Eds.), *Livro de Comunicações apresentadas no Seminário Internacional: Treino de Jovens* (pp. 37-63). Lisboa: Secretaria do Estado do Desporto.

MATSUDO, V. K. (1996). Prediction of Future Athletic Excellence. In Bar-Or O. (Ed.), *The child and adolescent athlete* (pp. 92-109). The Encyclopaedia of Sports Medicine an Ioc Medical Commission Publication in Collaboration With The International Federation of Sport Medicine. Blackwell Science.

MATVÉIEV, L. P. (1986). *Fundamentos do treino desportivo.* Lisboa: Livros Horizonte.

MATVÉIEV, L. (1990). *O Processo de Treino Desportivo* (2ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.

MATVÉIEV, L. (1991). *Fundamentos do Treino Desportivo.* Lisboa: Livros Horizonte.

MATVÉIEV, L. P. & NOWIKOV, A. D. (1982). *Theorie und Methodik der Körpererziehung* (Band). Berlin: Sportverlag.*

MCGRAW, M. B. (1935). *Growth: a study of Johnny and Jimmy.* New York: Appleton - Century.*

MCGUIRE, R. T., & COOK, D. L. (1983). The influence of others and the decision to participate in youth sports. *Journal of Sport Behavior,* 6, 9-16.*

MESQUITA, I (1994). A Selecção de Talentos em Voleibol. (Comunicação). *Seminário A Equação da Selecção.* Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

MESQUITA, I. (1995). O ensino do Voleibol: Proposta metodológica. In A. Graça & J. Oliveira (Eds.), *O Ensino dos Jogos Desportivos Colectivos* (pp. 153-200), (2ª ed.). Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

MESQUITA, I. (1997a). A Detecção e a Selecção de Talentos em Voleibol. *O Voleibol,*1, 8-11.

MESQUITA, I. (1997b). *Pedagogia do Treino: A formação em jogos desportivos colectivos.* Lisboa: Livros Horizonte.

MOUTINHO, C. (1995). O ensino do Voleibol: A estrutura funcional do Voleibol. In A. Graça & J. Oliveira (Eds.), *O Ensino dos Jogos Desportivos Colectivos* (pp. 137-152), (2ª ed.). Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

NADORI, L. (1983). IL Talento e la Sua Selezione. *Rivista di Cultura Sportiva,* I, 43-49.

NADORI, L. (1989). Selection e Identification del Talento en el Deporte. In Federacion Espanhola de Piraguismo (Ed.), *Comunicaciones Tècnicas - IV Symposium International de Entrenadores.*

OLIVEIRA, F. J. (1995). *Ensinar o Andebol.* Porto: Campo das Letras - Editores, S. A..

OLIVEIRA, J. & GRAÇA , A. (1995). O ensino do Basquetebol. In A. Graça & J. Oliveira (Eds.), *O Ensino dos Jogos Desportivos Colectivos* (pp. 61-94), (2ª ed.). Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

PASSER, M. W. (1996). At What Age Are Children Ready to Compete? Some Psychological Considerations. In F. L. Smoll & R. A. Magill (Eds.), *Children in sport, A Biopsychsocial Perspective* (pp. 73-82). University of Washington: McGraw-Hill Companies.

PERSONNE, J. (1987). *Nenhuma medalha vale a saúde de uma criança.* Lisboa: Livros Horizonte.

PIAGET, J. (1952). *The origins of intelligence in children.* New York: International Universities Press.

PIAGET, J. (1969). *The psychology of the child.* New York: Basic Books.

PINTO, D. M. (1995). *Indicadores de Performance em Basquetebol. Estudo descritivo e preditivo em cadetes masculinos.* Tese de Mestrado. Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

PLATONOV, V. N. (1984). *L' entraînement sportif théorie et méthodologie.* Paris: Editions Revue, EPS.

PLANTONOV, V. N. (1994). *El Entrenamiento Deportivo, teoria y metodología*, (4ª ed.). Barcelona: Paidotribo.

PLATONOV, V. N. (1997). Princípios da preparação a longo prazo. In Centro de Estudos e Formação Desportiva - Secretaria de Estado do Desporto (Ed.). *Treino Desportivo* (Julho), 14-23.

RÈGNIER, G. (1987). *Un Modele Conceptuel pour la Detection du Talent Sportif.* Tese de Doutoramento. Montreal: Université Montreal.

SALMELA, J. H., RÉGNIER, G. (1983). Detection du Talent - Un Modèle. Science et Sport: Documents de Recherche et Tecnologie. Ottawa.

ROBERTS, G. C. (1980). Children in competition: A theoretical perspective and recommendations for practice. *Motor Skill*: Theory into Practice, 4, 37-50.

ROBERTS, G. C. (1986). The perception of stress: A potential source and its development. In M. R. Weiss & D. Gould (Eds.), *Sport for children and youths* (pp. 119-126). Champaign, IL: Human Kinetics. *

ROWEN, B. (1973). The children we see: An observational approach to child study. New York: Holt, Rinehart & Winston.*

RUFF, H. A. & LAWSON, K. R. (1990). Developmental of sustained focused attention in young children during play. *Developmental Psychology*, 26, 85-93.

SANTOS, P. (1997a). *Adolescência e Indecisão Vocacional. Separação Psicológica Face às Figuras Paternais e Dimensões Antecedentes da Indecisão Vocacional em Estudantes do Ensino Secundário.* Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

SANTOS, R. S. (1997b). *Processo de Selecção em Andebol. Um estudo exploratório com treinadores brasileiros.* Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

SCALAN, T. K. & LEWTHWAITE, R. (1984). Social psychological aspects of competition for male youth sport participants: I. Predictors of competitive stress. *Journal of Sport Psychology*, 6, 208-226.*

SCALAN, T. K. (1996). Social Evaluation and the Competition Process: A Developmental Perspective. In F. L. Smoll & R. A. Magill (Eds.), *Children in sport, A Biopsychsocial Perspective* (pp. 298-308). University of Washington: McGraw-Hill Companies.

SCHMIDT, R. A. (1975). A schema theory of discrete motor learning. *Psychological Review*, 82, 225-260.*

SCOTT, J. P. (1962). Critical periods in behavioral development. *Science*, 138, 949-958.

SEEFELDT, V. (1982). The concept od readiness applied to motor skill acquisition. In F. L. Smoll, R. A. Magill & M. G. Ash (eds.), *Children in sport.* Champaign. IL.: Human Kinetics.

SEEFELDT, V. (1988). The concept od readiness applied to motor skill acquisition. In F. L. Smoll, R. A. Magill & M. G. Ash (eds.), *Children in sport*, (3rd ed.), (pp. 45-65). Champaign: Human Kinetics.

SEEFELDT, V. (1996). The concept od readiness applied to motor skill acquisition. In F. L. Smoll & R. A. Magill (Eds.), *Children in sport, A Biopsychsocial Perspective* (pp. 49-56). University of Washington: McGraw-Hill Companies.

SHAFFER, D. R. (1993). *Developmental psychology: Childhood ans adolescence* (3 rd Ed.). Pacific Grove, CA: Brooks/Cole.

SHARKEY, (1986). When should children begin competing? A physiological perspective. In M. R. Weiss & D. Gould (Eds.), *Sport for children and youths* (pp. 51-54). Champaign, IL: Human Kinetics.

SILVA, J. M. (1995). *Selecção de Jovens Basquetebolistas. Estudo univariado e multivariado no escalão dos 12 anos 14 anos.* Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

SILVA, R. M. (1992). *Avaliação dos Indicadores de Selecção em Voleibol. Aplicação de um modelo estatístico multivariado de classificação em voleibolistas do sexo feminino em escalões de formação.* Dissertação apresentada às provas de aptidão pedagógica e de capacidade científica. Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

SIMÕES, L. M. (1998). *A Selecção em Futebol. Um estudo em escalões de formação a partir do entendimento de treinadores e seleccionadores.* Tese de Mestrado. Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

SMITH, L. B. & THELEN, E. (Eds.). (1993). *A dynamic systems approach to development: Applications.* Cambridge, MA: MiT Press.*

SMOLL F. L. & SMITH R. E. (1996). Competitive Anxiety: Sources, Consequences, and Intervention Strategies. In F. L. Smoll & R. A. Magill (Eds.), *Children in sport, A Biopsychsocial Perspective* (pp. 359-380). University of Washington: McGraw-Hill Companies.

SOBRAL , F. (1988). *A Adolescente Atleta.* Lisboa: Livros Horizonte.

SOBRAL, F. (1991). *Performance*, Maturação e Prontidão. In *Desporto Escolar* (pp. 11-20). Lisboa: Ministério da Educação; Direcção Geral dos Ensinos Básico e Secundário; Direcção Geral dos Desportos; Desporto Escolar.

SOBRAL, F. (1993). População, selecção e performance: uma estratégia de investigação em Ciências do Desporto. *Espaço*, 1 (1), 23-30.

SOBRAL, F. (1994). *Desporto infanto-juvenil. Prontidão e talento.* Lisboa: Livros Horizonte.

SOBRAL, F. (1998). Jovens no desporto um pódio para todos: Mesa redonda. *Treino Desportivo*, I (4), (3ª Série), 17-34.

SOBRAL F. (1999). Os Factores Biossociais no Rendimento Desportivo dos Jovens. In Centro de Estudos e Formação Desportiva (Ed.), *Livro de Comunicações apresentada no Seminário Internacional: Treino de Jovens* (pp. 61-63). Lisboa: Secretaria de Estado do Desporto.

SUPER, D. E. (1990). A life-span, life-space approach to career development. In D. Brown, L. Brooks & Associates (Eds.), *Career choice and development*, (2nd Ed.) (pp. 197-261). San Francisco: Jossey, France.

TAVEIRA, M. C. (1997). *Exploração e desenvolvimento vocacional de jovens. Estudo sobre as relações entre a exploração, a identidade e a indecisão vocacional.* Tese de Doutoramento. Universidade do Minho: Instituto de Educação e Psicologia, Departamento de Psicologia.

TAVEIRA, M. C. (2000). Exploração Vocacional: Teoria, Investigação e Prática. *Psychologica, in press.*

TEODORESCU, L. (1977). *Theorie et Methodologie des Jeux Sportifs.* Paris: Les Éditeurs Francais Réunis.

TEODORESCU, L. (1984). *Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos colectivos.* Lisboa: Livros Horizonte.

THELEN, E., & ADOLPH, K. E. (1992). Arnold L. Gesell: The paradox of nature and nurture. *Developmental Psychology*, 28, 368-380.*

THIEß (1991). Das Nawuchstraining im Spiegel von 20 Jahren "Leistungssport". Fortschritte und Defizite. *Leistungssport*, 6(21), 12-14.*

TORRESCUSA L. C. (1998). Las Etapas de Formación en Balonmano: Processo Metodológico. (Comunicação). *Fórum de Andebol.* Lisboa.

TSCHIENE, P. (1985). Some Principles Concerning the Detection of Aptitude for Sport in Youth. (Comunicação). *I Seminário Internacional de Desportos Colectivos.* Espinho.

TSCHIENE, P. (1995). Adaptive Aspekte des Wettkampfs. *Leistungssport*, 1(25), 16-19.*

VEROFF, J. (1969). Social comparison and the development of achievement motivation. In C. P. Smith (Ed.), *Achievement-related motives in children* (pp. 46-101). New York: Russell Sage Foundation.*

WEINECK J. (1986). *Manual d'entraînement.* Paris: Editions Vigot Paris.

WEISS, M. & GOULD, D. (1986). Preface. In M. Weiss, D. Gould (Eds.), *Sport for Children and Youth,* The 1984 Olympic Scientific Congress Proceeding, Vol. X. (pp. XV-XVI). Champaign, IL: Human Kinetics Pubs..

WILD, M. (1938). The behavior pattern of thowing and some observations concerning its course of development in children. *Research Quarterly,* 9, 20-24.*

WOLF, R. M. (1990). Prediction in Research. In Keeves, J. P. (Ed.), *Education Research, Methodology, and Measurement: an International Handbook.* Oxford: Pergamon Press.*

YESSIS, M. (1981). Preparation of volleyball players in the URSS. *Volleyball Technical Journal,* 6 (2), 51-55.

ZAKHAROV, A. (1992). *Ciência do treinamento desportivo.* In Grupo Palestra (Ed.), (1ª ed.). Rio de Janeiro.

ZATSIORSKI, V. M. (1989). *Metrologia Desportiva.* Ciudad de la Habana: Editorial Pueblo Y Educacion.

---

* Consulta indirecta.

Anexos

UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Questionário

O presente questionário é um instrumento de recolha de dados para a elaboração de uma Tese de Mestrado em Ciências do Desporto, Área de Especialização de Treino em Alto Rendimento.

Pretendemos conhecer a opinião de seleccionadores/treinadores relativamente às exigências que o contexto da modalidade de Andebol coloca aos jovens que pretendem iniciar a preparação desportiva especializada nessa modalidade.

Comprometemo-nos com o total anonimato dos respondentes e confidencialidade das respostas.

Um sincero agradecimento pela sua colaboração.

Anexo n.º 1

SELECCIONADORES/TREINADORES

I - Identificação

1.1. Profissão:_____

1.2. Habilitações académicas:_____

1.3. Formação técnica-Andebol: 1.3.1. Grau/cursos:_____

I I - Prática desportiva

2.1. Como praticante

2.1.1. Foi praticante de Andebol? ☐ Não. Passe à questão n.º 2.2.1.
☐ Sim, durante quantos anos?_____

2.1.2. Quais os clubes, em que escalões, divisões e durante quantos anos foi praticante de Andebol?

Escalão	Clubes	Divisões (1ª, 2ª / regional, nacional,...)	Número de anos

2.1.3. Integrou selecções? ☐ Não. Passe à questão n.º 2.2.1.
☐ Sim, durante quantos anos?_____

2.1.4. Que selecção (nacional, regional, zona, ...), em que escalão e durante quantos anos integrou selecções?

Selecção	Escalão	Número de anos

2.1.5. Foi internacional ao nível de selecções? ☐ Não. Passe à questão nº. 2.2.1.
☐ Sim, quantas vezes?_____

2.2. Como treinador

2.2.1. Foi treinador de Andebol? ☐ Não. Passe à questão n.º 2.3.1.
☐ Sim, durante quantos anos?_____

2.2.2. Quais os clubes, em que escalões, de que sexo e durante quantos anos foi treinador de Andebol?

Escalão	Feminino/masculino	Clubes	Número de anos

2.2.3. Actualmente é treinador de algum escalão? ☐ Não. Passe à questão n.º 2.3.1.
☐ Sim, de que escalão e em que clube?_____

_____

2.3. Como seleccionador

2.3.1. Foi/é seleccionador de Andebol? ☐ Não. Passe à questão n.º 3.1.
☐ Sim, durante quantos anos?_____

Escalão	Nível de representação (regional, zona, nacional,...)	Número de anos

2.3.2. Actualmente de que selecção faz parte?_____
2.3.3. Atribuições como seleccionador:_____
_____
_____

III - Iniciação da preparação desportiva especializada em Andebol

3.1. Em que idade considera que o jovem praticante deve iniciar a preparação desportiva especializada em Andebol?_____
E porquê?_____
_____
_____
_____
_____

3.2. A modalidade coloca pré-requisitos ao jovem candidato a uma iniciação especializada?
☐ Não.
☐ Sim, quais?_____
_____
_____
_____
_____
_____

3.3. Que características lhe parecem prenunciar uma participação desportiva com sucesso?
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

IV - Processo de escolha/orientação desportiva para a prática do Andebol

4.1. Que importância atribui à avaliação e análise dos seguintes factores em jovens praticantes, com idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos, na escolha de praticantes (orientação desportiva) para o Andebol?

Por favor assinale com um circulo à volta do número que corresponde à sua resposta.

Factores	Nada importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Muitíssimo Importante
a) Antropométricos	1	2	3	4	5
b) Condicionais	1	2	3	4	5
c) Coordenativos	1	2	3	4	5
d) Técnicos	1	2	3	4	5
e) Tácticos	1	2	3	4	5
f) Psicológicos	1	2	3	4	5
g) Sociais	1	2	3	4	5
h) Outro(s):_____	1	2	3	4	5

4.2. Considerando os factores apresentados na questão anterior ordene-os de acordo com o seu grau de importância (decrescente):

1º-_____ 5º-_____

2º-_____ 6º-_____

3º-_____ 7º-_____

4º-_____ 8º-_____

V - Processos de selecção

5.1. Enquanto seleccionador/treinador, utiliza algum método para escolher os atletas?

☐ Não

☐ Sim:

- ☐ a) Objectivo (1). Exclua a questão n.º 5.3
- ☐ b) Objectivo (1) e subjectivo (2)
- ☐ c) Subjectivo (2). Passe à questão n.º 5.3

5.2. No método objectivo quais são os indicadores fundamentais em cada um dos factores?

Antropométricos	Condicionais	Coordenativos	Técnicos

Tácticos	Psicológicos	Sociais	Outro(s):_____

(1) - Por métodos objectivos entende-se a medição da altura, peso... e utilização de testes motores diferenciados.

(2) - Por métodos subjectivos entende-se a observação simples, sistemática ou não das capacidades, interesses e motivos dos atletas.

5.3. No método subjectivo quais são os indicadores fundamentais em cada um dos factores?

Antropométricos	Condicionais	Coordenativos	Técnicos

Tácticos	Psicológicos	Sociais	Outro(s):_____

5.4. Em função dos indicadores que referenciou na questão anterior, possui algum critério[1] para a escolha dos atletas?

☐ Não.

☐ Sim. Indique no quadro seguinte para os indicadores que apresentou os critérios utilizados:

Indicadores	Critérios

1) Exemplo: - Para o indicador altura o critério utilizado é ter o valor mínimo de 1,70 m.

VI - Escalão de Infantis

6.1. Caracterize as exigências que o jogo coloca ao jovem praticante.

6.2. Que competências são exigidas a um praticante (infantil) de Andebol?

UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Questionário

O presente questionário é um instrumento de recolha de dados para a elaboração de uma Tese de Mestrado em Ciências do Desporto, Área de Especialização de Treino em Alto Rendimento.

Pretendemos conhecer a opinião de docentes universitários relativamente às exigências que o contexto da modalidade de Andebol coloca aos jovens que pretendem iniciar a preparação desportiva especializada nessa modalidade.

Comprometemo-nos com o total anonimato dos respondentes e confidencialidade das respostas.

Um sincero agradecimento pela sua colaboração.

Anexo n.º 2

DOCENTES UNIVERSITÁRIOS

I - Identificação

1.1. Profissão:_____

1.2. Habilitações académicas :_____

1.3. Categoria docente:_____

1.4. Disciplinas que lecciona:_____

1.5. Formação técnica-Andebol: 1.5.1. Grau/cursos:_____

II - Prática desportiva

2.1. Como praticante

2.1.1. Foi praticante de Andebol: ☐ Não. Passe à questão n.º 2.2.1.
☐ Sim, durante quantos anos?_____

2.1.2. Quais os clubes, em que escalões, divisões e durante quantos anos foi praticante de Andebol?

Escalão	Clubes	Divisões (1ª, 2ª / regional, nacional,...,)	Número de anos

2.1.3. Integrou selecções? ☐ Não. Passe à questão n.º 2.2.1.
☐ Sim, durante quantos anos?_____

2.1.4. Que selecções (nacional, regional, zona, ...), em que escalões e durante quantos anos integrou selecções?

Selecção	Escalão	Número de anos

2.1.5. Foi internacional ao nível de selecções? ☐ Não. Passe à questão nº. 2.2.1.
☐ Sim, quantas vezes?_____

2.2. Como treinador

2.2.1. Foi treinador de Andebol? ☐ Não. Passe à questão n.º 2.3.1.
☐ Sim, durante quantos anos?_____

2.2.2. Quais os clubes, em que escalões, de que sexo e durante quantos anos foi treinador de Andebol?

Escalão	Feminino/masculino	Clubes	Número de anos

2.2.3. Actualmente é treinador de algum escalão? ☐ Não. Passe à questão n.º 2.3.1.
☐ Sim, de que escalão e em que clube?_____

_____

2.3. Como Seleccionador

2.3.1. Foi/é seleccionador de Andebol? ☐ Não. Passe à questão n.º 3.1.
☐ Sim, durante quantos anos?_____

Escalão	Nível de representação (regional, zona, nacional,...)	Número de anos

2.3.2. Actualmente de que selecção faz parte?_____

2.3.3. Atribuições como seleccionador:_____
_____
_____

III - Iniciação da preparação desportiva especializada em Andebol

3.1. Em que idade considera que o jovem praticante deve iniciar a preparação desportiva especializada em Andebol?_____
E porque?_____
_____
_____
_____

3.2. A modalidade coloca pré-requisitos ao jovem candidato a uma iniciação especializada?
☐ Não.
☐ Sim, quais?_____
_____
_____
_____
_____
_____

3.3. Que indicadores/características lhe parecem prenunciar uma participação desportiva com sucesso?
_____
_____
_____
_____
_____
_____

IV - Processo de escolha/orientação desportiva para a prática do Andebol

4.1. Que importância atribui à avaliação e análise dos seguintes factores em jovens praticantes, com idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos, na escolha de praticantes (orientação desportiva) para o Andebol?

Por favor assinale com um circulo à volta do número que corresponde à sua resposta.

Factores	Nada importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Muitíssimo Importante
a) Antropométricos	1	2	3	4	5
b) Condicionais	1	2	3	4	5
c) Coordenativos	1	2	3	4	5
d) Técnicos	1	2	3	4	5
e) Tácticos	1	2	3	4	5
f) Psicológicos	1	2	3	4	5
g) Sociais	1	2	3	4	5
h)Outro(s):_____	1	2	3	4	5

4.2. Considerando os factores apresentados na questão anterior ordene-os de acordo com o seu grau de importância (decrescente):

1º-_____ 5º-_____

2º-_____ 6º-_____

3º-_____ 7º-_____

4º-_____ 8º-_____

4.3. No referido processo de escolha dos atletas que método considera ser mais adequado?

☐ a) Objectivo (1). Exclua a questão n.º 4.5

☐ b) Objectivo (1) e subjectivo (2)

☐ c) Subjectivo (2). Passe à questão n.º 4.5

4.4. No método objectivo quais são os indicadores fundamentais a avaliar em cada um dos factores?

Antropométricos	Condicionais	Coordenativos	Técnicos

Tácticos	Psicológicos	Sociais	Outro(s):_____

(1) - Por métodos objectivos entende-se a medição da altura, peso... e utilização de testes motores diferenciados.
(2) - Por métodos subjectivos entende-se a observação simples, sistemática ou não das capacidades, interesses e motivos dos atletas.

4.5. No método subjectivo quais são os indicadores fundamentais a avaliar em cada um dos factores?

Antropométricos	Condicionais	Coordenativos	Técnicos

Tácticos	Psicológicos	Sociais	Outro(s):_____

4.6. Em função dos indicadores que referenciou na questão anterior, que critérios [1] devem ser considerados na escolha dos atletas?

☐ Não.

☐ Sim. Indique no quadro seguinte para os indicadores que apresentou os respectivos critérios:

Indicadores	Critérios

1) Exemplo: - Para o indicador altura o critério é ter o valor mínimo de 1,70m.

V - Escalão de infantis

5.1. Caracterize as exigências que o jogo coloca ao jovem praticante.

5.2. Que competências são exigidas a um praticante (infantil) de Andebol?